



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Câmpus de São José do Rio Preto

Pablo Jardel Oliveira do Rosário

Modalidade em abordagens estratificadas da oração:

usos de *(ser) capaz de/que*

São José do Rio Preto

2024

Pablo Jardel Oliveira do Rosário

Modalidade em abordagens estratificadas da oração:

usos de *(ser) capaz de/que*

Dissertação de Mestrado apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de São José do Rio Preto.

Financiadora:
CAPES - 88887.686502/2022-00

Orientadora: Prof^ª. Dra^ª. Marize Mattos
Dall’Aglio Hattnher

São José do Rio Preto
2024

R789m

Rosário, Pablo Jardel Oliveira do

Modalidade em abordagens estratificadas da oração :
usos de (ser) capaz de/que / Pablo Jardel Oliveira do
Rosário. -- São José do Rio Preto, 2024

142 f.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências
Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Marize Mattos Dall'Aglio Hattner

1. Linguística. 2. Funcionalismo. 3. Modelos de
estruturas em camadas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Pablo Jardel Oliveira do Rosário

Modalidade em abordagens estratificadas da oração:
usos de *(ser) capaz de/que*

Dissertação de Mestrado apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de São José do Rio Preto.

Financiadora:
CAPES - 88887.686502/2022-00

Comissão Examinadora
Titulares

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglío Hattner
UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
UFSCar – *Campus* de São Carlos

Prof^a. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
29 de maio de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus todo poderoso por me permitir chegar até aqui, aos meus pais, Dione e Gilberto, e a minha irmã, Luana Gabriela (*in memoriam*).

À minha querida Marize, que, além de ser uma orientadora incrível, é uma mãe que sempre me acolheu em meus momentos mais difíceis. Eu atravessei o país uma vez para ser o seu orientando e faria tudo outra vez. Somos parceiros na academia e na música. Nossos caminhos foram cruzados, como diz a canção.

Ao Roberto e à Célia, com quem tive o meu primeiro passeio no Estado de São Paulo. Aos meus queridos amigos Pedro Hattner (nosso maestro), Fred e André.

A todos os membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), pelo acolhimento.

Ao professor Sebastião Carlos, que muitas vezes foi um pai para mim. Registro aqui também meus agradecimentos a toda sua família, especialmente à Claudia e ao Anderson, que me apresentaram à Grande São Paulo.

À professora Sandra, pelas contribuições valiosas na qualificação. Ao professor Edson, pela amizade e incentivo de sempre.

Ao Gabriel Galvão, a primeira pessoa do PPGEL a semear a minha vontade de fazer mestrado na UNESP.

À Mari, pelos momentos de felicidade no último ano e pelo companheirismo... Ela estava lá quando eu estava escrevendo as primeiras versões dos capítulos desta dissertação.

Ao Mário Martins, o professor que mais me incentivou na vida. Quando eu crescer, quero ser igual a ele.

Aos meus colegas do PPGEL Monielly (pelos conselhos e pelo violão), Marcelo Faria, Jr. Prezotto, Bárbara Fante, Camila e, especialmente, Carolina, por suportar meus surtos diários.

Aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação, especialmente à Sílvia Kazama.

E, por fim, aos meus: Jean Michel, Jean de Pião, Júnior Leite, Gudú, Manéu, Neto, Washington, Berguinho, Edna e Eduardo, que foram frutos do campo de batalha, o qual trazia a morte que sempre nos perseguia. Como costumávamos cantar, *quando a polícia cai em cima de mim, até parece que sou fera*. Na visão da sociedade, vocês nunca foram nada, mas deixo os seus nomes aqui em algo que considero importante.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Familiarize yourself with multiple theoretical perspectives. Every theory offers unique insights into the nature of language, unique and valuable insights, but no theory has a monopoly on those insights or a monopoly on truth about the nature of language. Familiarizing yourself with multiple theoretical perspectives gives you a range of insights that you otherwise wouldn't get (Robert Van Valin, I Encuentro RELIF, 2022, n.p).

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é fazer uma descrição da construção *(ser) capaz de/que* no português brasileiro a partir de dois modelos gramaticais, nomeadamente a Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* — RRG), de Van Valin (2023), Valin; LaPolla (1997), Van Valin (1993), e a Gramática Discursivo-Funcional (*Functional Discourse Grammar* — GDF), de Hengeveld; Mackenzie (2008). Especificamente, este estudo busca: i) identificar os valores modais expressos pela construção em termos dos modelos teóricos adotados ii) mostrar como a variabilidade da estrutura complexa que a construção organiza pode ser explicada em função da distribuição hierárquica das modalidades em diferentes camadas da oração, isto é, como esses modelos podem lidar com a correlação entre os diferentes valores modais e as diferentes formas de expressão da construção; e, por fim, iii) comparar os resultados obtidos com o intuito de verificar em quais aspectos a adoção desses dois modelos teóricos pode viabilizar uma compreensão mais ampla da construção investigada. O *corpus* utilizado na pesquisa é o Corpus do Português (Davis; Ferreira, 2006), do qual extraíram-se dados do banco de dados web/dialetos. A análise baseada nos dois modelos teóricos relevou aspectos semânticos e sintáticos da construção: em termos da RRG, a construção modal *(ser) capaz de/que* pode ser meio expressão de modalidade de raiz (habilidade) e de *status* (modalidade epistêmica). Além disso, o exame baseado no modelo mostrou que construção pode figurar em diferentes níveis de juntura e tipos de nexos (juntura central cossubordinada, juntura oracional subordinada e juntura central coordenada). Em termos da GDF, a análise revelou que a construção pode ser meio de expressão de modalidade facultativa orientada para o participante, modalidade facultativa orientada para o evento, modalidade epistêmica orientada para o episódio e modalidade epistêmica orientada para a proposição e que, em termos morfossintáticos, a construção pode encaixar Orações subordinadas com Sintagmas Verbais nucleados por Palavras Verbais não finitas e finitas. A opção pelos dois modelos teóricos viabilizou, portanto, uma compreensão mais ampla dos aspectos semânticos e formais da construção.

Palavras-chave: Modalidade. *(ser) capaz de/que*. Gramática de Papel e Referência. Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

The main aim of this study is to describe the construction *(ser) capaz de/que* (be capable of) in Brazilian Portuguese using two grammatical models, namely the Role and Reference Grammar (RRG) by Van Valin (2023), Van Valin; LaPolla (1997), Van Valin (1993) and the Functional Discourse Grammar (FDG) by Hengeveld; Mackenzie (2008). Specifically, this study seeks to: i) identify the modal values expressed by the construction in terms of the theoretical models adopted ii) show how the variability of the complex structure that the construction organizes can be explained as a function of the hierarchical distribution of modalities in different layers of the sentence, that is, how these models can deal with the correlation between the different modal values and the different forms of expression of the construction; and, finally, iii) compare the results obtained in order to verify in which aspects the adoption of these two theoretical models can enable a broader understanding of the construction investigated. The corpus used in the research is the *Corpus do Português* (Davis; Ferreira, 2006), in which data was extracted from the web/dialect database. The analysis based on the two models revealed semantic and syntactic aspects of the construction: in terms of RRG, the modal construction *(ser) capaz de/que* can express root modality (ability) and status (epistemic modality). In addition, the examination based on the model showed that the construction can appear at different levels of juncture and types of nexus (core cosubordination, clausal subordination and core subordination). In terms of GDF, the analysis revealed that the construction can express participant-oriented facultative modality, event-oriented facultative modality, episode-oriented epistemic modality and proposition-oriented epistemic modality. In addition, in morphosyntactic terms, the construction can fit subordinate clauses with verbal phrases headed by non-finite and finite verb words. The adoption of the two models has, therefore, enabled a broader understanding of the semantic and formal aspects of the construction.

Key-words: Modality. *(ser) capaz de/que*. Role and Reference Grammar. Functional Discourse Grammar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Subtipos modais	28
Quadro 2 - Elementos semânticos subjacentes às unidades sintáticas da Estrutura da Oração em Camadas	45
Quadro 3 - Operadores na RRG	48
Quadro 4 - Tipos de nexos	59
Quadro 5 - Categorias de TAME na GDF.....	69
Quadro 6 - Subtipos modais na GDF	73
Quadro 7 - Constituição da Expressão Linguística	75
Quadro 8 - Classificação das orações subordinadas.....	78
Quadro 9 - Combinatória dos valores modais da construção com os níveis de juntura. 110	
Quadro 10 - Combinatória dos valores modais da construção com os tipos de nexos 110	
Quadro 11 - Atuação da construção na estrutura em camadas da GDF.....	128
Quadro 12 - Equivalência dos valores modais da construção (ser) capaz de/que e camada de atuação conforme a RRG e GDF	131
Figura 1 - Oposição universal subjacente à estrutura da oração	43
Figura 2 - Estrutura da Oração em Camadas.....	44
Figura 3 - Representação formal da Estrutura da Oração em Camadas.....	46
Figura 4 - Estrutura da oração em camadas da sentença em (61)	47
Figura 5 - Projeção de operadores na RRG	53
Figura 6 - LSC com projeção de constituintes e de operadores do exemplo (65).....	53
Figura 7 - Tipos de nexos na RRG	57
Figura 8 - Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais.....	60
Figura 9 - Hierarquia das Relações Interoracionais	61
Figura 10 - Arquitetura geral da GDF	62
Figura 11 - Estrutura em camadas no Nível Representacional.....	65
Figura 12 - Projeção de constituinte da sentença (145).....	99
Figura 13 - Projeção de constituintes e operador do exemplo (147).....	100
Figura 14 - Projeção da LSC do exemplo (156).....	107
Figura 15 - Projeção da LSC do exemplo (160).....	109
Figura 16 - Hierarquia das Relações Interoracionais	111
Figura 17 - Análise da estrutura complexa de (ser) capaz de/que.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de valores na RRG 95

Tabela 2 - Distribuição de valores na GDF 116

LISTA DE ABREVIACÕES

1 = primeira pessoa
3 = terceira pessoa
Abil = habilidade
Adjp = sintagma adjetival
ADV = advérbio
ARG = argumento
ARG = argumento
CERT = certeza
Cl = oração
Deon = deontico
Gw = palavra gramatical
IF = força ilocucionária
INCH = aspecto incoativo
Infr = inferência
Infr = inferência
IRH = hierarquia das relações interoracionais
IRH = hierarquia das relações interoracionais
Irr = irrealidade
Le = expressão linguística
LSC = Estrutura da Oração em Camadas
Nec = necessidade
NP = sintagma nominal
NUC = núcleo
Obj = objeto
Poss = possibilidade
Poss = possibilidade
PP = sintagma preposicional
PRED = predicado
Prog = progressivo
REM.PAST = passado remoto
SG = singular
Subj = sujeito
TAM = tempos, aspecto e modo/modalidade
V = verbo
Voli = volição
Vp = sintagma verbal
Vw = palavra verbal
XP = qualquer constituinte sintático
Xw = palavra

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - A MODALIDADE	15
1.1 A noção de modalidade	15
1.2 Os subtipos básicos de modalidade.....	19
1.4 O adjetivo <i>capaz</i> na literatura.....	32
CAPÍTULO II: MODELOS DE ESTRUTURAS EM CAMADAS DA ORAÇÃO.....	41
2.1 A Gramática de Papel e Referência (RRG)	43
2.1.1 A estrutura em camadas proposta pela RRG	43
2.1.2 Operadores gramaticais das camadas.....	48
2.1.3 Modalidade na RRG	49
2.1.4 Sentenças complexas na RRG: teoria da junção e teoria dos nexos	54
2.2 A Gramática Discursivo-Funcional (GDF)	61
2.2.1 As camadas no Nível Representacional da GDF.....	64
2.2.2 Categorias qualificacionais da oração na GDF.....	69
2.2.3 Modalidade na GDF	70
2.2.4 Sentenças complexas na GDF: subordinação	73
2.3 Predições dos modelos de estruturas em camadas.....	80
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	82
3.1 Constituição do <i>corpus</i>	82
3.2 Critérios de análise	83
3.2.1 Critério comum aos dois modelos.....	83
3.2.2 Critérios tratados na RRG	84
3.2.3 Critérios tratados na GDF.....	89
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO MODAL (<i>SER</i>) <i>CAPAZ DE/QUE</i> ...	94
4.1 Análise segundo a RRG	94
4.1.1 Padrão ser capaz de.....	95
4.1.2 Padrão ser capaz que	103
4.1.3. Padrão <i>capaz que</i>	107
4.1.4 Resumo do comportamento da construção (ser) capaz de/que segundo a RRG	109
4.2 Análise segundo a GDF.....	115
4.2.1 Padrão ser capaz de.....	116
4.2.2 Padrão ser capaz que	122
4.2.3 Padrão capaz que	126
4.2.4 Resumo do comportamento da construção (ser) capaz de/que segundo a GDF	127

4.3 Uma comparação entre as análises propostas em cada modelo	130
4.3.1 Valores modais da construção.....	130
4.3.2 Organização da estrutura complexa	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS	137

INTRODUÇÃO

Assumindo o pressuposto comum a vários modelos funcionalistas de que as categorias léxico-gramaticais podem ser organizadas em camadas hierárquicas, este estudo propõe uma descrição e análise dos usos modais da construção *(ser) capaz de/que* no português brasileiro, buscando caracterizar a diversidade de valores modais expressos por essa estrutura. Para cumprir essa tarefa, o trabalho serve-se de dois modelos estrutural-funcionais, nomeadamente a Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* — RRG) (Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 1993; Van Valin, 2023) e a Gramática Discursivo-Funcional (*Functional Discourse Grammar* — GDF) (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015). Esses dois modelos, como aponta Butler (2003), rejeitam a autonomia da gramática e compartilham uma explicação funcional para os fatos da língua, mas assumem pontos de vistas diferentes em relação à centralidade da sintaxe, da semântica e da pragmática. É justamente essa diversidade que justifica a adoção de duas teorias gramaticais nesta pesquisa, na medida em que os dois modelos selecionados permitem ampliar a visão sobre o objeto investigado.

Como aponta Hengeveld (2011), a ideia segundo a qual categorias gramaticais — especialmente as categorias de tempo, aspecto e modo — são organizadas em camadas hierárquicas da oração vem sendo explorada, desde o início dos anos 1980, em diferentes abordagens teóricas funcionalistas, tais como a Gramática de Papel e Referência (Foley; Van Valin 1984), a Gramática Baseada no Uso (Bybee 1985) e a Gramática Funcional (Dik, 1989) e, mais recentemente, a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Essa hierarquização pode ser ilustrada a partir do seguinte exemplo em Hidatsa, língua nativa norte-americana:

- (1) Hidatsa (Mattheus, 1965, apud Hengeveld, 2011, p. 581).
wíra i apaari ki stao ski
árvore 3.SG crescer INCH REM.PAST CERT
'A árvore com certeza começou a crescer há muito tempo.'¹

Modelos que concebem a oração como estratificada em camadas postulam que a ordem em que os marcadores dessas categorias são posicionados relativamente ao verbo indica as diferentes relações de escopo entre elas (Van Valin, 1993, p. 9; Hengeveld,

¹ No original: The tree must have started to grow a long time ago.”

2011).² Dessa forma, em (1), as categorias mais distantes do verbo têm escopo sobre as categorias mais próximas: *modalidade* > *tempo* > *aspecto* [verbo]. A hipótese subjacente a esse postulado é a de que essas diferentes categorias alocam-se em diferentes camadas da oração, na medida em que elas incidem sobre unidades (semânticas ou sintáticas, a depender do modelo) diferentes: no exemplo em (1), o aspecto, por expressar a constituição temporal interna do evento (Comrie, 1976), é codificado mais próximo ao verbo pela partícula *ki*, seguido por *stao*, que codifica a dimensão temporal externa do evento, seguido por *ski*, que codifica uma certeza do falante sobre a proposição apresentada por ele.

A adoção de modelos de gramáticas que partem da pressuposição de que a oração se estratifica em camadas é vantajosa para o estudo de uma categoria qualificacional como a modalidade, uma vez que essa categoria incide sobre diferentes unidades com diferentes estatutos semânticos e sintáticos. Além disso, a ideia de estratificação (*layering*) implica a pressuposição de que as diferentes categorias qualificacionais podem se relacionar (semântica e formalmente) de forma diferente a depender de suas relações hierárquicas, isto é, da camada em que atuam. Essa hierarquização pode definir possibilidades combinatórias entre as diversas categorias e suas restrições de coocorrência.

Na língua portuguesa, a eficácia da abordagem estratificada da oração para a análise das modalidades em perspectiva discursivo-funcional já foi atestada por Hattnher (2008, 2017), Hattnher e Olbertz (2018), Hattnher e Hengeveld (2016), Gasparini-Bastos (2014) e Souza (2017), sobretudo em sua expressão gramatical por meio de auxiliares. Na perspectiva da RRG, esse tipo de abordagem na análise e descrição da expressão gramatical (e lexical) pode ser vista em Vázquez Laslop (2009), Mora-Bustos (2009) e Lin e Chang (2011). Os dois primeiros trabalhos se debruçam sobre a língua espanhola e o último, sobre língua de sinais de Taiwan. O presente trabalho, entretanto, tem foco na expressão lexical da modalidade em língua portuguesa do Brasil, mais especificamente na análise da variedade de valores expressos pela estrutura *(ser) capaz de/que*, como já dito. As seguintes ocorrências, retiradas do *Corpus do Português* (Davis; Ferreira, 2006; 2016), ilustram a expressão a ser investigada:

² É preciso esclarecer que a correlação entre a ordem linear dos marcadores qualificacionais e seu escopo só pode ser estabelecida se essas categorias forem expressas por uma mesma estratégia gramatical: afixos com afixos, partículas com partículas, auxiliares com auxiliares, etc. (Van Valin, 1993; Hengeveld, 2017). Se, por exemplo, o aspecto for expresso por um morfema e a modalidade por auxiliar em uma dada língua, nenhuma ordem relativa ao predicado pode ser apontada.

- (2) Até agora você não **foi capaz de** desenvolver um argumento convincente. (arautodofuturo.wordpress.com)
- (3) Nem mesmo a busca espiritual **é capaz de** atenuar a busca mundana do consumo. (afischer.blog.uol.com.br)
- (4) Com a nova eleição presidencial se aproximando **é bem capaz que** os dirigentes do clube acabem deixando o futebol de lado para discutirem política. (elhombre.com.br)
- (5) A imprensa norte-americana não faz ideia de por que ele saiu de sua posição para admitir a culpa. Eu acho que ele fez isso para evitar algo pior, no caso, prisão. **Capaz que** tenha algo mais cabeludo para aparecer aí. (victormartins.warmup.com.br)

Observando-se as ocorrências (2-5), nota-se que a construção *(ser) capaz de/que* veicula diferentes significados associados ao campo da modalidade: em (2), há uma avaliação da capacidade do participante sujeito para se envolver na situação descrita pelo predicado da oração em posição de complemento. Em (3), *é capaz de* marca a situação descrita pelo verbo como viável em termos circunstanciais, no sentido que pode haver condições externas que, no caso, habilitam a ocorrência do evento descrito. Em (4), vê-se que a expressão codifica uma avaliação de possibilidade/probabilidade de ocorrência do evento descrito pela oração encaixada, da mesma forma que (5), em que a estrutura, agora reduzida ao adjetivo e à conjunção, também expressa a probabilidade de ocorrência do evento encaixado. Observa-se, nessas ocorrências,³ que as diferenças semânticas correspondem a diferentes configurações formais (tal como diferentes graus de integração sintática), de modo que um dos objetivos desta pesquisa é identificar as correlações entre a semântica e a morfossintaxe dessas expressões com base nos modelos teóricos mencionados acima.

Considerando-se essa diversidade de significados e essas diferentes expressões formais da construção, o que essa dissertação busca é fazer a análise e descrição da construção *(ser) capaz de/que* em termos das camadas nas quais se alocam as categorias modais, considerando as diferentes concepções da estrutura da oração prevista pelos dois modelos. Objetiva-se, especificamente : i) identificar os valores modais codificados pela expressão em termos dos modelos teóricos adotados ii) mostrar como a variabilidade da

³ Além desses usos aqui exemplificados, o verbo *capaz* ainda ocorre como um marcador discursivo (Bassi e Görski, 2014, p. 595), expressando surpresa ou dúvida, em ocorrências como: “M: Eram duas horas quando você me ligou. / C: Capaz que eram duas horas!?” / M: Sim, eram duas horas.” Esse tipo de uso foge ao escopo desta dissertação.

estrutura complexa que a expressão organiza pode ser explicada em função da distribuição hierarquizada das modalidades em diferentes camadas da oração, isto é, como a RRG e a GDF podem lidar com a correlação entre os diferentes valores modais e as diferentes formas de expressão da construção; e, por fim, iii) comparar os resultados obtidos com o intuito de verificar em quais aspectos os dois modelos teóricos podem viabilizar uma compreensão mais ampla da categoria investigada.

Assim, é intenção deste trabalho buscar respostas para as seguintes questões:

- i) Como se caracterizam, semântica e formalmente, os usos modais de *(ser) capaz de/que* no português do Brasil, considerando-se os modelos estrutural-funcionais da RRG e da GDF?
- ii) De que maneira a estrutura em camadas postulada por esses modelos pode explicar as determinações que os diferentes valores modais da construção em análise têm sobre a variabilidade da estrutura complexa em que ela figura?

Com o intuito de cumprir os objetivos e responder as questões propostas, esta dissertação está organizada da seguinte forma: o capítulo I aborda a noção de modalidade, seus subtipos, a questão da polissemia e algumas considerações sobre o adjetivo *capaz* na literatura. O capítulo II faz uma breve apresentação dos dois modelos teóricos adotados no trabalho, isto é, a Gramática de Referência e a Gramática Discursivo-Funcional, abordando suas concepções de estrutura hierárquica, os modos pelos quais esses modelos distribuem hierarquicamente as categorias modais e a forma como são tratadas as construções complexas e subordinadas. O capítulo III apresenta os aspectos metodológicos do trabalho, descrevendo a composição do *corpus* e os parâmetros de análise. O capítulo IV, por seu turno, apresenta o estudo da estrutura *(ser) capaz de/que* com base nos parâmetros analíticos adotados, discutindo os seus diferentes valores modais expressos e o impacto que essa polissemia tem sobre a estrutura complexa em que figura. Além disso, esse capítulo traz um balanço comparativo entre os resultados obtidos e comenta os ganhos advindos da adoção dos dois modelos estruturais-funcionais para a análise de uma categoria qualificacional. Encerram esta dissertação as Considerações Finais, seguidas das referências bibliográficas.

CAPÍTULO I - A MODALIDADE

1.1 A noção de modalidade

Definir a categoria de modalidade não é tarefa fácil e muitas são as propostas de definição oferecidas por diferentes estudos e por diferentes abordagens ao longo do tempo. Com efeito, as definições da categoria oferecidas na literatura especializada parecem apenas concordar na complexidade que a definição da categoria envolve, como se constata na seguinte afirmação: “inegavelmente, [a modalidade] é um assunto de considerável complexidade, repleto de categorias possivelmente confusas e certamente escorregadias” (King, 1997, p. 362) (Tradução nossa).⁴

No âmbito dos estudos linguísticos, Narrog (2005) aponta três diferentes tendências na definição da categoria: (i) a modalidade enquanto meio de expressão (ou gramaticalização) das atitudes do falante ou a expressão de suas opiniões e emoções; (ii) a modalidade enquanto qualquer expressão linguística fora do âmbito da proposição; e (iii) a modalidade enquanto codificação da indeterminação de estatuto de factualidade.

A tendência em (i) — a modalidade enquanto expressão de atitudes do falante — é uma das visões sobre a matéria que recebe ampla aceitação nos estudos linguísticos e gramaticais. Uma definição de modalidade no âmbito dessa tendência é vista em Lyons (1977, p. 452, tradução nossa),⁵ segundo o qual a categoria diz respeito à “opinião ou atitude [do falante] com relação à proposição que a sentença expressa ou à situação que a proposição descreve.” Outra definição nesses termos é também vista em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 176):

Modo e modalidade não são definidos tão facilmente como o tempo e o aspecto. Uma definição frequentemente proposta é a de que a modalidade é a gramaticalização das atitudes (subjctivas) e opiniões de falante. (Tradução nossa)⁶

⁴ [u]ndeniably, [modality] is a subject of considerable complexity, fraught with possibly fuzzy, certainly slippery categories, [and is] poorly defined despite considerable recent progress.

⁵ No original: [...] opinion or attitude towards the proposition that the sentence expresses or the situation the proposition describes.

⁶ Mood and modality are not so easily defined as tense and aspect. A definition often proposed is that modality is the grammaticization of speakers (subjective) attitudes and opinions.

A tendência (ii) — a modalidade enquanto qualquer expressão linguística fora do âmbito da proposição — remete a contribuições como as de Fillmore (1968). Segundo o autor, na estrutura da sentença tem-se a chamada *proposição*, definida em seus termos como um conjunto de relações entre verbos e nomes, que é separada do que ele chama de *constituente de modalidade (modality constituent)*, que incluiria a negação, o tempo, o modo e o aspecto.

A concepção de modalidade segundo a tendência (iii) — a modalidade envolvendo a noção de factualidade — é encontrada em Palmer (1999). Assim diz o autor:

Duas características claramente associadas à modalidade são não-factualidade e subjetividade. Não há dúvida de que são características da modalidade epistêmica. Por isso os modais epistêmicos PODER e DEVER expressam julgamentos sobre a possibilidade de estados de coisas: *John pode/deve estar em seu escritório* expressa algum tipo de conclusão sobre a probabilidade de *John estar em seu escritório*. Eles não expressam declarações diretas de fatos ou afirmações categóricas, como em *John está em seu escritório*. (p. 230, tradução nossa)⁷

Como é possível notar, as tentativas de definições de modalidade abrigadas no âmbito dessas tendências exibem as várias facetas que a categoria envolve: atitudes do falante, opiniões, factualidade, estado de coisas, proposição etc., mostrando, assim, a grande complexidade que envolve o estudo desse tema.

Além disso, cada uma dessas abordagens guarda as suas próprias dificuldades. A opção por definir a modalidade como expressão das atitudes de falante — por ser uma definição muito ampla — esbarra na grande variedade da sua expressão, tanto por meio de elementos gramaticais quanto lexicais, tornando difícil a sua identificação como uma categoria gramatical⁸ (Narrog, 2005, p. 175; Narrog, 2012, p. 5; Narrog, 2017, p. 77). A opção por considerar a categoria como qualquer expressão fora do âmbito da proposição, por sua vez, esbarra no problema de alocar outras categorias gramaticais bem delimitadas nos estudos (como o tempo e o aspecto) dentro da modalidade. E, por fim, a consideração

⁷ No original: Two features clearly associated with modality are nonfactuality and subjectivity. There is no doubt that they are characteristics of epistemic modality. Thus epistemic MAY and MUST make judgments about the possibility etc., of states of affairs: *John may/must be in his office* draws some kind of conclusion concerning the likelihood of *John being in his office*. They do not make straightforward statements of facts or categorical assertions, as does *John is in his office*.

⁸ Por exemplo, se a concepção de modalidade enquanto opinião do falante é levada a seus extremos, a categoria de voz também seria considerada como expressão de modalidade, uma vez que ela mostra uma espécie de ponto de vista do falante diante situação descrita na sentença.

da modalidade em termos de factualidade frequentemente considera apenas sua atuação no âmbito dos estados de coisas, o que excluiria avaliações sobre proposições, uma parte importante da qualificação modal.

É preciso esclarecer, no entanto, que não é pretensão desta dissertação discutir e avaliar as tentativas de definição da categoria e defender a primazia de uma definição sobre as outras. Como dizem Van der Auwera e Plungian (1998, p. 80), “a modalidade e seus tipos podem ser definidos e nomeados de várias formas. Não há uma maneira correta. O único requisito é que se deixe claro como se utilizam os próprios termos” (tradução nossa).⁹

Reconhecendo que todas as tentativas de definições são coerentes no âmbito de suas próprias abordagens, buscou-se, apenas para fins operacionais deste trabalho, uma definição nos moldes daquela proposta por Olbertz e Hattner (2018), baseada em Narrog (2005, 2012), que envolve a qualificação tanto de eventos, entidades de segunda ordem avaliadas em termos de sua realidade, quanto de proposições, entidades de terceira ordem avaliadas em termos de sua verdade:

Nós definimos a modalidade como a marcação de um (conjunto de) Estado(s) de Coisas ou Conteúdo Proposicional como sendo indeterminados com respeito ao seu estatuto factual, i. é., nem positivamente nem negativamente factual (Olbertz; Hattner, 2018, p. 133, tradução nossa)¹⁰

Assim entendida, a modalidade pode ser concebida como uma categoria gramatical, assim como tempo e o aspecto (Narrog, 2012). Juntas, essas categorias integram um complexo comumente chamado de *categorias qualificacionais* (Nuyts, 2016, p. 32).

Como será possível verificar no capítulo subsequente, a acomodação da modalidade enquanto uma categoria qualificacional, tal como tempo e o aspecto, está em conformidade com o tratamento oferecido pela Gramática de Papel e Referência (Van Valin; LaPolla, 1997) e pela Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), que distribuem a modalidade junto das outras categorias em termos hierárquicos.

Para uma ilustração inicial dessa concepção de modalidade, considerem-se as sentenças abaixo:

⁹ No original: Modality and its types can be defined and named in various ways. There is no one correct way. The only requirement is that one makes clear how one uses one's terms.

¹⁰ No original: We define modality as the marking of a (set of) State(s)-of-Affairs or a Propositional Content “for being underdetermined with respect to its factual status, i.e. neither positively nor negatively factual”.

- (6) O menino está em casa agora.
- (7) O menino **deve** estar em casa agora.

A sentença em (6) é não marcada do ponto de vista modal, de modo que, no intervalo de tempo referido, é tida como factual (Narrog, 2012, p. 7). A sentença em (7), por outro lado, apresenta a situação de *o menino estar em casa* como indeterminada factualmente devido à presença do auxiliar *dever*. Em (6), entende-se que *é factual que o menino esteja em casa agora*, enquanto, em (7), entende-se que *é provável que o menino esteja em casa agora*, de modo que não é possível determinar a factualidade da proposição *o menino estar em casa* ao ser modalizada pelo verbo *dever*.

Um aspecto importante, neste ponto do texto, diz respeito ao papel do falante, que não pode ser desconsiderado nas qualificações modais. Afinal, costuma-se destacar o seu papel nas próprias definições da categoria oferecidas nos contextos dos modelos teóricos assumidos neste trabalho. Hattner e Hengeveld (2016, p. 4), ao definirem o que se chama na GDF de modalidade epistêmica subjetiva, dizem que esse subtipo modal “expressa o comprometimento do falante com respeito ao valor de verdade de um conteúdo proposicional” (tradução nossa).¹¹ Vázquez Laslop (2009, p. 428), por sua vez, também destaca a atitude do falante sobre da proposição ao falar da categoria de *status* na RRG. Isso mostra que o papel do falante nas avaliações modais precisa ser considerado ao lado da noção de factualidade.¹²

Passando agora a comentar os meios de expressão, a modalidade pode, a depender da língua envolvida, ser expressa por meios lexicais ou gramaticais. Exemplos inequívocos de expressão lexical de modalidade são os advérbios, como na sentença abaixo:

- (8) **Provavelmente** vai chover mais tarde.

Em (8), o advérbio marca o comprometimento do falante com relação ao valor de verdade da proposição expressa pela sentença.

¹¹No original: [...] expresses the speaker’s commitment with respect to the truth value of a propositional content.

¹² Lyons, em obra publicada em 1968, entende a modalidade como o comprometimento do falante com relação ao estatuto factual do que ele diz. Nota-se, assim, que o autor utiliza a noção de factualidade, mas não necessariamente descarta o papel do falante. Como aponta Narrog (2005), aspectos das três tendências para se definir modalidade podem ser combinados

A expressão gramatical da modalidade pode ser feita por diferentes meios, como se vê de (9) a (11):

- (9) Turco (Cinque, 2001, p. 55)
Oku-mali-yım
read-oblig-1sg
'Eu tenho que ler'
- (10) Guajá (Magalhães, 2007, p. 85)
Ø-ú tá apó pé-pe wỹ
3-vir PROJ POSS lá-LOC PLU
'É possível que eles venham de lá'
- (11) Português (Neves, 2000, p. 123)
Ela **deve** chegar já.

Em (9), o **sufixo** *-mali* expressa a obrigatoriedade do participante de se envolver na situação denotada pela base verbal *-oku* 'ler'. Em (10), a **partícula** *apó* indica que o conteúdo da sentença é qualificado pelo falante como uma possibilidade, um tipo de modalidade epistêmica. E em (11), a indeterminação factual da proposição expressa pela sentença é marcada pelo **auxiliar** *dever*, que integra uma perífrase (*devem + chegar*), indicando necessidade epistêmica.

A essa diversidade de expressão formal, soma-se à diversidade de valores semânticos, organizados em subtipos, como se verá na próxima subseção deste capítulo.

1.2 Os subtipos básicos de modalidade

Assim como há complexidades na definição da categoria de modalidade, há também complexidades e divergências quanto à identificação dos seus subtipos.

Como aponta Neves (2000), na base da subclassificação das modalidades está uma bipartição entre as ditas modalidades de raiz (ligadas às ações do mundo) e as epistêmicas (ligadas ao conhecimento), uma dicotomia que tem seus fundamentos em Aristóteles e nos lógicos escolásticos da Idade Média. A ideia básica é a de que as modalidades têm, em princípio, uma dupla função: podem afetar uma parte da proposição, espaço onde se alocaria a modalidade de raiz, ou podem afetar uma proposição inteira, espaço onde as categorias modais epistêmicas se alocariam (Neves, 2000).

Especificamente no âmbito dos estudos linguísticos (que tratam a modalidade nas línguas naturais e não na lógica em si), as complexidades e divergências mostram-se evidentes quando se constata que, mesmo se assumindo, em princípio, uma bipartição entre modalidade de raiz e epistêmica, as subcategorias dentro dessa divisão maior podem ainda variar. Por exemplo, alguns estudiosos reconhecem que há, pelo menos, dois tipos de modalidade epistêmica (um tipo subjetivo e um tipo objetivo) e que tal distinção pode ser linguisticamente relevante (Olbertz; Hattner, 2018), diferentemente de outros, que não reconhecem a relevância dessa distinção (Nuyts, 1992). Há também propostas que tratam a modalidade dinâmica (capacitativa) como marginal às outras categorias modais, não sendo consensual a consideração desse tipo de domínio semântico como pertencente às categorias modais, como o domínio epistêmico e o deontico.

Proposta de classificação bastante conhecida da categoria é encontrada em Palmer (2001), que divide a modalidade em dois grandes blocos: *modalidades proposicionais* e *modalidades de evento*. As primeiras estão relacionadas com a avaliação do falante sobre o estatuto factual ou não da proposição expressa pela sentença, como em (12) e (13), enquanto as segundas lidam com a atitude do falante em relação a um potencial evento futuro, como em (14) e (15), exemplos de (Palmer (2001, p. 7):

(12) Kate **pode** estar em casa agora. [possibilidade]

(13) Kate **deve** estar em casa agora. [probabilidade]

(14) Kate **pode** entrar agora. [autorização]

(15) Kate **deve** entrar agora. [obrigação].¹³

O autor explicita a distinção entre esses dois tipos de modalidade por meio de paráfrases tais como:

(12') É possível (possivelmente o caso) que Kate esteja em casa.

(13') É necessariamente o caso de que Kate esteja em casa.

(14') É possível para Kate que ela entre em casa agora.

(15') É necessário para Kate que ela entre agora.¹⁴

¹³ No original: Kate may be at home now / Kate must be at home now / Kate may come in now / Kate must come in now.

¹⁴ No original: It is possible (possibly the case) that Kate is at home now / It is necessarily the case that Kate is at home now / It is possible for Kate to come in now / It is necessary for Kate to come in now

Essa distinção básica da modalidade entre os tipos proposicionais e de eventos pode facilmente ser relacionada à tradicional divisão da categoria entre as modalidades de raiz (que seriam as de evento) e as epistêmicas (que seriam as proposicionais).

Entre as modalidades proposicionais, Palmer (2001, p. 24) reconhece dois subtipos: a modalidade *epistêmica* e a *evidencial*. Ambas lidam, segundo o autor, com o estatuto de factualidade da proposição expressa na sentença. Entretanto, a diferença básica entre elas é a de que, por meio da modalidade epistêmica, o falante faz julgamentos acerca do estatuto factual da proposição, enquanto, por meio da modalidade evidencial, ele indica a evidência pela qual chegou à proposição.

Entre as modalidades de evento, o autor também reconhece dois subtipos: modalidade *deôntica* e *dinâmica* (Palmer, 2001, p. 10). A diferença basilar entre esses dois subtipos é a de que, na modalidade deôntica, os fatores condicionantes são externos ao participante do evento, enquanto, na modalidade dinâmica, tais fatores são internos ao próprio. Dessa forma, o subtipo deôntico relaciona-se, de acordo com Palmer (2001), a obrigações ou permissões cujas fontes são externas. A modalidade dinâmica, por sua vez, relaciona-se à habilidade/capacidade ou disposição, cujas fontes emanam do participante do evento. Essa diferença pode ser vista nos exemplos abaixo, oferecidos pelo autor.

- (16) John **pode** entrar agora (permissão)
- (17) John **deve** entrar agora (obrigação)
- (18) John **pode** falar francês (habilidade) (Palmer, 2001, p. 10).¹⁵

Os exemplos (16) e (17) ilustram o valor modal deôntico, cujas semânticas são de permissão e obrigação respectivamente. Especificamente, em (16) entende-se que *John tem permissão para entrar agora*, e, em (17), que *John é obrigado a entrar agora*. No exemplo (18), por seu turno, entende-se que *John tem a capacidade (habilidade) de falar francês*.

Palmer (2001) ainda afirma que a habilidade, que é um dos campos semânticos da modalidade dinâmica, pode ser interpretada mais genericamente do que em termos de aptidões físicas ou mentais do participante para incluir circunstâncias que afetam a situação descrita, como ilustram as sentenças abaixo:

¹⁵ No original: John may/can come in now (permission) / John must come in now (obligation) / John can speak French (ability)

- (19) Ele **pode** correr uma milha em cinco minutos (dinâmico: ele tem habilidade)
(20) Ele **pode** escapar (dinâmico: a porta não está trancada) (Palmer, 2001, p. 10).¹⁶

No primeiro caso, o item modal expressa uma habilidade do participante. A ocorrência do evento descrito na sentença decorre dessa habilidade. No segundo caso, por seu turno, o item modal já avalia circunstancialmente a situação denotada, de modo que o evento descrito na sentença decorre desse elemento circunstancial, que faculta a sua ocorrência. No caso de (20), tal elemento circunstancial se deve ao fato de a *porta não estar trancada*, o que torna *possível ele escapar*.

Outra proposta de subtipos modais é encontrada em Nuyts (2016). O autor reconhece que não há unanimidade entre as abordagens no que diz respeito às subcategorias modais. No entanto, assim como muitos outros autores, Nuyts (2016, p. 33) propõe que a modalidade, em termos mais tradicionais, englobe as dimensões semânticas *dinâmicas, deônticas e epistêmicas*.

Segundo esse autor, a modalidade dinâmica tem recebido diferentes nomes na literatura, como, por exemplo, *modalidade facultativa* (Goossens, 1985) e *modalidade inerente* (Hengeveld, 1988). É o primeiro termo, no entanto, que é adotado pelo autor. Em termos mais estritos, Nuyts (2016, p. 34) propõe que a modalidade dinâmica seja caracterizada como atribuição de uma capacidade (ou habilidade) ao referente do primeiro argumento (ou controlador) do predicado para realizar ou efetuar o estado de coisas expresso na oração. É o que se vê em (21).

- (21) Ele **pode** ficar de cabeça para baixo sem usar as mãos. (Nuyts, 2016, p. 34)¹⁷

Como se vê, esse tipo de modalidade avalia a capacidade do participante codificado pelo Sintagma Nominal (NP)¹⁸ sujeito da sentença. No caso especificamente de (21), o referente descrito no NP pronominal *ele* é caracterizado como tendo capacidade de *ficar de cabeça para baixo sem usar as mãos*.

¹⁶ No original: He can run a mile in five minutes (dynamic: he has ability) / He can escape (dynamic: the door's not locked)"

¹⁷ No original: He can stand on his head without using his hands.

¹⁸ Nesta dissertação, as abreviaturas dos tipos de sintagmas utilizadas serão as que derivam dos termos em inglês.

Diz Nuyts (2016, p. 34) que uma distinção que precisa ser feita no âmbito da categoria desse tipo de modalidade é entre habilidades ou necessidades que pertencem inerentemente ao referente do argumento do predicado e fontes ou necessidades que são determinadas por circunstâncias externas a ele. Um exemplo é dado abaixo:

(22) A garagem é gratuita para que você **possa** estacionar seu carro lá. (Nuyts, 2016, p. 35)¹⁹

Em (22), diferentemente de (21), a possibilidade de ocorrência da situação descrita pelo predicado principal já não tem sua fonte nas capacidades do seu primeiro argumento, mas se ampara em circunstâncias externas a ele, nomeadamente o fato de *a garagem ser gratuita*. É, pois, um caso semelhante ao de (20).

O autor pontua que é ainda mais controverso o estatuto da chamada *modalidade situacional* (que seria, segundo ele, um subtipo do domínio dinâmico). Afirma ele que esse campo modal ainda envolve possibilidades e necessidades, mas não relacionadas a nenhum participante do evento. Na verdade, esse campo relaciona-se ao estado de coisas descrito como um todo (Nuyts, 2016, p. 35). É que se observa em:

(23) **Pode** chover todos os dias aqui no inverno. (Nuyts, 2016, p. 35)²⁰

(24) Todos os navios **podem** afundar. (Nuyts, 2016, p. 35)²¹

É possível notar que esse valor modal é claramente diferente do valor epistêmico, já que, como defende Nuyts (2016), ele não envolve uma estimativa acerca da possibilidade/probabilidade de estado de coisas ocorrer ou ter ocorrido. No entanto, a consideração de que esse tipo de avaliação é um tipo de modalidade dinâmica é um terreno de disputa.

Quanto à *modalidade deôntica*, Nuyts (2016, p. 36) afirma que, tradicionalmente, ela é definida em termos de “obrigação” e “permissão”. Segundo o autor, de um modo mais geral, a modalidade deôntica pode ser definida como a indicação do grau de desejabilidade (*desirability*) moral do estado de coisas expresso na sentença. Nuyts (2016) ainda aponta que a noção de “moralidade”, no âmbito dessa definição, pode ser tomada amplamente — uma vez que tanto pode envolver “normas sociais” quanto “ética

¹⁹ No original: The garage is free so you can park your car there.

²⁰ No original: It can rain here every day in winter.

²¹ No original: All ships can sink.

peçoal” relacionada ao indivíduo que é responsável pela avaliação deôntica (a avaliação modal pode variar a depender do indivíduo envolvido). Exemplos de modalidade deôntica oferecidos pelo autor podem ser vistos abaixo:

(25) Você **pode** ir agora.²²

(26) **Exijo** que você saia imediatamente. (Nuyts, 2016, p. 37)²³

Em (25), o auxiliar *poder* caracteriza o indivíduo codificado pelo NP sujeito (*você*) em termos de sua permissão para realizar a ação descrita pelo verbo *ir*. Em (26), por sua vez, o predicado lexical *exigir* qualifica a situação descrita pela completiva (*você sair imediatamente*) como obrigatória.

Nuyts (2016, p. 37) aponta que é uma questão controversa saber se, de fato, a noção de ‘volição’, como em (27), deveria integrar, ou não, a modalidade deôntica.

(27) Eu **quero** ouvir toda a história. (Nuyts, 2016, p. 37)²⁴

Segundo ele, algumas escolas defendem que esse tipo de domínio semântico pertence, sim, à modalidade deôntica e outras o compreendem como integrante da modalidade dinâmica. O lugar do domínio da volição, segundo a perspectiva de Nuyts (2016), é, pois, uma questão de disputa.

A modalidade *epistêmica* é a terceira subcategoria modal definida por pelo autor. Segundo ele, sua definição central é relativamente livre de controvérsia. É o subtipo modal que envolve uma estimativa (tipicamente, mas não necessariamente, do falante) acerca da possibilidade/probabilidade de o estado de coisas ocorrer no mundo. Um dos exemplos do autor é visto abaixo:

(28) **Provavelmente** é o carteiro que traz o jornal hoje. (Nuyts, 2016, p. 38)²⁵

Um outro subtipo modal ainda reconhecido por Nuyts (2016) é a modalidade *bulomaica*, que, segundo ele, diz respeito a uma indicação do grau de apreciação (ou não) do falante acerca do evento descrito na sentença, como em:

²² You **may** go now.

²³ No original: I **demand** that you leave immediately.

²⁴ No original: I **want to** hear the whole story.

²⁵ No original: That's **probably** the postman bringing today's newspaper.

(29) Ele ganhou o jogo. **Ótimo!** (Nuyts, 2016, p. 39).²⁶

É preciso esclarecer, no entanto, que esse subtipo modal não é sistematicamente discutido na literatura sobre as categorias modais — e a razão pela qual isso ocorre não é totalmente clara (Nuyts, 2016).

Van der Auwera e Plungian (1998), por sua vez, propõem que a modalidade se subdivide em quatro tipos semânticos, associados às noções de possibilidade e necessidade. Nessa perspectiva, um desses tipos é o que esses autores chamam de *modalidade interna ao participante* (*participant-internal modality*), que se refere à expressão de possibilidades ou de necessidades inerentes ao participante do estado de coisas. No âmbito da possibilidade, tem-se as habilidades (ou capacidades) desse participante e, no âmbito da necessidade, tem-se as necessidades que lhes são internas. É o que se vê, respectivamente, nos exemplos abaixo:

(30) Boris **pode** sobreviver dormindo cinco horas por noite.²⁷

(31) Boris **precisa** dormir dez horas todas noites para funcionar bem. (Van der Auwera e Plungian, 1998, p. 80)²⁸

Em (29), o verbo *poder* descreve a capacidade do participante — expresso pelo NP nominal *Boris* — de se envolver na situação denotada pelo predicado *sobreviver*. Em (30), por seu turno, a verbo lexical *precisar* descreve *Boris* como tendo necessidade de se envolver no evento descrito por *dormir* presente na completiva.

O segundo tipo modal no qual as noções de possibilidade e necessidade contrastam é o que Van der Auwera e Plungian (1998) chamam de *modalidade externa ao participante* (*participant-external modality*). Esse tipo diz respeito às circunstâncias não inerentes ao participante (se houver) do estado de coisas, qualificando-o simplesmente como possível ou necessário, como nos casos abaixo:

(32) Para chegar à estação, você **pode** pegar o ônibus 66. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 80)²⁹

²⁶ No original: He has won the game. **Great!**

²⁷ No original: *Boris can get by with sleeping five hours a night.*

²⁸ No original: *Boris needs to sleep ten hours every night for him to function properly.*

²⁹ No original: *To get to the Station, you can take bus 66 / To get to the Station, you have to take bus 66.*

- (33) Para chegar à estação, você **tem que** pegar o ônibus 66. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 80)³⁰

Em (32), a modalidade externa ao participante tem valor de possibilidade. É o ônibus 66 o único meio de transporte que faz ser possível o participante chegar à estação. Em (33), por outro lado, a modalidade externa ao participante tem valor de necessidade: para se chegar à estação, o ônibus 66 torna-se necessário (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 80-81).

O terceiro tipo modal reconhecido por Van der Auwera e Plungian (1998) é a *modalidade deôntica*. Segundo os autores, trata-se de um subtipo ou um caso especial de modalidade externa ao participante. A modalidade deôntica, segundo eles, lida com circunstâncias externas ao participante, como normas sociais e éticas, que o permitem ou o obrigam a se engajar no estado de coisas:

- (34) John **pode** sair agora. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 81)³¹

- (35) John **deve** sair agora. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 81)³²

No exemplo em (34), vê-se um caso de permissão: existe alguma pessoa com autoridade e/ou alguma norma que faz a saída de John ser possível, de modo que a noção de permissão é um tipo de possibilidade deôntica. O exemplo em (35), por sua vez, expressa obrigação, isto é, um tipo de necessidade deôntica: uma pessoa com autoridade e/ou alguma norma faz com que a saída de *John* seja necessária.

O quarto e último tipo modal identificado pelos autores é a *modalidade epistêmica*, que, segundo eles, refere-se ao julgamento do falante sobre uma proposição: uma proposição é qualificada como incerta ou provável com base em algum juízo (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 81).

- (36) John **pode** ter chegado. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 81)³³

- (37) John **deve** ter chegado. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 81).³⁴

Em (36), a *chegada de João* é qualificada como incerta. Há, no exemplo, a expressão de possibilidade epistêmica. No exemplo presente em (37), a *chegada de John*

³⁰ No original: *To get to the station, you have to take bus 66.*

³¹ No original: *John may leave now.*

³² No original: *John must leave now.*

³³ No original: *John may have arrived.*

³⁴ No original: *John must have arrived.*

é modalizada como relativamente certa. Há, diferentemente de (36), expressão de necessidade epistêmica nesse caso.

Além desses quatro tipos modais nos quais se encontra o contraste entre as noções de possibilidade e necessidade, Van der Auwera e Plungian (1998, p. 84) identificam outra noção frequentemente subsumida como modalidade: a noção de *volição* ou *desejo*. Um dos exemplos oferecidos por eles é o seguinte:

(38) Fred **quer** aprender francês. (Van der Auwera; Plungian, 1998, p. 84)³⁵

Outra proposta de subclassificação das modalidades é encontrada em Narrog (2005; 2012). Segundo ele, o campo semântico modal pode ser dividido por meio de duas dimensões, nomeadamente a dimensão da *volitividade* e a dimensão da *orientação* (se para o evento ou se para a ato de fala).

Os subtipos modais com o traço de volitividade possuem alguma força caracterizada pelo *elemento do querer* (*element of will*),³⁶ isto é, há a manifestação de um interesse para que o evento expresso na oração seja performado (Narrog, 2012, p. 47), enquanto, nos modais sem esse traço, tal força não é identificada. De acordo com Narrog (2012, p. 49), incluem-se entre as modalidades não volitivas os subtipos epistêmicos, evidencial, existencial, modalidade interna ao participante e modalidade circunstancial e entre as volitivas, os subtipos deônticos, bulomaico, preferencial e teleológico

A outra dimensão (a da orientação) diz respeito ao fato de que um marcador modal pode ser relacionado ao evento descrito na sentença ou ao ato de fala. Assim, Narrog (2012, p. 49) reconhece subtipos modais que são orientadas para o evento (*event orientation*) ou orientadas para o ato de fala (*speech act orientation*). Um item modal tem orientação para o evento se o julgamento modal denota condições sobre um participante do evento descrito ou sobre o evento como um todo (Narrog, 2012, p. 51). Por outro lado, um elemento modal tem orientação para o ato de fala se está diretamente ligado à situação do ato de fala, isto é, ao próprio julgamento modal do falante no tempo da fala em uma dada situação discursiva (Narrog, 2012). No âmbito da dimensão da orientação para o evento, incluem-se as modalidades teleológica, circunstancial, modalidade interna ao participante e existencial e, no âmbito da orientação para o ato de fala, tem-se os subtipos modais deôntico, preferencial, bulomaico, epistêmico e evidencial.

³⁵ No original: *Fred wants to learn French.*

³⁶ Salvo engano, o primeiro estudo a propor o *elemento do querer* (*element of will*) como um aspecto balizador das categorias modais foi o de Jespersen (1924).

Como se pode depreender a partir dos parágrafos anteriores, as propostas classificatórias das modalidades podem variar a depender do autor, o que mostra a complexidade que envolve esse empreendimento. O quadro abaixo resume as propostas classificatórias expostas neste capítulo:

Quadro 1 - Subtipos modais

<i>Fontes</i>	<i>Subtipos modais</i>				
Palmer (2001)	modalidades de evento		modalidades proposicionais		
	Dinâmica	Deôntica	epistêmica	Evidencial	
Nuyts (2016)	modalidade dinâmica	modalidade deôntica	modalidade epistêmica	modalidade volitiva	
Van der Auwera e Plungian (1998)	Modalidade interna ao participante	Modalidade externa ao participante	deôntica	Epistêmica	Volitiva
Narrog (2012)	modalidade com volitividade		modalidade sem volitividade		
	deôntica, bulomaica, preferencial e teleológica		Epistêmica, evidencial, existencial, interna ao participante e circunstancial		
	modalidade orientada para o evento		Modalidade orientada para o ato de fala		
	teleológica, circunstancial, interna ao participante, existencial		deôntica, preferencial, bulomaica, epistêmica e evidencial		

Fonte — Elaboração do autor

Como se vê, ainda que os critérios sejam divergentes, alguns subtipos são reconhecidos por todas as classificações e serão assumidos por este trabalho, a saber: a modalidade dinâmica (seja ela referente ao participante ou às circunstâncias nas quais ocorre um evento), a modalidade deôntica (referente a permissões ou obrigações) e epistêmica (referente à expressão, por parte do falante, de possibilidades, probabilidades, dúvidas ou certezas).

Feitos esses apontamentos sobre o tratamento das subcategorias modais, passa-se, na próxima subseção, a uma discussão sobre a polissemia dos itens modais.

1.3 A polissemia dos itens modais

Uma das características dos elementos modais que tem recebido atenção privilegiada nos estudos é a sua natureza polissêmica (especialmente sua polissemia entre

os significados deônticos e epistêmicos). A variabilidade de valores expressa pelas construções modais é reconhecida nas mais diversas línguas. Em língua portuguesa, a polissemia dos modais já foi analisada por Neves (2000), Souza (2003), Comparini (2008) e Hattner e Hengeveld (2016), dentre outros.

Em termos gerais, pode-se dizer que os múltiplos significados das construções modais não residem especificamente nelas, mas são resultado de contextualização, já que, como observa Neves (2000, p. 118), existe necessariamente uma relação entre a construção modal e a proposição sob seu âmbito de incidência.

Uma das propostas que buscam explicar a polissemia dos modais enquanto resultado de contextualização é a de Silva-Corvalán (1995), que examina fatores que determinam as diferentes interpretações dos auxiliares *poder* e *deber* do espanhol. Em sua proposta, a autora argumenta em favor da adequação de uma abordagem mono-semântica na análise dos significados modais desses verbos (Silva-Corvalán, 1995, p. 69), que é assim enunciada:

Eu proponho mostrar que os ‘verbos modais’ têm um significado invariante (IM), mas são interpretados para transmitir significados contextuais diferentes (CM) como consequência de sua interação com outros elementos do contexto [...] (Silva-Corvalán, 1995, p. 69).³⁷

Entre os elementos contextuais destacados pela autora estão, por exemplo, a animacidade do referente do NP sujeito, o tempo e o aspecto. A análise de Silva-Corvalán (1995) sugere que a abordagem mono-semântica é adequada para o espanhol devido a dois motivos, pelo menos: i) os diferentes significados propostos para os modais (habilidade, permissão, possibilidade/probabilidade) estão em função da interação entre o modal e outros elementos contextuais (sejam linguísticos ou extralinguísticos) do discurso; ii) a visão mono-semântica, que abre espaço para construções modais sinonímicas, pode explicar o porquê da escolha entre uma expressão modal ou outra (Silva-Corvalán, 1995, p. 70). Assim, é precisamente o significado invariante que justifica a escolha de um modal em detrimento de outro em um dado contexto em que ambos poderiam, por exemplo, expressar o valor epistêmico.

Abordagem também contextual (e de influência cognitivista) para a polissemia dos modais é encontrada em Heine (1995). Analisando os significados modais orientados

³⁷ No original: I propose to show that ‘modal verbs’ each have an invariant meaning (IM), but are interpreted to convey different contextual meaning (CM) as consequence of their interaction with other elements in the context [...]

para o agente e epistêmicos no alemão, o autor propõe o que ele chama de “propriedades conceituais” (*conceptual properties*), que são responsáveis pela escolha entre um significado modal ou outro. Segundo ele, os usos orientados para o agente das construções da língua podem ser associados às seguintes propriedades (Heine, 1995, p. 29):

- (a) Existe uma força (F) que se caracteriza por um "elemento de vontade" (Jespersen 1924, p. 320-1), i.e., que tem um interesse num acontecimento que ocorra ou não ocorra;
- (b) O evento deve ser realizado tipicamente por um agente controlador (C);
- (c) O evento é dinâmico (D), ou seja, envolve a manipulação de uma situação e é concebido tipicamente como conduzindo a uma mudança de estado.
- (d) O evento ainda não teve lugar no tempo de referência, ou seja, a sua ocorrência, se de fato tiver lugar (ver (e) abaixo), será posterior ao tempo de referência (L).
- (e) O evento é não-factual (Palmer 1986:96), embora haja um certo grau de probabilidade de que ele irá ocorrer (P).³⁸

Para exemplificar essas propriedades, considere a seguinte sentença, oferecida pelo autor:

- (39) Alemão (Heine, 1995, p. 29)
Er muß kommen.
Ele ter de vir
'Ele tem de vir'

Heine (1995, p. 29) esclarece que, no exemplo (39), há uma força (F), que pode ser o próprio falante (*eu insisto que ele tem que vir*) ou outra força que ele pode ter em mente (*o seu chefe insiste que ele tem que vir*), além de ter um agente controlador (C), nesse caso *Er* 'ele'. Nota-se também que o evento é dinâmico, como se percebe pelo uso do verbo *kommen* 'vir', de onde se conclui que ocorrerá depois do tempo de referência (L). E, finalmente, o item modal (*muß*) indica um alto grau de probabilidade (= obrigação forte) de que o estado de coisas ocorrerá (P). Em relação a essas propriedades conceituais, a diferença entre a modalidade orientada para o agente e a epistêmica é a de que, na epistêmica, há a tendência de perda dessas propriedades, com exceção da propriedade (P) (Heine, 1995, p. 31). É o que se verifica no exemplo abaixo:

³⁸ No original: a. There is some force (F) that is characterized by an "element of will" (Jespersen 1924:320-1), i.e., that has an interest in an event either occurring or not occurring. b. The event is to be performed typically by a controlling agent (C). c. The event is dynamic (D), i.e., it involves the manipulation of a situation and is conceived of typically as leading to a change of state. d. The event has not yet taken place at reference time, i.e., its occurrence, if it does in fact take place (see (e) below), will be later than the reference time (L). e. The event is non-factual (Palmer 1986:96), though there is a certain degree of probability that it will occur (P).

- (40) Alemão (Heine, 1995, p. 30)
Das Bier sollte kalt sein
A cerveja dever estar gelada
'A cerveja deve estar gelada'

Heine (1995) afirma que, na leitura epistêmica de (40), não estão envolvidas as propriedades F, C, e D. Isto é, no exemplo, não se identifica um elemento da vontade; o participante expresso no NP *Bier* (cerveja) não é controlador do evento (trata-se de uma entidade não animada e não humana), e o evento é descrito pelo predicado não verbal *sein* (gelada), que é não dinâmico. É a perda dessas propriedades que licencia a leitura epistêmica de (40).

Outra proposta que pode ser evocada para se compreender a polissemia das expressões modais é a de Sweetser (1995), que, em perspectiva cognitivista, explica a polissemia por meio da transferência metafórica. Segundo ela, a modalidade é um domínio particular do vocabulário que apresenta ambiguidade sincrônica entre os mundos externo (sóciofísico) e interno (emocional e psicológico) (Sweetser, 1995, p. 49). Assim, a natureza polissêmica de um item modal é decorrente de sua extensão de significado que parte de um domínio concreto — relacionado aos eventos do mundo — em direção um domínio mais abstrato — relacionado ao raciocínio e às compulsões mentais. A visão da autora é, resumidamente, a seguinte:

Minha proposta é a de que os significados modais de raiz são estendidos ao domínio epistêmico precisamente porque nós geralmente usamos a linguagem do mundo externo para aplicá-la ao mundo mental interno, que é metaforicamente estruturado como paralelo ao mundo externo. (Sweetser, 1995, p. 50)³⁹

Dessa forma, entende-se que os nossos processos de raciocínio conceptualizam compulsões, obrigações e outros tipos de modalidades, da mesma que conceptualizam as ações do mundo real (Sweetser 1995, p. 50).

Para viabilizar esse entendimento, Sweetser (1995) utiliza a ideia de Talmy (1981) de se conceber a modalidade em termos de forças e barreiras. A ideia da autora reside precisamente no fato de que tal conceptualização também pode ser aplicada ao domínio epistêmico. Essa extensão de domínio pode ser vista nos exemplos abaixo:

³⁹ No original: My proposal is that root-modal meaning are extended to the epistemic domain precisely because we generally use language of the external world to apply to the internal mental world, which is metaphorically structured as parallel to that external world.

- (41) Você **deve** vir para casa às 10h. (mamãe disse isso.)
(42) Você **deve** ter estado em casa ontem à noite. (Sweetser, 1995, p. 61)⁴⁰

O exemplo (41), nesse modo de ver, pode ser analisado nos seguintes termos: uma força direta (*a autoridade da mãe*) obriga você a chegar em às 10h. Já o exemplo em (42), por sua vez, pode ser analisado como: uma evidência (direta) me obriga a concluir que você estava em casa (Sweetser, 1995).

Como se vê, a polissemia dos modais tem sido explicada por diferentes critérios, que consideram as informações tanto do contexto semântico quanto do morfossintático. Para dar conta dessa polissemia dos modais, em especial a polissemia da construção (*ser*) *capaz de/que*, esta dissertação se servirá, nas análises, de dois modelos estratificados, que explicam os diferentes valores modais da construção identificados conforme sua atuação em diferentes camadas da oração. Como dito na parte introdutória deste trabalho, modelos que concebem as categorias léxicos-gramaticais como organizadas em camadas hierárquicas mostram-se adequadamente eficazes para se descrever e analisar categorias com propriedade de escopo. Afinal, como diz Nuyts (1993, p. 956), a adequação desse tipo de abordagem decorre do fato de que, uma vez que nas línguas há diversas categorias que qualificam eventos e que exibem relações complexas de escopo, suas representações na língua exigem camadas múltiplas. É, pois, somente uma abordagem estratificada que capta as complexidades de uma categoria tão difusa quanto a modalidade.

1.4 O adjetivo *capaz* na literatura

A polissemia do adjetivo *capaz* no campo modal é atestada por outros trabalhos, dentre os quais destacam-se os de autores como Bassi e Görski (2014), Rodrigues e Lunguinho (2019) e Teixeira, Gritti e Koslinski (2019).

Em uma perspectiva funcionalista da linguagem, especificamente na teoria baseada no uso (Bybee, 2010), Bassi e Görski (2014, p. 594) analisam o funcionamento do item *capaz* na fala de indivíduos gaúchos a partir de 52 contextos dialogais. Na análise, as estudiosas sugerem que esse item se encontra numa trajetória de mudança semântico-pragmática (associada a valores modais) e categorial (adjetivo > marcador discursivo). Em outros termos, o trabalho busca evidências para a hipótese de que o item *capaz*

⁴⁰ No original: You must come home by ten. (Mom said so.) / You must have been home las night.

apresenta um comportamento multifuncional, expressando, na sincronia atual do PB i) diferentes significados modais que derivam de um significado-fonte associado à habilidade que se expande até às possibilidades, probabilidades, dúvidas e certezas do falante; e ii) categorias gramaticais (adjetivo > marcador discursivo).

Em suas análises, Bassi e Görski (2014) notam que *capaz*, além de atuar no campo da modalidade, carregando especialmente diferentes graus de certeza, também possui significados de negação, surpresa, ironia, dentre outros. Dos 52 contextos analisados no trabalho, dois são de modalidade deontica e 50 são de modalidade epistêmica (foco do trabalho). Apesar de o uso com valor de capacidade/habilidade não ser focado no estudo, as autoras mostram as seguintes ocorrências para ilustrar esse uso modal do item:

- (43) E: Você tem que escolher muito bem a segunda graduação que pretende fazer.
L: Pois é, mas eu gostaria de ter ao meu lado uma pessoa que fosse **capaz** de me acompanhar durante o curso, uma pessoa em quem eu pudesse confiar e fazer os trabalhos junto. (Bassi; Görski, 2014, p.603)

Bassi e Görski (2014) dizem que, em (43), *capaz* é parte do conteúdo proposicional e expressa condições internas ao agente (uma pessoa) para executar a ação descrita no predicado principal (acompanhar durante o curso), ou seja, um caso de modalidade orientada para o agente.

Quanto ao tratamento dos valores modais de possibilidade, probabilidade e certeza enfocados pelo trabalho, as autoras exemplificam com as seguintes ocorrências:

- (44) V: Eu não estou muito bem de saúde.
A: **Capaz** que isso tudo que você sente é algum problema no sangue. (Bassi;Görski, 2014, p. 616)
- (45) N: E o Flávio, como é que está nas pesquisas políticas?
B: O Flávio tá bem, ele está em terceiro lugar como vereador.
N: **Capaz** que ele está em terceiro lugar!?
B: Sim (Bassi;Görski, 2014, p. 616)
- (46) L: E aí, gostaram do presente de casamento?
C: Mas **capaz** que não! O hotel era maravilhoso. (Bassi; Görski, 2014, p. 606)

Em (44), *capaz* atua na dimensão da modalidade epistêmica de baixa certeza. Na ocorrência, o falante A, com base no enunciado de V, julga ser possível que o interlocutor esteja com algum problema no sangue. Nesta ocorrência, o escopo do item é o conteúdo proposicional que está articulado sintaticamente a ele. Em usos como esses, o modal funciona como expressão de possibilidade > probabilidade, em gradiente de

comprometimento do falante com a verdade da proposição.

Em (46), Bassi e Görski (2014) afirmam que, diferentemente de (45), o escopo de *capaz* não recai sobre a proposição enunciada pelo falante, mas sobre a proposição informada pelo interlocutor. Aqui, o falante não adere de imediato à informação apresentada. Neste uso, o item modal tem valor de “não acredito nisso” ou “é verdade?”, “é mesmo?”. Relativamente à modalidade, estes usos se caracterizam como adesão não imediata do falante ao conteúdo proposicional apresentado pelo interlocutor.

Quanto a (46), as autoras dizem que o que particulariza esse uso é o alto grau de certeza expresso pelo item. Em tal uso, a expressão equivale a “claro que sim”, o que revela a adesão imediata do falante ao responder afirmativamente à pergunta do interlocutor.

Em suma: as ocorrências analisadas no trabalho dessas autoras transitam em contextos de modalidade epistêmica, com distribuição no gradiente possibilidade > probabilidade > certeza. Expressando possibilidade e probabilidade, o escopo do item é o conteúdo proposicional vinculado ao enunciado do falante. Situados mais ou menos a meio caminho entre dois valores e a certeza, localizam-se os usos que se particularizam por retardarem a adesão imediata do falante ao que é dito pelo interlocutor. E, expressando alto grau de certeza, o item se caracteriza por revelar um posicionamento firme do falante em relação ao que lhe é proposto pelo interlocutor.

Assumindo um ponto de vista gerativista, Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 550) objetivam analisar construções do português brasileiro que envolvem o item *capaz*, como exemplifica (47), que, segundo eles, podem ter diferentes significados a depender do padrão de entoação associado às construções.

(47) **Capaz** que a Maria viajou de ônibus!

Dizem os autores que, com entonação plana, o adjetivo, em (47), pode ser interpretado como “é possível/provável que a Maria tenha viajado de ônibus”, enquanto, com a entonação na qual o acento recai sobre *capaz*, o item pode ser lido como expressão do ponto de vista contrário do falante ou sua dúvida/surpresa com relação à proposição. Para o primeiro uso, os autores dão o nome de *capaz epistêmico*. Para o segundo, *capaz mirativo*, tomando como base a definição de miratividade como uma categoria que denota informação nova ou inesperada para o falante, definição esta apoiada em Delancey (2001) e Aikhenvald (2012).

Ainda sobre (47), os autores enfatizam que, para cada leitura, *capaz* apresenta

propriedades morfosintáticas distintas. Assim, a hipótese do trabalho é a de que “as sentenças com *capaz* epistêmico são bioracionais, ao passo que as sentenças em que *capaz* funciona como marcador pragmático são mono-oracionais” (Rodrigues; Lunguinho, 2019, p. 549).

Para caracterizar as sentenças com *capaz* em seu significado epistêmico, Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 555) oferecem os seguintes exemplos:

- (48) **Capaz** que a Maria viajou de ônibus!
- (49) É **capaz** que a Maria tenha viajado de ônibus.
- (50) É provável/possível que a Maria tenha viajado de ônibus.

Segundo os estudiosos, as sentenças com o item *capaz* como em (48) têm sentido equivalente ao das sentenças como (49) e (50). Nesse modo de ver, tanto (49) quanto (50) caracterizam a proposição como provável. A expressão *capaz* com valor epistêmico ainda pode figurar em uma construção com complemento infinitivo prefaciado por preposição, como em (51-52):

- (51) **Capaz** da Maria ter viajado de ônibus.
- (52) É **capaz** da Maria ter viajado de ônibus.

Nesses usos, de acordo com Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 556), o adjetivo já não funciona como adjetivo predicativo que descreve habilidade e aptidão, em que o item se flexiona em número para concordar com o sujeito, de modo que, nessas construções, a expressão tem forma morfológica fixa. Os autores ainda apontam que, nos usos habilitativos (expressão de modalidade dinâmica), o adjetivo seleciona dois argumentos — um NP e uma oração infinitiva introduzida pela preposição *de* ou uma oração finita prefaciada por *que*.

Segundo o trabalho desses autores, *capaz* epistêmico pode ainda figurar em uma estrutura semelhante à estrutura que designa habilidade. Mas os autores esclarecem que, nesse uso, o constituinte em posição de sujeito não é argumento externo do predicado modal, mas chegou a essa posição por meio de alçamento. O contraste entre os exemplos abaixo oferecidos por eles ilustra esse processo:

- (53) a. A Ana é **capaz** de querer um pedaço de bolo.
b. *Essa pedra é **capaz** de querer um pedaço de bolo.
c. Essa pedra é **capaz** de rolar montanha abaixo.
d. A Maria é **capaz** que viaje de ônibus.

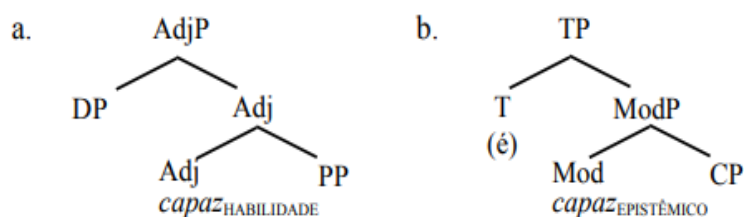
Com base nesta discussão, os autores destacam dois pontos: o primeiro é que *capaz*, em seu sentido epistêmico, não tem o mesmo funcionamento de sua versão habilitativa; o segundo é que o item pode figurar em contextos morfosintáticos distintos: i) com ou sem a cópula, e ii) com complemento infinitivo ou finito.

Considerando-se essa caracterização da construção, a proposta dos autores é a de que o sentido epistêmico de *capaz* resulta de um processo de gramaticalização que afeta seu sentido habilitativo. Assim, segundo eles, a partir desse significado básico, o item desenvolve o sentido mais gramatical de possibilidade/probabilidade, de modo que a extensão de sentido teria permitido um novo mapeamento sintático, resultando em construções impessoais.

No que se refere à cópula, esses autores defendem que as estruturas com *capaz de/que* são equivalentes a *ser capaz de/que* do ponto de vista semântico, diferindo apenas na elisão, ou não, da cópula suporte. Assim, o trabalho assume explicitamente que até mesmo ambas as configurações são equivalentes do ponto de vista estrutural (ambas formam estruturas bi-oracionais).

Relativamente ao entendimento da gramaticalização no campo modal da construção, o trabalho mostra as seguintes formalizações (Rodrigues; Lunguinho, 2019, p. 561):

(54)



A ideia básica adotada pelos autores é a de que a gramaticalização, nesse caso, envolve o movimento (ideia gerativista) diacrônico de subida do elemento na hierarquia (sintática).

Partindo da Semântica dos Mundos Possíveis, Teixeira, Gritti e Koslinski (2019) analisam o comportamento modal do predicado *capaz*, utilizando parâmetros semântico-pragmáticos de natureza formal baseados em Kratzer (1981, 1991, 2012). Considerando a sua natureza polissêmica no campo modalidade, essas autoras começam as suas considerações pelo significado do adjetivo mais básico, que, segundo elas, é o de

capacidade, exemplificado na seguinte ocorrência:

(55) João é **capaz** de realizar um bom trabalho.

As autoras apontam que, além desse valor modal capacitativo, *capaz* também possui usos pragmáticos, mas deixam claro que tais usos estão fora do escopo do seu trabalho. Para iniciar a discussão sobre usos modais de *capaz*, são oferecidos os seguintes exemplos:

- (56) a. É **capaz** da Maria estar dormindo, porque ela trabalhou até tarde ontem (possibilidade epistêmica).
b. Se a Maria se exercitar, é **capaz** de ela emagrecer (possibilidade epistêmico-tácita).
c. É **capaz** do João estar doente, pois ele não chegou ainda (possibilidade doxástica).
d. Pedro é **capaz** de falar sem mover os lábios (possibilidade físico-intelectual). (Teixeira; Gritti; Koslinski, 2019, p. 5).

Segundo as autoras, o que essas sentenças têm em comum é o fato de a expressão de modalidade ser feita pelo adjetivo *capaz*. No entanto, elas afirmam que ocorrem diferentes interpretações de possibilidade (conforme mostram as paráfrases):

- (56') a. Dado o que o falante sabe, é **possível** que Maria esteja dormindo, porque ela trabalhou até tarde ontem.
b. Dado o conhecimento generalizado, se a Maria se exercitar, é **possível** que ela emagreça.
c. Dado o que falante acredita, é **possível** que João esteja doente, pois ele não chegou ainda.
d. Dada a capacidade física de Pedro, ele **pode** falar sem mover os lábios. (Teixeira; Gritti; Koslinski, 2019, p. 8).

Uma vez feita essa caracterização semântica da modalidade expressa pelo adjetivo, as estudiosas oferecem um tratamento formal para esses diferentes usos. Em poucas palavras, a base teórica do trabalho envolve a acomodação da modalidade como um operador da proposição e a ideia de valor de verdade das proposições no conjunto de mundos possíveis. Dessa forma, o trabalho assume que *capaz*, semanticamente, expressa possibilidade e, para os modais de possibilidade nessa perspectiva, deve haver pelo menos um mundo no universo de mundos possíveis em que a proposição é verdadeira.

Embora tenha se debruçado sobre o adjetivo *capaz* na língua espanhola, é

importante comentar o trabalho desenvolvido por Grández-Ávila (2010), que se utiliza do mesmo suporte teórico adotado nesta dissertação. Em perspectiva diacrônica, a autora buscar entender o processo de subjetivação do significado facultativo do adjetivo em termos da ampliação do seu escopo, tomando como base a proposta de estrutura em camadas da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Da expressão de capacidades inerentes de uma entidade, o adjetivo evolui e passa a ser meio de expressão de vários significados modais, como mostram os seguintes exemplos oferecidos pela autora:

- (57) Esse hombre es **capaz** de componer bellos poemas.
'Esse homem é capaz de fazer belos poemas'
- (58) Por este médio, será **capaz** de formarse um idea [...].
'Dessa forma, será possível formar uma ideia [...]'
- (59) Es **capaz** que nadie vaya a su casa.
'É possível que ninguém vá a sua casa'
- (60) **Capaz** que era um vago que no queria hacer nada.
'Talvez ele fosse um preguiçoso que não quisesse fazer nada'

Em termos de parâmetros semânticos para se descrever a modalidade, Grandéz-Ávila (2010, p. 10), uma vez que adota a GDF, parte dos dois parâmetros propostos em Hengeveld (2004), nomeadamente o alvo da avaliação e domínio semântico.⁴¹ Assim, em (57) *capaz* é meio de expressão do que a GDF categoriza como *modalidade facultativa orientada para o participante*, significado modal por meio do qual se avalia a capacidade de um participante para se engajar em um evento. Em (58), o adjetivo avalia a ocorrência de um evento em termos circunstanciais, o que faz com que a autora o categorize como marcador de *modalidade facultativa orientada para o evento*. Segundo ela, essa leitura da construção é favorecida quando o complemento do adjetivo é nucleado por uma forma verbal pseudo-reflexiva que permite uma leitura passiva.

Na ocorrência em (59), *capaz* avalia objetivamente o estatuto de realidade do evento descrito pela oração encaixada e, uma vez que esse evento tem a sua própria referência temporal (Grández-Ávila, 2010, p. 27-28), pode ser classificado como *modalidade epistêmica objetiva*. Além disso, Grández-Ávila (2010, p. 27) ainda aponta

⁴¹ Uma vez que a GDF é um dos modelos teóricos adotados nesta dissertação, não se oferecerá detalhes destes parâmetros neste momento, já que eles serão abordados no próximo capítulo.

que o caráter de avaliação objetiva é refletido pelo fato de que a informação modal apresentada pelo falante pode ser negada e questionada.

No dado em (60), por sua vez, o item marca, segundo a estudiosa, o comprometimento do falante no sentido de que ele julga/qualifica a proposição, apresentando-a como provavelmente aplicável (Grández-Ávila, 2010, p. 29). É, portanto, meio de expressão de *modalidade epistêmica subjetiva*.

Cada um desses significados modais de *capaz* no espanhol atua em camadas específicas da GDF — o que mostra que, diacronicamente, o processo de subjetivação é relacionado ao alargamento de escopo.

Como é possível notar, a polissemia do predicado modal *capaz* é reconhecida e atestada em todos esses trabalhos. Em termos gerais, pode-se dizer que o item expressa, claramente, os valores relativos à habilidade/capacidade e valores relativos às possibilidades/probabilidades.

Embora esses trabalhos reconheçam os diferentes tipos de complementos desse predicado modal e, como exposto por Rodrigues e Lunguinho (2019), observem que o adjetivo, em seus usos modais, pode figurar em contextos morfossintáticos distintos (pode tomar complementos finitos e não finitos, por exemplo), foge ao escopo desses trabalhos explicar sistematicamente, com base em algum princípio, a relação entre os contextos morfossintáticos e os diferentes valores assumidos por *capaz*.⁴² É precisamente essa explicação que interessa à proposta de análise deste trabalho.

Como se verá em partes subsequentes desta dissertação, a adoção de modelos gramaticais que estratificam as categorias modais em diferentes partes da oração permitirá um tratamento hierarquizado desses diferentes valores modais, porque cada valor modal é associado a uma camada específica da oração. E, uma vez que a estrutura em camadas nesses modelos desempenha um importante papel na análise das estruturas complexas e das construções subordinadas, a adoção de concepções teóricas que propõe categorias estratificadas viabilizará predições que captem a possível correlação sistemática entre os diferentes significados modais e diferentes modos de expressão da estrutura complexa em que o estrutura modal investigada figura. Assim, a expectativa é a de que se possa predizer, de forma sistemática, a estrutura sintática a partir da semântica.

⁴² Uma notável exceção é o trabalho de Grandéz-Ávila (2010), que associa os domínios modais da construção a tipos de construções sintáticas — (*A*) *ser capaz de B* e *ser capaz que C*. No entanto, a autora, apesar de utilizar da GDF, não se serve explicitamente de primitivos do Nível Morfossintático do modelo, como faz este trabalho.

Outra vantagem de se adotar construtos teóricos-metodológicos que estratificam as categorias gramaticais hierarquicamente reside no fato de que é possível, por meio deles, captar relações entre categorias qualificacionais diferentes, como entre modalidade e tempo, aspecto não viabilizado por abordagens não hierárquicas.

Finalizadas essas considerações acima, esta dissertação passa a apresentar os dois modelos teóricos adotados para análise, nomeadamente a Gramática de Papel e Referência e Gramática Discursivo-Funcional.

CAPÍTULO II: MODELOS DE ESTRUTURAS EM CAMADAS DA ORAÇÃO

Neste capítulo, abordam-se os aspectos teóricos que nortearão a proposta desta dissertação. Parte-se de dois modelos que podem ser considerados estrutural-funcionais (Butler, 2003),⁴³ nomeadamente a Gramática de Papel e Referência (RRG) e a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), modelos que rejeitam o *sintaticocentrismo* gerativo e que também se diferem teórica e metodologicamente das abordagens funcionais radicais, como os Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2005) e os extremos cognitivistas (Langacker, 1990), que, implícita ou explicitamente, negam a existência da gramática enquanto sistema organizado a partir de primitivos.

Apesar de ambos os modelos convergirem no fato de serem não transformacionais, de reconhecerem o importante papel da interface pragmática-semântica-sintaxe e de descreverem as categorias gramaticais em termos de camadas hierárquicas, há diferenças teóricas entre eles que precisam ser apontadas.

Em primeiro lugar, esses modelos se diferem em termos de suas próprias arquiteturas gerais: a RRG é um modelo gramatical que, para captar a interação entre pragmática, semântica e sintaxe em diferentes sistemas gramaticais, postula três tipos de representações: i) sintática, que lida com a estrutura das sentenças simples e complexas; ii) semântica, que se resolve em um sistema de decomposição de predicados; e, por fim, iii) informacional, que lida com as estruturas de foco (Van Valin, 2005, p. 1). A GDF, por sua vez, é um modelo que abrange quatro níveis de representação/análise organizados modularmente: i) Interpessoal, que lida com as distinções acionais; ii) Representacional, que lida com designação das entidades; iii) Morfossintático, que é responsável por traduzir as distinções funcionais em estruturas morfossintáticas; e, por último, iv) fonológico, responsável pela codificação fonológica das expressões linguísticas (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 1).

Em segundo lugar, há uma diferença fundamental com respeito ao modo como as arquiteturas dos modelos lidam com as bases cognitivas da produção (e da recepção) da linguagem. Na RRG, é postulado um conjunto de regras, denominadas algoritmos de ligação (*linking algorithm*), que são responsáveis por correlacionar as representações semânticas e sintáticas (Van Valin, 2005, p. 1). Segundo Van Valin (2023, p. 20), o

⁴³ O termo “estrutural-funcional” foi cunhado por Van Valin (1993, p. 2).

modelo da RRG exibe uma bidirecionalidade, uma vez que postula um mapeamento tanto da semântica para a sintaxe quanto da sintaxe para a semântica. Essa bidirecionalidade é uma idealização do que o falante faz (da semântica para a sintaxe) e também do que faz o ouvinte (da sintaxe para a semântica), motivando uma espécie de *parser*. A GDF, por sua vez, é um modelo proposto como unidirecional, no sentido de que parte da intenção do falante e vai até a articulação das expressões linguísticas (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 1). A motivação para essa organização em seu *design* é a de que um modelo de gramática será mais efetivo quanto mais o processamento linguístico do falante estiver refletido na arquitetura geral da gramática.

Por último, é preciso considerar a diferença que há entre esses modelos na própria natureza das estruturas em camadas nas quais atuam as modalidades, que possuem estatutos teóricos diferentes em suas arquiteturas. No modelo da Gramática de Papel e Referência, as unidades hierárquicas que podem estar sob o escopo das qualificações modais são unidades que possuem estatuto sintático, apesar de serem semanticamente motivadas (Van Valin, 2023, p. 22). Essa é precisamente a base pela qual se faz, por exemplo, a distinção entre *núcleo*, camada sintática do modelo, e *predicado*, entidade semântica. De forma geral, esses dois tipos de elementos se correspondem, mas há casos em que não são biunívocos, como, por exemplos, nos processos de incorporação nominal (Van Valin, 2023, p. 11).

Na Gramática Discursivo-Funcional, por outro lado, as unidades que podem estar sob o alvo das diferentes categorias modais são unidades de natureza semântica (representacional) (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Butler; Taverniers, 2008, p. 747), isto é, são entidades designativas de diferentes ordens. Essa é uma das características que distingue a GDF de outros modelos com categorias estratificadas que se assumem como modelos sintáticos, tais como a própria RRG e o modelo da hierarquia universal das projeções funcionais de Cinque (1999).

Essa diferença de estatuto entre os modelos tem implicações: considerando-se que a natureza das estruturas em camadas é diferente, e as categorias modais modificam camadas específicas desses modelos, conseqüentemente a modalidade é vista de forma diferente por essas teorias e é essa diversidade que interessa a este trabalho, uma vez que ela pode implicar uma ampliação da visão sobre o objeto investigado. Entende-se que a utilização dos dois modelos na análise trará ao centro das discussões algumas facetas do fenômeno em questão que poderão ser diferentemente tratadas, revelando, assim, diferentes fatos sobre os usos de *(ser) capaz de/que*. É preciso esclarecer que, neste

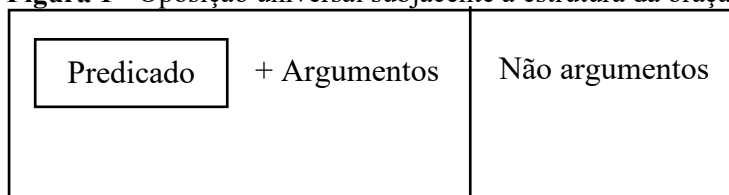
capítulo, não se fará uma apresentação completa dos modelos teóricos estrutural-funcionais adotados.⁴⁴ Como o objetivo central desta dissertação é fazer uma descrição da construção em análise em termos das camadas na quais se alocam as categorias modais, neste capítulo, após uma breve apresentação geral dos dois modelos, serão priorizados os princípios relativos à ideia de organização hierárquica das categorias gramaticais, o tratamento dado às modalidades pelos modelos e suas considerações acerca dos processos de junção oracional, uma vez que a estrutura *(ser) capaz de/que*, nos seus usos modais, figura em contextos de estruturas complexas — o que, como se espera mostrar, será decorrente de sua polissemia.

2.1 A Gramática de Papel e Referência (RRG)

2.1.1 A estrutura em camadas proposta pela RRG

De acordo com Valin (1993, p. 3), Van Valin e LaPolla (1997, p. 25), Van Valin (2005, p. 3) e Van Valin (2023 p. 21), há dois aspectos fundamentais na estrutura da oração que toda teoria gramatical precisa considerar: aspectos *relacionais* e *não-relacionais*. A estrutura relacional diz respeito às relações entre um predicado e seus argumentos, enquanto a estrutura não-relacional lida com a organização hierárquica das orações e sentenças.⁴⁵ Assim, o contraste fundamental na estrutura da oração é feito entre os constituintes que são argumentos de um dado predicado (NPs e Adps, por exemplo) e aqueles que não são (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 25). Esse contraste é ilustrado na figura 1 abaixo:

Figura 1 - Oposição universal subjacente à estrutura da oração



Fonte — Valin e LaPolla (1997, p. 25); Van Valin (2005, p. 4)

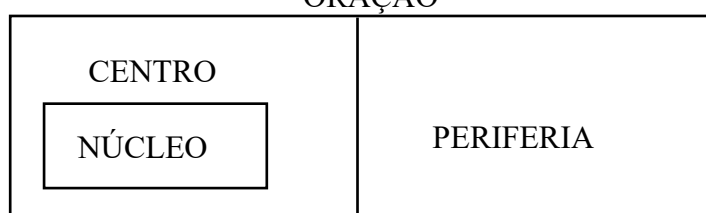
São precisamente essas distinções, semanticamente motivadas, que subjazem às unidades sintáticas da oração (Van Valin, 2023, p. 21). Universalmente, é o predicado

⁴⁴ Para uma apresentação completa desses modelos, ver Van Valin e LaPolla (1997), Van Valin (2005) e Van Valin (2023), Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015).

⁴⁵ Como logo se verá, *oração* e *sentença* correspondem, na RRG, a nós distintos da estrutura hierárquica.

que define um elemento sintático na estrutura oracional, o qual a RRG chama de *núcleo* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 26; Van Valin, 1993, p. 5). O contraste entre predicado e argumentos e entre estes e não argumentos é fundamental na teoria, pois é ele que estabelece a distinção entre o que o modelo chama de *centro* (*core*) e *periferia* (*periphery*) (Van Valin, 2005, p. 4; Van Valin; LaPolla, 1997, p. 26). Essas distinções, em conjunto com a noção de *núcleo*, constituem, no modelo, a chamada *Estrutura da Oração em Camadas* (*Layered Structure of the Clause - LSC*), que é ilustrada graficamente na seguinte figura:

Figura 2 - Estrutura da Oração em Camadas
ORAÇÃO



Fonte —Valin e LaPolla (1997, p. 26)

Assim, fica claro que, na perspectiva da RRG, uma oração consiste em um *centro* e de uma *periferia*. Para ilustrar o entendimento dessa estrutura hierárquica empreendida pelo modelo, considere-se a seguinte sentença:

(61) O menino chutou a bola no campo

Nessa sentença simples em (61), *o menino chutou a bola* constitui o centro e *no campo*, a periferia, e toda a estrutura *o menino chutou a bola no campo* constitui a oração (Van Valin; LaPolla, 1997). Como é fácil perceber, o centro é definido a partir das unidades que descrevem o evento da oração⁴⁶ (predicado + argumentos) e a periferia é constituída por elementos (adjuntos) modificadores. Embora Van Valin (1995, p. 7) e Van Valin e LaPolla (1997, p. 31) tenham proposto uma periferia anexada unicamente ao centro da oração, conforma se vê na figura 2, Van Valin (2005, p. 21) e Van Valin (2023), em propostas recentes, propõe estruturas periféricas que, em princípio, modificam qualquer camada da oração. Tais propostas representam um avanço no modelo, já que a postulação de uma simples periferia como modificadora do centro conduziria a predições incorretas se se considera a natureza heterogênea dos itens adverbiais, que podem ser, por

⁴⁶ A esse respeito, Van Valin (2023, p. 24) cita Bohnmeyer e Van Valin (2017) para dizer que o centro da LSC consiste em um simples evento.

exemplo, aspectuais, temporais, modais, evidenciais e até ilocucionários, fazendo com que a RRG trate tais elementos como sensíveis à estrutura da oração em camadas (Van Valin, 2005, p. 20).

Na RRG, parte-se do pressuposto de que a distinção entre núcleo e centro e entre este e a periferia é universal, uma vez que toda língua, de algum modo, faz distinção entre argumentos e não argumentos, isto é, entre os sintagmas nominais e preposicionais que integram o centro da oração e os constituintes que não o integram (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 27). Essa universalidade decorre do fato de que uma das funções comunicativas das línguas naturais é transmitir informações, e essas informações são compostas por proposições que, por sua vez, envolvem referência e predicação.

Como já foi explicitado acima neste capítulo, *núcleo, centro, periferia e oração* são, na RRG, unidades sintáticas da estrutura hierárquica da oração que são semanticamente motivadas. A relação entre as unidades sintáticas e os elementos semânticos é resumida na tabela a seguir:

Quadro 2 - Elementos semânticos subjacentes às unidades sintáticas da Estrutura da Oração em Camadas

<i>Elemento semântico</i>	<i>Unidade sintática</i>
Predicado	Núcleo
Argumento na representação semântica do predicado	Argumento central
Não argumentos	Periferia
Predicado + argumentos	Centro
Predicado + argumentos + não argumentos	Oração (= centro + periferia)

Fonte — Van Valin e LaPolla (1997, p. 27) e Van Valin (2005, p. 5)

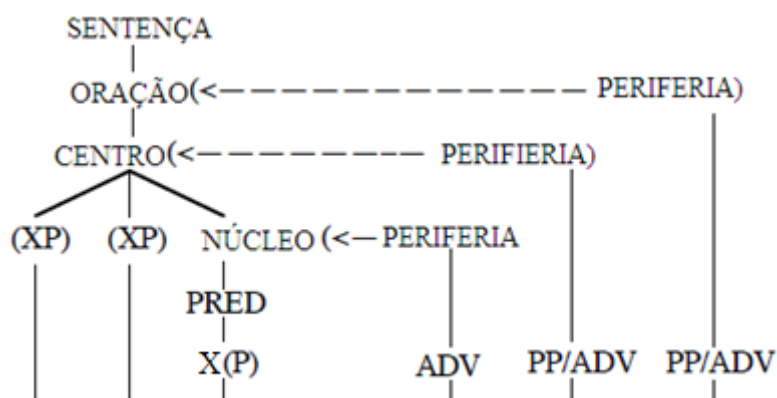
Essa distinção entre elementos semânticos e unidades sintáticas faz com que a RRG diferencie, por exemplo, argumento semântico (um argumento presente na estrutura lógica de um predicado) de argumento central (um argumento sintático). Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 28), há instâncias nas quais um centro pode abranger um argumento central (sintático) que não é argumento semântico do predicado em seu núcleo. É o que ocorre em construções de alçamento (*raising constructions*), por exemplo: em um caso como *João parece ter comido o sanduíche*, o NP *João* ocorre como argumento sintático do centro *João parece*, mas não é argumento semântico do verbo *parecer* e sim do predicado presente no núcleo da oração dependente (nesse caso, *ter comido*). No que

concerne à análise segundo a RRG, essa distinção será considerada neste trabalho para um dos casos discutidos acerca da estrutura *(ser) capaz de/que*.

Há, ainda, alguns elementos adicionais das sentenças considerados pela teoria como não universais e que são geralmente determinados pela sua ordem linear na estrutura. Um desses elementos é chamado de *lugar pré-central (precore slot)*, que é comumente ocupado por constituintes interrogativos em diversas línguas. O outro elemento previsto pela RRG é chamado de *posição destacada à esquerda (left-detached position)*, que figura na posição inicial da sentença e é marcado por uma pausa fonológica (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 36). Tais elementos não serão explicitados neste capítulo, uma vez que não estão envolvidos na descrição e análise das modalidades.

Uma vez introduzidas as unidades fundamentais da estrutura hierárquica da oração, pode-se agora expor como a RRG representa formalmente essa hierarquia. O seguinte diagrama arbóreo exemplifica abstratamente a representação sintática proposta pelo modelo:

Figura 3 - Representação formal da Estrutura da Oração em Camadas



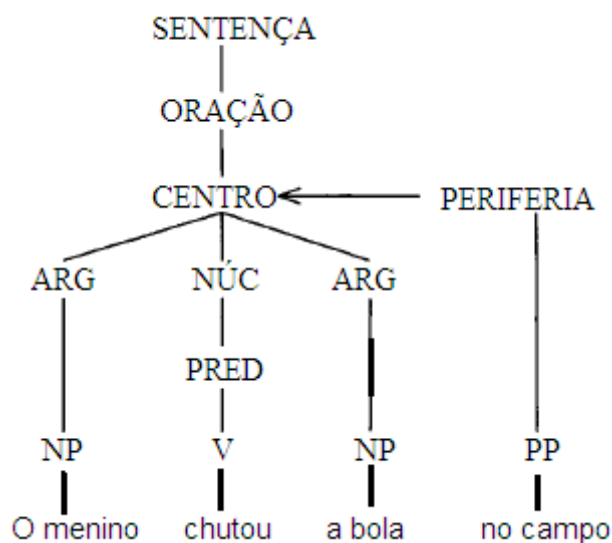
Fonte — Van Valin (2023, p. 23)

Na representação da LSC, o núcleo contém o predicador e pode ser modificado por elementos lexicais periféricos de nível nuclear (um advérbio aspectual, por exemplo). O centro, tipicamente constituído pelo núcleo junto de seus argumentos centrais, pode ser eventualmente modificado por elementos periféricos de nível central (como um sintagma preposicional de valor locativo). A oração, por sua vez, contém o centro e, assim como as camadas inferiores, também pode ser modificada por itens periféricos de nível oracional (como os advérbios modais epistêmicos e evidenciais). Essas três camadas da estrutura hierárquica da oração são dominadas pelo nóculo da sentença, que é o nível mais alto que a árvore mostra. Note-se que, na parte inferior da representação, vê-se os

constituintes⁴⁷ que realizam (codificam) essas unidades (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 31).

Observe-se, ainda, que não há nenhuma menção a um VP (sintagma verbal) na árvore (como ocorre com a representação de constituintes do esquema X-Barra no modelo gerativo), uma vez, que, na perspectiva da RRG, esse tipo de sintagma não desempenha um papel direto nessa forma de representar a estrutura da oração.⁴⁸ Um exemplo da estrutura da oração é visto abaixo:

Figura 4 - Estrutura da oração em camadas da sentença em (61)



Fonte — Adaptado de Van Valin e LaPolla (1997)

Essa representação é comumente chamada na RRG de *Gramática de Projeção* (*projection grammar*) (Johnson, 1987; Van Valin, 1993, p. 11), que possui nódulos para a chamada *projeção de constituintes* e para a chamada *projeção de operadores*, que lida com as modificações gramaticais das diferentes camadas da oração. Essa projeção será mencionada em subseções abaixo, que abordam a localização da modalidade nesse modelo de representação da estrutura hierárquica da oração.

Um último aspecto acerca dessa projeção de constituintes da figura 4 é a unidade que está no topo da hierarquia, que é a *sentença*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 29), a sentença é uma unidade sintática maior, que, potencialmente, pode conter múltiplas orações em sentenças complexas (em processos de encaixamento, por exemplo). A

⁴⁷ O “X”, nessa estrutura de constituintes na parte inferior da árvore, representa categoria aberta de um constituinte sintático.

⁴⁸ Para mais detalhes acerca do estatuto de não universalidade do VP, veja-se a subseção 2.1.1 do capítulo 2 de Van Valin e LaPolla (1997).

postulação de um nódulo sentencial na estrutura hierárquica da oração é teoricamente justificada pelo fato de, em diversas línguas, existirem elementos que ocupam preferencialmente uma posição extraoracional e que podem ser marcados por uma pausa fonológica (Van Valin, 1993, p. 13).

Essa explicitação acerca da estrutura hierárquica da oração e do modo pelo qual ela é representada na RRG é necessária, já que essa estrutura desempenha um importante papel na descrição das categorias modais e nos processos de junção oracional, aspectos que interessam a este trabalho.

2.1.2 Operadores gramaticais das camadas

Na estrutura da oração proposta pela RRG, a projeção de constituintes da LSC só comporta espaço para palavras e morfemas lexicais (Van Valin, 2023, p. 33). As categorias de tempo, aspecto e modalidade (TAM), quando expressas gramaticalmente, são tratadas na RRG como *operadores* que modificam camadas específicas da oração. Os operadores distinguidos pela teoria são vistos no seguinte quadro:

Quadro 3 - Operadores na RRG

Operadores nucleares
Aspecto Negação Direcionalidade (somente a que modifica a ação ou evento sem referência aos participantes)
Operadores centrais
Direcionalidade (somente a que expressa a orientação ou movimento de um participante com relação a outro participante ou ao falante) Quantificação de evento Modalidade (modais de raiz, e. g. habilidade, permissão, obrigação) Negação interna
Operadores oracionais
<i>Status</i> (modais epistêmicos , negação externa) Tempo Evidencialidade Força ilocucionária [IF]

Fonte - Van Valin (2005, p. 9); Van Valin (2023, p. 15)

Os operadores nucleares têm escopo sobre o núcleo, afetando a ação, o evento ou o estado descrito pelo predicado, sem fazer referência aos participantes. Os operadores centrais, por sua vez, afetam a relação entre um argumento central e a ação, evento ou estado descrito pelo núcleo. Em nível mais alto localizam-se os operadores oracionais, que modificam a oração como um todo (Van Valin, 1993, p. 9). Ressalte-se que nem todas as línguas possuem essas categorias expressas gramaticalmente. Um bom exemplo é a evidencialidade, que tem expressão gramatical em Tariana (Aikhenvald, 2004, p. 2), mas não em português, que precisa marcar a fonte da informação tipicamente por meio de advérbios como *evidentemente* e *aparentemente* — e, dado o seu estatuto lexical, tais elementos teriam de ser representados na periferia na projeção de constituintes da oração.

Essa estratificação de operadores feita pela RRG permite que se captem relações de escopo entre as diferentes categorias. Segundo o modelo, o princípio básico do escopo que governa os operadores é: *oracional* > *central* > *nuclear* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 46). Isso é mais detalhadamente elaborado da seguinte forma:

(62) Força ilocucionária > Evidencialidade > Tempo > *Status* (incluindo modalidade epistêmica > Negação (externa)) > Modalidade (modalidade de raiz) > Direcionalidade > Negação (interna) > Aspecto

A ideia de que os diferentes operadores gramaticais se alocam em diferentes camadas da estrutura hierárquica da oração (isto é, possuem diferentes relações de escopo) conduz à pressuposição de que esses marcadores gramaticais podem se relacionar de forma diferente a depender de suas relações de escopo, de modo que, assim, é possível fazer importantes predições tanto do ponto de vista formal quanto semântico. Uma das predições mais conhecidas e difundidas é a ordem linear dos morfemas, proeminente em línguas de estruturas aglutinantes, como o Turco, que tende a obedecer à hierarquia postulada (Bybee, 1885). Nessa língua, os morfemas que expressam categorias de camadas mais baixas posicionam-se mais próximos da base verbal do que os que expressam categorias de camadas mais altas.

2.1.3 Modalidade na RRG

Conforme o quadro 3, na estratificação da oração da RRG, a modalidade modifica duas de suas camadas, nomeadamente o centro e a oração. Segundo o modelo, têm escopo

sobre a camada do centro as chamadas *modalidades de raiz*, que, segundo Van Valin a LaPolla (1997, p. 41), envolvem os domínios da obrigação, habilidade e permissão, isto é, os deônticos e os capacitativos. Essas noções, segundo a RRG, dizem respeito ao referente NP sujeito e o evento descrito pelo predicado: o referente tem a capacidade de executar algo? O referente tem permissão para realizar determinada ação? Tem obrigação de fazer algo? (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41). Dito de outra forma, nessa camada atuam marcadores modais que podem expressar o que a literatura especializada rotula de *modalidades orientada para o agente* ou *modalidade orientada para o evento* (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994, p. 177; Palmer, 2001). Exemplos de um item modal modificando essa camada é visto abaixo:

- (63) O interessado **deve** informar se quer participar do fórum ou da capacitação. (180graus.com)
- (64) O jogador **pode** jogar com 5 personagens diferentes, cada um com o seu estilo de jogo e com uma história pessoal distinta. (jogoeu.wordpress.com)
- (65) O Homem **pode** fazer coisas tão belas, tão belas. (consciencia.org)

Em termos estritos da RRG, é possível dizer que esse tipo de modalidade aloca-se precisamente na relação estabelecida entre o primeiro argumento central (geralmente o *agente*) e o núcleo (NUC) que contém o predicador da oração. Isso é de fato o que ocorre nos exemplos acima: as formas auxiliares verbais em (63), (64) e (65) modificam a relação entre um participante denotado pelo NP sujeito e o núcleo da oração em termos de obrigação, permissão e habilidade, respectivamente. Em termos formais, esses tipos de marcadores modais são anexados na projeção do centro da sentença, como logo se verá.

Na camada da oração, tem-se o que a RRG chama de *status*, uma espécie de macrocategoria que inclui modais epistêmicos, negação externa e categorias como *realis* e *irrealis* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41). A modalidade epistêmica lida com a qualificação do valor de verdade da proposição (Vazquez-laslop, 2009, p. 426). Categorias como *realis* e *irrealis*, por sua vez, descrevem um evento como real ou irreal (Van Valin; LaPolla, 1993, p. 41). Em muitas línguas — especialmente as românicas — essas categorias são expressas por meio de paradigma de flexões verbais, que codificam a alternância dos modos indicativo e subjuntivo. Em termos mais estritos, são essas as categorias que muitos autores tratam como *modo* (Bybee; Fleischman, 1885, p. 2), já que

fazem parte da morfologia verbal. Um exemplo de auxiliar que expressa *status* (com valor epistêmico) é oferecido em (66).

(66) Ele **pode** ter razão. (ateus.net)

O auxiliar em (66) qualifica a proposição expressa na oração como *possível*, de modo que se trata de um marcador gramatical de modalidade epistêmica, que tem escopo sobre a oração como um todo na estratificação proposta pela RRG. Em línguas como o inglês, o português e o espanhol, por exemplo, geralmente as mesmas formas verbais expressam tanto os significados de raiz quando os significados epistêmicos. O significado modal expresso pelo marcador *pode*, de acordo com a RRG, ser detectado por meio de paráfrases: na expressão de modalidade deôntica por meio de um auxiliar como verbo *dever*, por exemplo, pode-se parafrasear o item em termos de algo como “x é abrigado a y”. Em sua expressão epistêmica, por outro lado, a paráfrase pode ser feita em termos de “é possível/provável que x”; em outros termos, é o equivalente a dizer que um estado de coisas ou uma proposição é possível/provável/certo. É interessante pontuar também que um marcador epistêmico pode coocorrer com a categoria *irrealis*, sobretudo em contextos de sentenças complexas. Observe-se o exemplo abaixo.

(67) É possível que a quarta temporada chegue mais cedo que a terceira. (resenhasealgomais.com.br/)

Em (67), o núcleo da sentença matriz, que contém o predicado modal adjetival *possível*, é meio de expressão de possibilidade, tomando por escopo a oração dependente como um todo. Mas a própria unidade dependente é, por si, qualificada como irreal pelo uso do modo subjuntivo na forma verbal *chegue*. Algumas propostas consideram que, em casos como esses, a marcação da modalidade seria exercida tanto pelo adjetivo *possível* quanto pela forma verbal subjuntiva de forma redundante. No entanto, considerando-se um modelo de estrutura hierárquica da oração como o da RRG, é mais do que cabível sustentar que, na verdade, há nesses casos uma espécie de determinação de uma categoria por outra. Convém lembrar o que foi dito acima: a pressuposição de uma relação hierárquica entre as diferentes categorias abre espaço para que elas se relacionem de forma diferente entre si.

De acordo com Van Valin (1993, p. 9), a classificação de um item qualificacional como nuclear, central ou oracional é consequência de seu significado. É precisamente por isso que, quando expressa modalidade de raiz, um determinado item modifica o centro e,

quando expressa o comprometimento do falante com valor de verdade da sentença, esse mesmo item modifica a oração (proposição). Em algumas línguas, essa diferença semântica é altamente refletida em sua organização formal. Observe-se:

- (68) Turco (Lewis, 1967, p. 151)
Anlı-y-abil-ecek-mis-im
compreender-Ø-abil-irr-infr-1.sg
'Suponho que eu seria capaz de compreender'

Em (67), o sufixo *-abil* expressa habilidade, um tipo de modalidade de raiz, e o sufixo *-ecek* expressa irrealidade, que é um tipo de *status*. Vê-se que essa diferença é claramente refletida na ordem linear desses marcadores, que se dá em termos de: [raiz verbal] > *habilidade* > *irrealidade*. Ocorre que línguas como Turco são línguas de estrutura aglutinante, caracterizadas pela relação de *um-para-um* entre as unidades funcionais e morfemas. Em tais línguas, as evidências formais comprovam hipótese da estratificação gramatical.

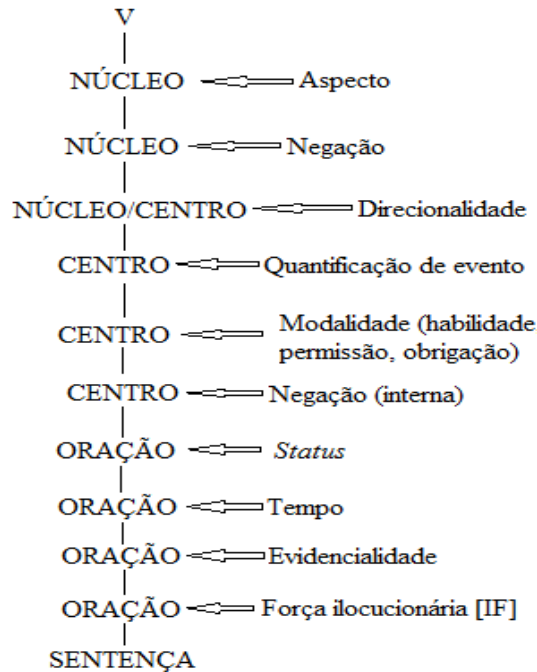
Uma questão importante, nesse ponto da apresentação da abordagem das modalidades pela RRG, diz respeito aos meios de expressão das categorias modais. O quadro 3 com as categorias qualificacionais da sentença reconhecidas pela RRG considera apenas a expressão gramatical dessas categorias (isto é, a sua expressão por operadores). Mas, dada a diversidade das línguas do mundo, essas categorias podem ter meio de expressão diversos. A própria RRG (Van Valin, 2005, p. 9) assume que nem todas as línguas necessariamente precisam ter todas as categoriais expressas gramaticalmente.⁴⁹ Se se observa, então, a representação sintática abstrata da estrutura hierárquica da oração esboçada na figura 3 acima, verifica-se que o modelo comporta espaço para a formalização de itens modais também expressos lexicalmente: o modelo abre espaço para o tratamento de elementos modais adjuntos (como advérbios), que são projetados no nóculo da periferia, e para os predicados lexicais modais (tipicamente construções adjetivais predicativas, como o caso que será analisado aqui), que são projetados no nóculo do núcleo da oração (NUC).

Outra questão que emerge nesse ponto diz respeito à representação desses operadores na gramática de projeção. Uma vez que tais elementos são qualitativamente diferentes de predicados, argumentos e adjuntos (que são lexicais), eles são representados

⁴⁹ Aliás, Van Valin (2005, p. 9) vai ainda mais longe e afirma que os únicos operadores que todas as línguas realmente possuem são a Força Ilocucionária [IF] e a Negação.

na teoria em uma projeção diferente da de constituintes, chamada de *projeção de operadores* (Van Valin; LaPolla; 1993, p. 46; Van Valin, 2023, p. 16), a qual se anexa na parte inferior da projeção de constituintes da oração:

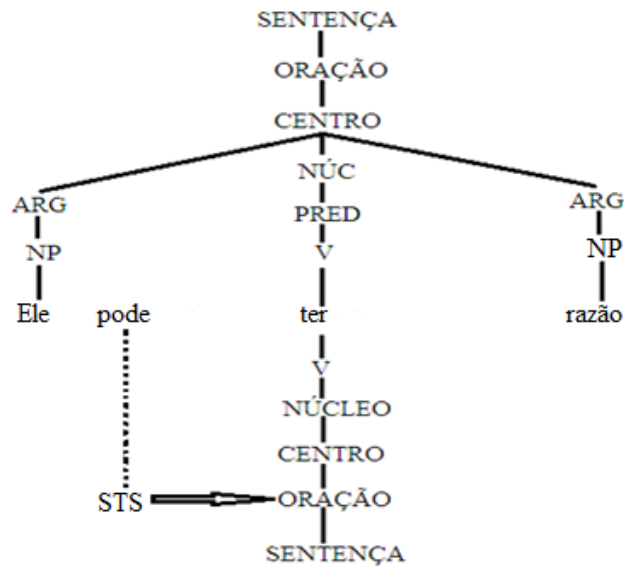
Figura 5 - Projeção de operadores na RRG



Fonte — Van Valin (2005, p. 12)

Juntando os dois tipos de projeção, o uso modal de um auxiliar, como em (66), poderia ser assim representado:

Figura 6 - LSC com projeção de constituintes e de operadores do exemplo (66)



Fonte — Elaboração própria

Como é possível observar, o ponto em comum entre as duas projeções é o verbo (V) (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 46). Afinal, a estrutura hierárquica entre os elementos (especialmente operadores) pode ser entendida em termos de distância maior ou menor dos elementos em relação ao predicado principal. Não é, então, por acaso que Van Valin e LaPolla (1997, p. 48) reconhecem que tais elementos são reconhecidos como categorias verbais.

2.1.4 Sentenças complexas na RRG: teoria da juntura e teoria dos nexos

Uma vez que a construção (*ser*) *capaz de/que* figura em contextos de estruturas complexas, esta subseção trata do modo como a RRG lida com essas configurações sintáticas. No decorrer no texto, ficará claro que o tratamento dado pela teoria aos complexos sentenciais viabilizará interessantes predições acerca das configurações formais dos contextos de ocorrência da construção.

De acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 441), há duas questões fundamentais acerca das sentenças complexas que toda teoria sintática precisa considerar: a primeira questão diz respeito aos tipos de unidades envolvidas nas sentenças complexas, e a segunda, aos tipos de relações que ocorrem entre essas unidades. Na perspectiva da RRG, a teoria das unidades do complexo sentencial é referida como “teoria da juntura” (*juncture theory*), e a das relações, como “teoria dos nexos” (*nexus theory*).

No que se refere à *teoria da juntura*, a RRG assume que as unidades que compõem uma sentença complexa são as próprias unidades sintáticas da Estrutura da Oração em Camadas (*núcleo, centro e oração*) (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 442), o que torna possível tratar, nos termos do modelo, dos diferentes níveis de juntura oracional. Esse é um modo de tratar a junção de orações bastante diferente de outras abordagens sintáticas. O seguinte esquema é ilustrativo (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 442):

- (69) a. [CENTRO ... [NÚCPRED] ... + ... [NÚCPRED] ...] Juntura nuclear
b. [ORAÇÃO ... [CENTRO...] ... + ... [CENTRO ...] ...] Juntura central
c. [SENTENÇA ... [ORAÇÃO ...] ... + ... [ORAÇÃO ...] ...] Juntura oracional

A *juntura nuclear* envolve apenas um centro que contém mais de um núcleo, formando uma espécie de predicado complexo, como ilustra o seguinte exemplo, retirado do *Corpus do Português*:

(70) Um solavanco fez a porta do toailete abrir-se. (pepsic.bvsalud.org)

Em (70), os dois predicados (*fazer* e *abrir-se*) constituem os núcleos no âmbito de um mesmo centro (um mesmo evento, portanto). No português, esse tipo de nível de junção é mais claramente expresso por construções causativas como (69).

Na *junção central*, tem-se uma simples oração constituída por mais de dois centros, que podem ser internamente complexos (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 444). Esse nível de junção é visto em:

(71) O acusado tentou levar a vítima. (minutosertao.com.br)

Em (71), a oração contém dois centros (*o acusado tentou* e *levar a vítima*), cada qual possuindo o seu próprio núcleo (os verbos *tentar* e *levar*). Nesse nível de junção, pode haver, em alguns casos, um compartilhamento semântico obrigatório de participantes entre os dois centros que compõem a estrutura complexa (Van Valin, 2023). Especificamente no exemplo, o NP *o acusado* é tanto argumento de verbo *tentar* quanto do verbo *levar*. Esse processo, segundo a RRG, envolve o que se chama *controle obrigatório* (*obligatory control*), exercido pelo elemento da matriz (o NP *o acusado*). É precisamente isso que permite a interpretação do argumento não expresso na unidade dependente (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 274). Ocorre que, em casos como esses, o argumento central presente na unidade matriz ocupa uma posição sintática *privilegiada*, que define o chamado *pivô sintático* (*syntactic pivot*). É por meio da noção de pivô sintático que a RRG entende o que, na tradição linguística, chama-se de *relações gramaticais* (tais como sujeito e objeto).

Pode-se apontar algumas diferenças estruturais entre esses dois níveis de junção, dentre as quais destaca-se a seguinte: a junção nuclear só é possível quando o predicado no segundo núcleo é intransitivo (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 446), de modo que, quando o segundo núcleo é formado por verbo transitivo, como *abrir* em (70), tem-se a junção central. Dizem Van Valin e LaPolla (1993, p. 447) que a junção com *fazer* (*make*) + verbo transitivo pode ser entendida como uma instância de junção central. Isso ocorre devido à transitividade do segundo núcleo.

A *junção oracional*, que é o nível de junção mais alto postulado pelo modelo, é ilustrada pela seguinte sentença:

- (72) Mary ligou para Fred ontem, e pediu para ele pintar seu quarto de branco. (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 447)⁵⁰

Aqui, toda a sentença é constituída de uma juntura oracional, ou seja, uma sentença formada por duas orações (*Mary ligou para Fred ontem e pediu para ele pintar seu quarto de branco*) (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 447), cada qual contendo a sua própria projeção de constituintes, seus centros, seus próprios argumentos centrais e seus operadores oracionais, como a expressão de *tempo* e *força ilocucionária* [IF], o que mostra independência entre elas.

É necessário pontuar que, nos casos não marcados, o princípio que governa as sentenças complexas é a união (junção) de unidades do mesmo nível (Van Valin; LaPolla, 1993, p. 462; Van Valin, 2005, p. 198): *núcleo + núcleo, Centro + Centro, Oração + Oração*. Tal padrão é chamado na RRG de *ligação simétrica (symmetrical linkage)*. Segundo Van Valin (2005), uma notável exceção a essa simetria são os casos de *complementação*, isto é, o uso de orações como argumentos centrais, o que conduz a ligação de uma unidade maior a uma unidade menor, como, por exemplo, *uma oração encaixada em um centro* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 463), chamada de ligação assimétrica (*assymmetrical linkage*):

- (73) O homem acredita *que existe vida fora da terra*.

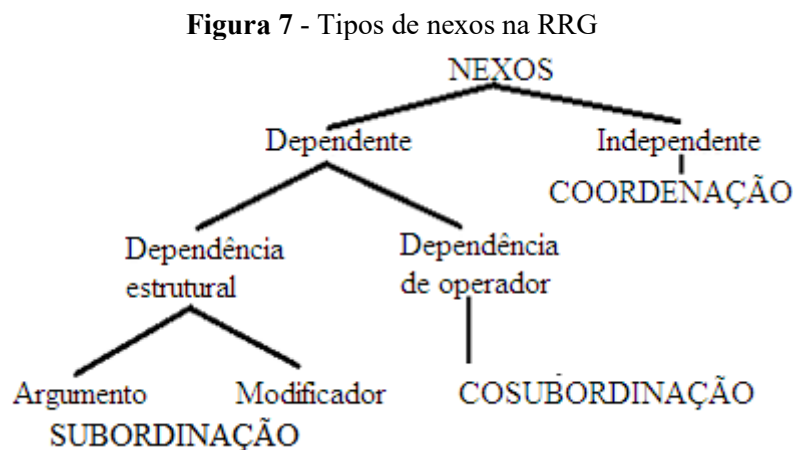
Em (73), a oração encaixada *que existe vida fora da terra* é argumento no âmbito do centro nucleado pelo verbo *acreditar*. Em uma projeção de constituintes, essa oração seria dominada pelo nó central, por isso a relação assimétrica.

A título de sumarização, é possível atribuir as seguintes características aos diferentes níveis de juntura postulados pela teoria: a juntura nuclear, de mais baixo nível, é formada por um predicado complexo que toma um conjunto simples de argumentos centrais para constituir um único centro (Van Valin, 2005), sendo mais claramente expressa no português por construções causativas. A juntura central, mais alta na hierarquia das camadas, pode ter um argumento compartilhado semanticamente por ambos os núcleos, além do fato de, geralmente, o predicado da unidade dependente ser transitivo. A juntura oracional, o nível mais alto, possui seu próprio conjunto de argumentos centrais e seu próprio conjunto de operadores gramaticais (são orações como um todo).

⁵⁰ No original: *Mary called Fred yesterday, and she asked him to paint her room white.*

Resta, por fim, discutir o modo como a RRG aborda a conexão de orações.

Diferentemente das abordagens mais tradicionais, a RRG não mantém a dicotomia subordinação *versus* coordenação, que é bastante difundida. Achados acerca das construções de *switch-reference* em línguas como Amele têm causado problemas para essa dicotomia, uma vez que, segundo Van Valin (2005, p. 183), esse tipo de construção partilha tanto traços da subordinação quanto traços da coordenação, o que leva a RRG a propor uma classificação tripartida dos nexos. A figura abaixo ilustra essa classificação:



Fonte —Van Valin e LaPolla (1997, p. 454)

Como é possível observar, o modelo parte de dois parâmetros para se definirem os nexos: dependência e independência. O parâmetro da dependência pode ter duas dimensões, nomeadamente a *dependência estrutural* e a *dependência de operadores*. A primeira diz respeito ao fato de as unidades dependentes serem usadas como argumentos centrais ou como modificadores, enquanto a segunda, por sua vez, diz respeito à dependência das unidades, para a sua expressão, de operadores no seu respectivo nível de junção (modalidade, aspecto, tempo, etc.). No âmbito desses dois diferentes tipos de dependência, alocam-se os processos de *subordinação* e de *cosubordinação* (Van Valin, 2005). Por fim, o parâmetro da independência lida com as unidades que são independentes tanto do ponto de vista estrutural (não são argumentos centrais e nem modificadores) quanto do ponto de vista da expressão de operadores do nível da junção. É precisamente no âmbito desse tipo de nexo que se aloca a *coordenação*.

Um caso de subordinação pode ser visto no seguinte exemplo, no qual a unidade dependente funciona como um argumento central (nesse caso sujeito) do núcleo da matriz:

(74) *Que está chovendo* não é nenhuma surpresa (Van Valin, LaPolla, 1997, p. 453)⁵¹

Na subordinação, a dependência é captada pelo fato de que a oração dependente é dominada por uma outra unidade sintática localizada em um nóculo mais alto (Ohori, 2023, p. 531). Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 546), uma evidência sintática de que a oração *que está chovendo*, em (74), funciona como um argumento central é a possibilidade de ela poder ser parafraseada por clivagem, como se pode ver em:

(75) *É estar chovendo* que não é nenhuma surpresa.

O fato de a clivagem da oração dependente ser perfeitamente aceitável mostra que, de fato, se trata de uma oração funcionando como argumento central do predicado da matriz. Segundo o modelo, os exemplos canônicos de subordinação no modelo são as chamadas orações QU- (*that-clauses*). Em propostas mais recentes das teorias da junção e dos nexos da RRG (Van Valin, 2005, Van Valin, 2023), as duas dimensões da dependência estrutural (oração funcionando como argumento ou como modificador, conforme visto na figura 7) são rotuladas de subordinação descendente (*daughter subordination*) e subordinação periférica (*ad-subordinação*).

Observe-se agora um exemplo de cossubordinação na sentença abaixo:

(76) Cada jogador deve tentar *cumprir o trajeto* (thefamilyinternational.org)

Como explícito acima, o que caracteriza a cossubordinação é a dependência de operador. A unidade não matriz depende da unidade matriz para sua expressão por recurso a, pelo menos, um operador no *nível da junção*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 455), o fator crucial nesse tipo denexo é que o compartilhamento de operador é obrigatório na construção. Observe-se que, em (76), há um auxiliar modal que expressa a obrigação de um participante (um operador da camada do centro), e, como é requerido pelo nexos, esse operador tem escopo sobre os dois centros da oração: *deve*, no exemplo, não somente descreve o participante expresso pelo NP *cada jogador* como sendo obrigado a *tentar*, mas também o descreve como sendo *obrigado a tentar* e a *cumprir o trajeto*, o que mostra essa construção como caso de cossubordinação central, já que há o compartilhamento obrigatório da modalidade de raiz (no caso modalidade deôntica).

⁵¹No original: *that it is raining comes as no surprise*.

Abaixo repete-se o exemplo oferecido em (72), por conveniência, para ilustrar a coordenação:

(72) Mary ligou para Fred ontem, e pediu para ele pintar seu quarto de branco.

Aqui, há coordenação porque as duas unidades ligadas são totalmente independentes tanto do ponto de vista estrutural (não são argumentos e nem modificadores) quanto do ponto de vista da expressão de operadores: ambas possuem, por exemplo, sua própria expressão de aspecto e de tempo.

Em resumo, os diferentes tipos de nexos previstos pela RRG podem ser sistematizados no seguinte quadro:

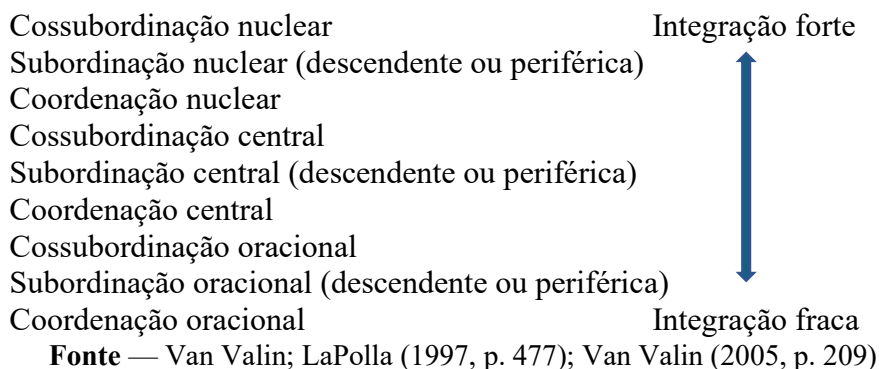
Quadro 4 - Tipos de nexos

Subordinação	+encaixado (em um centro, oração ou periferia
Cossubordinação	-encaixado, +dependente (compartilhamento obrigatório de operador no nível da juntura)
Coordenação	-encaixado, -dependente (sem operador compartilhado no nível da juntura)

Fonte – Van Valin (2023, p. 76)

Para a análise dos diferentes valores expressos pela estrutura *(ser)capaz de/que*, há ainda um ponto importante da abordagem da conexão de orações pela RRG que precisa ser destacado e que diz respeito aos graus de integração entre as sentenças complexas. Os diferentes tipos de juntura-nexos que organizam as sentenças complexas formam unidades com diferentes níveis de ‘ligação’ (*tighness*) entre as suas unidades componentes (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 477), de modo que, na RRG, esses tipos de juntura são organizados em termos de uma espécie de Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais (*Interclausal Syntactic Relations Hierarchy*). Tal hierarquia pode ser vista na seguinte figura:

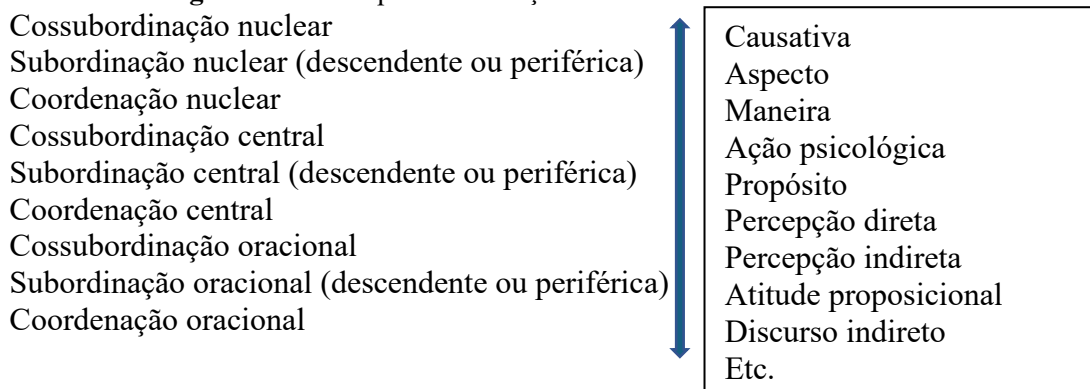
Figura 8 - Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais



A figura mostra claramente um princípio basilar dessa hierarquia: em termos de níveis de juntura, a juntura nuclear é mais fortemente ‘integrada’ do que a juntura central, que, por sua vez, é mais integrada do que a juntura oracional (Van Valin, 2023). Em outros termos, o que está em jogo é o *grau de integração* entre as orações do complexo sentencial. A Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais viabiliza previsões interessantes acerca da forma das unidades dependentes em sentenças complexas (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 478), dada a quantidade de elementos (especialmente operadores) que podem, ou não, ser expressos nesses contextos. E, como se verá, essas previsões desempenham um papel muito importante nesta dissertação.

Essa hierarquia nos processos de juntura oracional, embora seja puramente sintática, é usada para expressar uma variedade de relações semânticas entre as unidades ligadas (Van Valin, LaPolla, 1997; Van Valin, 2005, p. 205), como, por exemplo, causação, fase (aspecto), ação mental, atitude proposicional, etc. Baseada em Silverstein (1976) e Givón (1980), a RRG assume que essas relações semânticas podem ser definidas em um *continuum* baseado no grau de coesão semântica entre as unidades (na medida em que a construção complexa expressa fatos de um único evento ou fatos de eventos diferentes). A teoria justapõe as duas hierarquias (sintática e semântica) e chega ao seguinte resultado:

Figura 9 - Hierarquia das Relações Interoracionais



Relações sintáticas

Relações semânticas

Fonte — Van Valin (1997); Van Valin (2005)

O princípio que rege as relações entre a hierarquia semântica e a sintática é o da *iconicidade* (Givón, 1980). O modelo assume que há uma relação icônica entre sintaxe e semântica na junção oracional em termos de: quanto mais estreita a relação semântica entre os eventos descritos no complexo sentencial, mais integrada será as relações sintáticas que codificam esses eventos (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 480). Dado o caráter dinâmico das relações semânticas e o caráter limitado das relações sintáticas (devido às restrições dos sistemas gramaticais), um mesmo tipo de junção-nexo pode instanciar mais de um tipo de relação semântica, de modo que o mapeamento entre as duas hierarquias é de muitos-para-um.

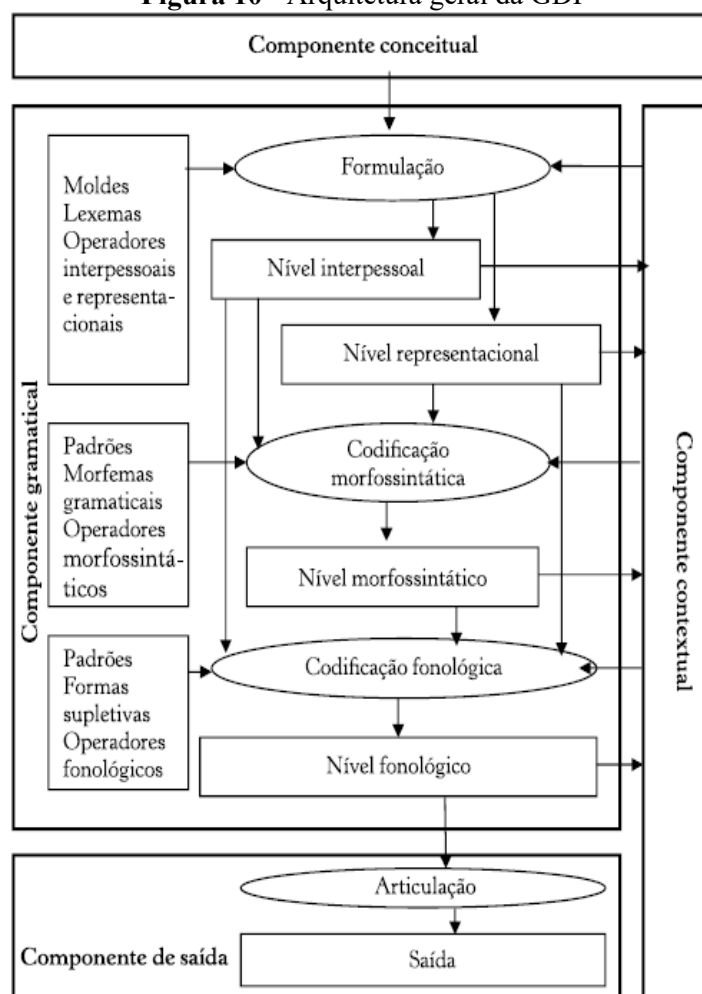
Essas duas hierarquias, chamadas de Hierarquia das Relações Interoracionais (IRH), podem ser usadas para se prever a estrutura sintática nos processos de junção oracional por meio da semântica do predicado. Um exemplo de aplicação dessa previsão é visto em Van Valin e Wilkins (1993), que mapeiam os diferentes tipos de complementos requeridos pelo verbo *remember* 'lembrar' do inglês, associando-os a seus diferentes significados, predizendo aqueles por estes. Como se verá, tal empreendimento inspirará bastante a proposta de análise da estrutura *(ser) capaz de/que*, uma vez que um dos objetivos deste trabalho é justamente analisar os seus diferentes tipos de complementos em decorrência de sua semântica.

2.2 A Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

Se comparada a outros modelos estrutural-funcionais, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) possui uma série de características distintivas (Hengeveld; Mackenzie,

2008, p. 1; Butler, 2003): possui uma organização *top-down*,⁵² assume o *Ato Discursivo*,⁵³ e não a oração, como unidade básica de análise; inclui representações morfossintáticas e fonológicas como partes integrantes de sua estrutura subjacente junto das representações interpessoais (pragmáticas) e representacionais (semânticas) das expressões linguísticas. Enquanto uma teoria mais ampla da interação verbal, o modelo GDF liga de forma sistemática os Componentes Gramatical, Conceitual, Contextual e de Saída. O formato geral do modelo pode ser visto na seguinte figura:

Figura 10 - Arquitetura geral da GDF



Fonte — Hengeveld e Mackenzie, (2008, p. 13) (Tradução nossa)

⁵² A organização *top-down* do modelo é motivada pelo princípio de que um modelo de gramática será mais eficiente quanto mais refletir, em sua arquitetura, o processamento linguístico do indivíduo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2), fazendo com que a teoria se proponha a ser psicologicamente adequada.

⁵³ A motivação para se considerar o Ato Discursivo como unidade básica de análise é o fato que de unidades maiores e/ou menores do que a oração pode, e devem, ser funcionalmente analisadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 3-4).

Na figura, vê-se que círculos abrigam as operações, as caixas, os primitivos utilizados por essas operações, e os retângulos, os níveis de representação/análise, compondo o que a GDF chama de Componente Gramatical. Segundo a teoria, esse componente interage de várias formas com os componentes não linguísticos, a saber: o Componente Conceitual (no topo), responsável pelo desenvolvimento de uma intenção comunicativa e pelas conceitualizações associadas aos eventos extralinguísticos; o Componente Contextual (à direita), que lida com a descrição da forma e do conteúdo dos discursos precedentes e as relações sociais entre os participantes; e o Componente de Saída, que recebe *input* da gramática e gera os sinais acústicos (no caso de língua falada), expressões gráficas (no caso de língua escrita) ou sinais (no caso de língua de sinais) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 6).

A figura 10 ainda mostra que, no âmbito do Componente Gramatical (representado no centro), distinguem-se quatro níveis: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Os dois primeiros níveis lidam com o que a teoria chama de *Formulação*, que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 2), é a operação que diz respeito às regras que determinam o que constitui as representações pragmáticas e semânticas subjacentes numa língua. Os outros níveis, por sua vez, lidam com o que, nos termos de GDF, se chama de *Codificação*, operação responsável pela estruturação morfossintática e fonológica dessas representações funcionais subjacentes (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 2).

Os níveis de representação/análise do Componente Gramatical possuem os seus próprios princípios de organização. No entanto, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 14), eles compartilham o fato em comum de serem organizados em camadas (hierárquicas ou configuracionais), que, abstratamente, podem ser assim formalizadas:

$$(77) \quad (\pi v_1: [\text{head } (v_1)_\Phi]: \sigma(v_1)_\Phi])_\Phi \text{ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 14)}$$

Os princípios subjacentes que essa representação mostra são os seguintes: i) cada camada recebe sua própria variável (v); ii) cada variável pode ser expandida por um item lexical ou por uma representação complexa de uma camada inferior, que constituirá seu núcleo; iii) cada núcleo pode ser opcionalmente modificado por um ou mais modificadores (σ); iv) cada variável pode ainda ser especificada por um ou mais operadores (π) e receber uma função (Φ) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 49). Os núcleos e os modificadores são sempre expressos lexicalmente e os operadores e as funções, gramaticalmente. A essas categorias, pode-se acrescentar, ainda, o chamado

operador lexical (Keizer, 2007; Hengeveld, 2017), primitivo gramatical aplicado aos elementos que ocupam um espaço intermediário entre os itens completamente gramaticais (operadores) e os completamente lexicais (núcleos e modificadores). Em termos de formalização subjacente, os operadores lexicais são representados no mesmo *slot* dos operadores, (aspecto que capta suas características gramaticais), mas, assim como os núcleos e os modificadores, são colocados em sua forma fonêmica.

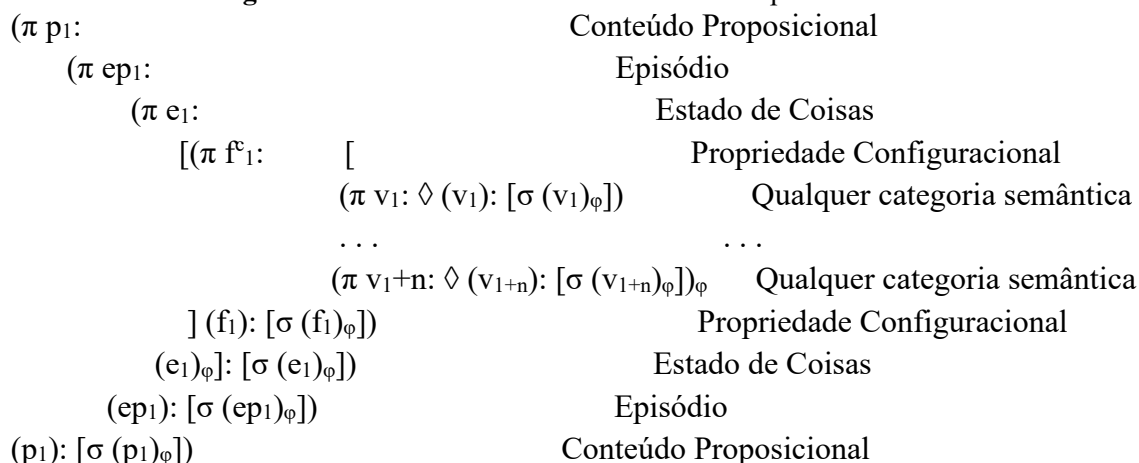
Nas próximas subseções, abordam-se os aspectos pertinentes ao Nível Representacional, uma vez que é precisamente nele que são tratadas as categorias qualificacionais de *TAME* (tempo, aspecto, modo e evidencialidade), distribuídas em diferentes camadas (Hengeveld, 2011; Hattner; Hengeveld, 2016; Hengeveld; Olbertz, 2018), como se verá adiante.

2.2.1 As camadas no Nível Representacional da GDF

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128) e Keizer (2015, p. 103), o Nível Representacional lida com os aspectos semânticos das unidades linguísticas. É, portanto, o nível que estabelece as relações da língua com o mundo extralinguístico descrito (designado) por ela. E, dado que as unidades representacionais são caracterizadas por meio do que elas designam, a GDF assume que a diferença entre as unidades nesse nível pode ser feita em termos de diferentes categorias ontológicas, que, quando refletidas na gramática das línguas, são tratadas como de *categorias semânticas*⁵⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 130; Keizer, 2015, p. 104). Em termos de sua estrutura hierárquica em camadas, o Nível Representacional possui a seguinte organização geral:

⁵⁴ As categorias semânticas básicas reconhecidas pela GDF é inspirada nas diferentes ordens de entidades propostas por Lyons (1977).

Figura 11 - Estrutura em camadas no Nível Representacional



Fonte - Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 142)

A formalização abstrata na figura (11) mostra que, em termos hierárquicos, o Conteúdo Proposicional (p) é superior ao Episódio (ep) que, por sua vez, é superior ao Estado de Coisas⁵⁵ (e). E o Estado de Coisas é superior à Propriedade Configuracional (f) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 142; Hengeveld, 2011, p. 582-583). Como se verá adiante nesta dissertação, a hierarquia entre essas camadas desempenha um papel fundamental na definição das categorias qualificacionais da teoria, de modo que será bastante considerada na análise de *(ser) capaz de/que* relativa à GDF. Nos parágrafos seguintes, explicitam-se essas camadas de acordo com a arquitetura representacional da teoria.

O Conteúdo Proposicional (p), camada mais alta na estrutura hierárquica, é um construto mental que não existe no espaço e no tempo, mas apenas na mente do falante (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144). Segundo Keizer (2015, p. 108), conteúdo proposicionais “não são objetos físicos e, como tais, não podem ser vistos, ouvidos ou tocados; e nem são eventos que podem ocorrer. De fato, eles são conteúdos”.⁵⁶ Esses tipos de entidades podem ser factuais (se representam peças do conhecimento ou crença razoável acerca do mundo atual) ou não factuais (se representam crenças ou desejos acerca de um possível mundo imaginário). Portanto, essa camada é caracterizada em termos de atitudes proposicionais (tal como *crença*) ou em termos da fonte de origem (tal como *inferência*) de uma informação (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144; Keizer, 2015, p. 108-109).

⁵⁵ O termo Estado de Coisas será grafado com iniciais maiúsculas quando, neste trabalho, for se referir especificamente à camada semântica da GDF.

⁵⁶ No original: [...] are not physical objects, and as such cannot be seen, heard, or touched; nor are they events that can happen. Instead they are ‘contents’

O Episódio (ep), segunda camada mais alta na hierarquia, é constituído por um ou mais de Estados de Coisas que apresentam unidade (ou continuidade) de tempo, de localização e de indivíduos (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 157; Keizer, 2015, p. 117). A postulação da camada do Episódio na GDF não é livre de controvérsia, uma vez que nem todas as línguas manifestam claramente essa categoria semântica em seus sistemas gramaticais. Uma das línguas apresentadas por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 157) que possuem a gramática sensível a essa categoria é Tauya, que, por meio do uso de formas verbais mediais, faz ligação de orações que, unidas, podem constituir sequências coerentes de eventos em uma narrativa. Os autores apontam, ainda, que algo similar a esse fenômeno é alcançado pelo uso de formas verbais não finitas em línguas como inglês. Uma evidência adicional em favor do reconhecimento da camada do episódio é, sem dúvida, o fato de ele poder ser localizado em tempo absoluto — tempo que, tipicamente, toma o momento da fala como referência, diferentemente dos eventos simples, que são localizados em tempo relativo. O fato de que o tempo relativo pode estar sob o escopo do tempo absoluto favorece a realidade da existência de uma categoria superior à dos eventos simples.

A terceira camada mais alta da estrutura hierárquica oração no âmbito da representação semântica da GDF é a do Estado de Coisas (e), que, segundo a GDF, representam eventos que podem ser localizados em tempo relativo e ser avaliados em termos de sua realidade (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 166). Em outros termos, representa uma situação (real ou irreal) (Hengeveld, 2011; Hattner; Hengeveld, 2016), que pode (ou não) ocorrer em algum ponto ou intervalo de tempo. É precisamente esse aspecto temporal que difere essa camada da camada do Conteúdo Proposicional, por um lado, e da camada do Indivíduos,⁵⁷ por outro.

A última camada da estrutura hierárquica da oração postulada pela GDF relevante nesta dissertação é a da Propriedade Configuracional (f^c). De acordo com a teoria, Propriedades Configuracionais dizem respeito às relações entre um predicado e seus argumentos (Hengeveld, 2017, p. 15). Em termos mais precisos, é a camada referente aos *moldes de predicação* relevantes em uma língua (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 181) e, como tal, fornece a caracterização básica de um determinado evento. Na estrutura semântica do modelo, as unidades constituintes da predicação não mantêm entre si

⁵⁷ Indivíduos são entidades de primeira ordem. Ocupam uma porção no espaço e podem ser avaliados em termos de sua existência.

relações hierárquicas. Há, por outro lado, relações de dependência. Estas relações são especificadas por meio da presença de funções semânticas desempenhadas pelos participantes (argumentos) do Estado de Coisas designado pela Propriedade Configuracional, podendo ser *ativas*, *inativas* ou *locativas*. Para ilustrar, em linhas gerais, como a estrutura em camadas da oração pode ser analisada e representada no Nível Representacional da GDF, considere-se a seguinte sentença:

(78) Provavelmente, o jogador pode estar chutando a bola no campo.

(78') (p_i: (poss ep_i: (e_i: (prog f^c_i: [(f_j: chutar (f_j) (x_i: (f_k: jogador (f_k) (x_i))_A (x_j: (f_i: bola (f_i) (x_k))_U] (f^c_i)) (e_i: (l_i: (f_m: campo (f_m) (l_i) (e_i)) (ep_i)) (p_i: (f_n: provável (f_n) (p_i))

O formalismo em (78') mostra que o Conteúdo Proposicional (p_i) é, complexamente, constituído pelo Episódio (ep_i), que, por vez, tem como núcleo o Estado de Coisas (e_i), caracterizado por uma propriedade complexa (f^c) (Propriedade Configuracional), constituída por unidades semânticas que não mantêm entre si relações hierárquicas. No âmbito dessa Propriedade Configuracional, há a representação do Indivíduo (x_i), caracterizado pela propriedade lexical (f_k), e do Indivíduo (x_j), caracterizado pela propriedade (f_i). A Propriedade (predicado) (f_j) é, na representação, um constituinte semântico independente (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 140), que estabelece as relações entre (x_i) e (x_j), sendo um Ativo (A) e o outro Inativo (U), respectivamente.

Convém lembrar que um dos princípios da representação subjacente das camadas da GDF é o de que as camadas comportam *slots* para especificações lexicais (modificadores) e gramaticais (operadores). No exemplo em (72), há alguns marcadores formalizados: o PP (sintagma preposicional) *no campo* localiza lexicalmente o evento descrito no espaço, modificador que a GDF chama de *local de ocorrência*, que, tendo escopo sobre a situação descrita pela predicação, é alocado camada (e_i). Um outro modificador é o advérbio modal *provavelmente*, que, qualificando o valor de verdade da proposição, localiza-se na camada (p_i). Passando agora para os operadores, dois merecem destaque: há codificação de aspecto progressivo, o qual, sendo expresso por *estar + gerúndio*⁵⁸, é entendido como expressão gramatical dessa categoria. Aponte-se também

⁵⁸ *Estar + gerúndio* é a forma progressiva do português (Perini, 2010, p. 233)

o auxiliar modal *poder*, que é meio de expressão gramatical de possibilidade epistêmica, domínio modal localizado na camada do Episódio.

Dada a atuação dessas categorias léxico-gramaticais em diferentes camadas da estrutura hierárquica da oração, é possível estabelecer relações de escopo entre elas, no sentido de que os elementos pertencentes às camadas mais altas necessariamente têm escopo sobre os elementos pertencentes às camadas mais baixas da sentença (Hengeveld, 2017, p. 16). Assim, é possível afirmar que o modificador adverbial epistêmico *provavelmente* tem escopo sobre todas as outras categorias gramaticais expressas nas camadas de nível inferior, já que ele se localiza na camada mais alta da estrutura. As relações de escopo como vistas pela GDF, no âmbito do Nível Representacional, podem ser mais bem representadas na seguinte esquematização:

(79) (p) > (ep) > (e) > (f^c) (predicado + argumentos)

Assim como na RRG, as categorias léxico-gramaticais na GDF também podem ser entendidas em termos da distância maior ou menor que elas guardam do predicado (daí o escopo).⁵⁹ Esse ‘afastamento’ em relação ao predicado pode ser compreendido considerando-se o grau de *relevância*⁶⁰ que um dado elemento pode ter com relação ao evento descrito na oração. Uma das maiores evidências formais do poder preditivo da relevância é encontrada nas línguas de estruturas aglutinantes, nas quais as categorias qualificacionais da oração são marcadas separadamente por morfemas anexados a uma base verbal, como ocorre em Turco, Japonês, Coreano e em Kewa, por exemplo. Nessas línguas, a ordem relativa dos morfemas tende a obedecer a hierarquia das camadas — o que mostra que a *estratificação (layering)* é uma realidade linguística, como explicitado por Hengeveld, Narrog e Olbertz (2017, p. 7).

Feitas estas considerações a respeito da estrutura hierárquica da oração na GDF, passa-se, na próxima subseção, a discutir o modo tratamento dispensando pelo às categorias qualificacionais da oração.

⁵⁹ É importante esclarecer que, na RRG, é mais coerente que se trate da distância relativa ao núcleo, unidade sintática, e não predicado, unidade semântica.

⁶⁰ O conceito de *relevância* é claramente explicitado por Bybee (1885, p. 13). Segundo ela, um elemento é relevante para outro se o seu conteúdo semântico afeta diretamente o evento descrito pela raiz verbal. Assim, fica claro que a expressão de aspecto é mais relevante, por exemplo, do que uma expressão de modalidade subjetiva, já que aquele lida com tempo interno do evento e não com uma qualificação do falante sobre ele.

2.2.2 Categorias qualificacionais da oração na GDF

A classificação das categorias qualificacionais de *TAME* (tempo, aspecto, modo e evidencialidade) da oração no contexto da GDF é feita, assim como na RRG, por meio do conceito de escopo, que é estabelecido em termos da estrutura hierárquica em camadas. Mas o que é específico da GDF é que, segundo Hengeveld e Olbertz (2018, p. 323), as relações de escopo na teoria são estabelecidas somente em termos funcionais (pragmáticos e semânticos), como mencionado na parte introdutória deste capítulo. O quadro abaixo resume a classificação dessas categorias no âmbito do modelo:

Quadro 5 - Categorias de TAME na GDF

	Conteúdo Proposicional	Episódio	Estado de Coisas	Propriedade Configuracional ⁶¹
Aspecto			Aspecto quantificacional	Aspecto qualificacional
Tempo		Tempo absoluto	Tempo relativo	
Evidencialidade	Inferência	Dedução	Percepção de evento	
Modalidade	Modalidade epistêmica subjetiva	Modalidade epistêmica objetiva	Modalidade orientada para o evento	Modalidade orientada para o participante

Fonte - Hattnher e Hengeveld (2016, p. 2)

De acordo com quadro 4, as categorias qualificacionais da oração na GDF são distribuídas em diferentes camadas do Nível Representacional. Isto quer dizer especificamente que essas categorias são classificadas de acordo com a camada que modificam (Hengeveld, 2011, p. 582; Hattnher; Hengeveld; 2016, p. 2)

Começando pelo aspecto, a GDF distingue as noções aspectuais qualitativas (tal como (im)perfectividade) e as aspectuais quantitativas (tal como habitualidade) (Hengeveld, 2011, p. 582; Hattnher; Hengeveld, 2016, p. 2). No primeiro caso, a nuance aspectual localiza-se na camada da Propriedade Configuracional, já que diz respeito à constituição temporal interna do evento, enquanto, no segundo caso, localiza-se na camada do Estado de Coisas, uma vez que quantifica um evento como um todo. A categoria de tempo distribui-se em tempo relativo (tal como anterioridade ou posterioridade) e tempo absoluto (tal como passado ou futuro com relação ao momento

⁶¹ Hattnher e Hengeveld (2016) rotulam essa camada de Conceito Situacional (*situational concept*). Esta dissertação, no entanto, utilizará a expressão mais tradicional dessa camada.

da fala). Assim configuradas, a primeira distinção opera a camada do Estado de Coisas e a segunda, na do Episódio. A evidencialidade, por sua vez, divide-se percepção de evento, dedução e inferência, que atuam nas camadas do Estado de Coisas, do Episódio e da Proposição, respectivamente. E, por fim, tem-se a categoria de modo/modalidade. Como se percebe pelo quadro acima, o modelo distingue, por meio da estrutura hierárquica, quatro tipos (níveis) de modalidades: orientada para o participante (como, por exemplo, habilidade), orientada para o evento (tal como viabilidade), orientada para o episódio (tal como possibilidade alética) e, por fim, orientada para a proposição (tal como certeza ou dúvida do falante) (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 2).⁶² Esta última categoria será melhor detalha na subseção seguinte.

É preciso pontuar que, assim como a RRG, a GDF supõe que são poucas línguas (ou até nenhuma) que possuem todas essas categorias expressas gramaticalmente (operadores, no modelo) (Olbertz; Hengeveld, 2018, p. 325). Um exemplo já mostrado nesta dissertação é o caso da evidencialidade, que tem, por exemplo, marcação gramatical obrigatória em Tariana (Aikhenvald, 2001), mas não em línguas como o português. Mas o fato é que, segundo o modelo (Olbertz; Hengeveld, 2018, p. 325), a estrutura hierárquica das categorias aplica-se também quando elas são expressas lexicalmente, como o caso analisado aqui.

2.2.3 Modalidade na GDF

Já ficou explícito na subseção anterior que, na GDF, as distinções modais são subcategorizadas por meio do escopo que é estabelecido em termos das camadas semânticas do Nível Representacional. No modelo, a classificação da modalidade é baseada em Hengeveld (2004), que propõe dois parâmetros para a distinção modal: o *alvo da avaliação*, que diz respeito à parte da oração que é modalizada, e o *domínio semântico*, que lida com a perspectiva a partir da qual a avaliação modal é feita. De acordo com o alvo, os seguintes tipos de modalidade são distinguidos na teoria:

- a) Modalidade orientada para o **participante**: esse tipo de qualificação afeta a parte relacional do enunciado e, assim, diz respeito à relação entre um participante em

⁶² Relacionadas a essas categorias de TAME (tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade), a GDF ainda trata das categorias polaridade, miratividade e localização (OLBERTZ; HENGEVELD, 2018, p. 323), que, por razões de espaço, não serão explicitadas aqui.

um Estado de Coisas e sua realização potencial (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 212). Assim configurado, esse tipo de modalidade opera na camada da Propriedade Configuracional (f^c) — modificando, de alguma forma, a relação entre uma Propriedade Lexical (predicado) e seu argumento. Um exemplo pode ser visto abaixo:

(80) O aluno já **pode** entrar na sala.

(80') (p_i : (ep_i : (e_i : (deon f_i : [(f_j : entrar (f_j)) (x_i : (f_k : aluno (f_k)) (x_i))_A (l_i : (f_m : sala (f_m)) (l_i))_L] (f_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

- b) Modalidade orientada para o **evento**: esse tipo descreve a existência de possibilidades, obrigações e permissões gerais sem que o enunciador seja responsável por essas qualificações (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 174). Dessa forma, esse tipo de distinção modal opera na camada do Estado de Coisas (e), isto é, afeta a (ir)realidade relativa de um evento, como mostrado abaixo:

(81) **Pode-se** nadar nessa piscina.

(81') (p_i : (ep_i : (deon e_i : —nadar nessa piscina— (e_i)) (ep_i)) (p_i))

- c) Modalidade orientada para o **episódio**: caracteriza situações em termos de (im)possibilidade de sua ocorrência, considerando-se o que se sabe sobre o mundo (Hengeveld, 2017, p. 20; Hattner; Hengeveld, 2016, p. 3). Em outros termos, é a expressão de *modalidade epistêmica objetiva*. Esse tipo de modalidade afeta a camada do Episódio (ep), uma vez que mantém interação com a categoria de tempo absoluto (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 4). O seguinte exemplo ilustra esse subtipo:

(82) Para os cargos que tiveram poucos aprovados não sei o que eles vão fazer, mas provavelmente eles **devem** realizar outro concurso antes da Páscoa e contratar novos professores depois das férias de inverno no próximo ano. (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 4)

(82') (p_i : (nec ep_i : (e_i : — eles realizar outro concurso antes da Páscoa — (e_i)) & (e_j : —contratar novos professores depois das férias de inverno (e_j)) (ep_i): (t_i : —no próximo ano— (t_i)) (e_i)) (p_i))

Nesse exemplo, a modalidade epistêmica expressa pelo auxiliar *dever* têm escopo tanto sobre o evento de *eles realizar outro concurso antes da Páscoa* quanto o de

contratar novos professores depois das férias de inverno. Ambos também estão sob o escopo do modificador de tempo absoluto no próximo ano.

- d) Modalidade orientada para a **proposição**: esse tipo de avaliação modal lida com o comprometimento da falante com o valor de verdade da proposição, que pode se expressar como uma dúvida ou uma hipótese, por exemplo (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 4). Em outras palavras, é a expressão *de modalidade epistêmica subjetiva*, como em:

(83) **provavelmente** vai chover mais tarde.

(83') (p_i: (ep_i: (e_i: —chover mais tarde— (e_i)) (ep_i)) (p_i: (f_m: provável (f_m)) (p_i))

De acordo com o segundo parâmetro (*domínio de avaliação*), diferentes domínios modais podem ser distinguidos na GDF, a saber:

- a) Modalidade **facultativa**: é o domínio que lida com as habilidades intrínsecas (saber fazer) e adquiridas (saber como fazer) (Hengeveld, 2004, p. 1193). Por exemplo:

(84) Ele **tem capacidade** de passar na USP.

(84') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: —ter a capacidade— (f_j)) (e_j: —passar na usp— (e_j)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

- b) Modalidade **deontica**: diz respeito ao que é permissível do ponto de vista legal, social ou moral (Hengeveld, 2004, p. 1193). É que se vê em:

(85) O menino **tem que** fazer a lição de casa.

(85') (p_i: (ep_i: (e_i: (deon f^c_i: [(f_j: fazer (f_j)) (x_i: (f_k: menino (f_k)) (x_i)_A (e_j: — lição de casa— (e_j))] (f_c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

- c) Modalidade **volitiva**: lida geralmente com o que é desejável, como, por exemplo:

(86) Eu **quero** viajar.

(86') (p_i: (ep_i: (e_i: (voli f^c_i: [(f_j: viajar (f_j)) (x_i)_A] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

- d) Modalidade **epistêmica**: diz respeito ao que se sabe sobre o mundo real (Hengeveld, 2004, p. 1193). Esse tipo é exemplificado em:

(87) A polícia **deve** chegar a qualquer momento

(87') (p_i: (nec ep_i: (e_i: —a polícia chegar a qualquer momento— (e_i)) (ep_i)) (p_i))

Esses dois parâmetros podem ser cruzados, resultando em diferentes combinatórias de subtipos modais, como ilustrado no quadro:

Quadro 6 - Subtipos modais na GDF

Domínio	Alvo	Participante	Evento	Episódio	Proposição
Facultativo		+	+	-	-
Deôntico		+	+	-	-
Volitivo		+	+	-	-
Epistêmico		-	-	+	+

Fonte - Adaptado de Hengeveld (2004)

Como é possível notar, o quadro resulta em 16 combinatórias possíveis, das quais 8 são logicamente excluídas. Por exemplo, é impossível avaliar proposições em termos de habilidades (Hengeveld, 2004, p. 1193). Proposições são construtos mentais (entidade de ordem superior) e, portanto, não podem ser qualificadas do ponto de vista concreto, físico.

Essa classificação da modalidade baseada em dois parâmetros é de interesse para este estudo não só porque ela fornece subsídio para se caracterizar os diferentes domínios expressos por *(ser) capaz de/que* como também permite identificar as diferentes entidades semânticas que estão sob o seu escopo, aspecto que viabilizará interessantes predições acerca do comportamento formal dos seus complementos.

2.2.4 Sentenças complexas na GDF: subordinação

Na GDF, os processos de subordinação oracional (e sintagmática) são captados no âmbito do Nível Morfossintático do modelo, um dos níveis responsáveis pela codificação das expressões linguísticas em termos da forma e ordem de constituintes (Keizer, 2015). Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 282), o Nível Morfossintático capta *input* duplo da formulação gramatical — isto é, dos Níveis Interpessoal e Representacional — e os une em uma única representação estrutural. E, assim como os outros níveis de representação/análise da GDF, esse nível é constituído de camadas organizadas hierarquicamente. O esquema geral do Nível Morfossintático no modelo é o seguinte:

- (88) Le = Expressão Linguística
 Cl = Oração
 Xp = Sintagma
 Xw = Palavra (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 291)

A Expressão Linguística (Le), camada mais alta do Nível Morfossintático, é, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 308), qualquer conjunto de, ao menos, uma unidade que pode ser usada independentemente. De acordo com Keizer (2015, p. 181), a Expressão Linguística consiste tipicamente de unidades morfossintáticas mais baixas, como Orações, Sintagmas ou Palavras, embora possa conter somente uma dessas unidades:

(89) (Quantos discos você comprou na loja) Dois!

(89') (le_i: (Gw_i) (le_i))

(90) Ela chorou.

(90') (Le_i: (Cl_i: (Np_i: (Nw_i: ela (Nw_i)) (Np_i))_{Subj} (Vp_i: (Vw_i: chorou (Vw_i)) (Vp_i)) (Cl_i)) (Le_i))

(91) O menino quer o chocolate.

(91') (Le_i: (Cl_i: (Np_i: (Gw_i: o (Gw_i)) (Nw_i: menino (Nw_i)) (Np_i))_{Subj} (Vp_i: (Vw_i: quer (Vw_i)) (Vp_i)) (Np_j: (Gw_i: o (Gw_i)) (Nw_i: chocolate (Nw_j)) (Np_j))_{Obj} (Cl_i)) (Le_i))

Em (89-91), há casos de Expressões Linguísticas constituídas por uma, duas e três unidades morfossintáticas, respectivamente: em (89), a Expressão Linguística é formada por uma única Palavra Gramatical (Gw_i). Em (90), é constituída por uma Oração (Cl_i), que, por sua vez, é constituída de um (Np_i) e de um (Vp_i). Em (91), por sua vez, a Expressão Linguística (Le_i) é formada por uma Oração (Cl_i) formada por três constituintes: (Np_i), (Vp_i) e (Np_j). Note-se, nas formalizações em (89'-91'), que é no Nível Morfossintático que são atribuídas as funções sintáticas de **Sujeito** e **Objeto**.

Quando à sua constituição em termos dos tipos de combinações entre as unidades (Orações e Sintagmas), a Expressão Linguística pode ser caracterizada, na GDF, por algumas combinações possíveis, a saber:

Quadro 7 - Constituição da Expressão Linguística

	Dependência mútua	Dependência unidirecional	Sem dependência
Oração	Equiordenação	Cossubordinação	Coordenação
Sintagma	Equiordenação	Extraoracionalidade	Listagem

Fonte - adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008)

Uma Expressão Linguística pode conter duas ou mais Orações as quais podem ser usadas independentemente. Nessa configuração, tem-se a *coordenação* (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 309; Keizer, 2015, p. 182). Quando essa configuração ocorre com Sintagmas, tem-se a *Listagem*. Quando se tem duas Orações de modo que uma delas pode ser usada independentemente e a outra, não, há a *cossubordinação* (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 308). E quando essa mesma configuração ocorre entre um Sintagma e uma Oração, de tal modo que o Sintagma não pode ser usado independentemente (mas a Oração, sim), há a *extraoracionalidade* (Keizer, 2015, p. 183). E, finalmente, quando há duas Orações (ou dois Sintagmas) mutuamente dependentes, tem-se a *equiordenação*. Esses processos de constituição da Expressão Linguística são ilustrados pelos exemplos abaixo:

- (92) O menino vestiu a camiseta do time e a Menina vestiu camiseta da banda. (coordenação)
- (93) (O que você comprou?) O arroz, o feijão e a carne. (listagem)
- (94) No que diz respeito ao presidente adotar uma política centralizadora, eu não sou contra. (cossubordinação)
- (95) Quanto a você, eu não tenho nada contra. (extraoracionalidade)
- (96) Ele gritou tanto que ficou sem voz. (equiordenação oracional)
- (97) Quando mais, melhor! (equiordenação sintagmática)

Esses tipos de relações entre as unidades morfossintáticas dentro da Expressão Linguística, conforme o quadro 6, parecem ser distinguidos pelo modelo da GDF com base no parâmetro da *(in)dependência*. No entanto, o modelo não oferece maiores comentários a respeito da caracterização desses tipos de relações. O próprio conceito de cossubordinação, um conceito caro à teoria da sintaxe da RRG, não é tão explicitado no

modelo proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008). Ocorre em Hengeveld (2022), no entanto, uma tentativa de tratamento mais robusto desse processo na GDF. Em sua reformulação, o autor oferece o seguinte formato para a cossubordinação:

(98) $(\pi b_1: [(a_1) (a_2)] (b_1) \sigma (b_1))$ (Hengeveld, 2022, p. 5)

De acordo com (98), a cossubordinação ocorre quando duas camadas semânticas do mesmo tipo, que na formalização são representadas como (a), são conjuntamente dependentes de uma camada mais alta, que na formalização é representada por (b) (Hengeveld, 2022, p. 5). Essa dependência é captada pelo fato de que (a₁) e (a₂) compartilham operadores (e modificadores) pertencentes a (b), e, dada a diversidade de camadas da GDF, o processo de cossubordinação resolve-se em vários tipos. Uma ilustração oferecida por Hengeveld (2022) são os exemplos abaixo, os quais o autor credits a Foley e Van Valin (1984, p. 259):

(99) Max foi à loja e comprou cerveja. (Tradução nossa).⁶³

(100) O Max foi à loja, mas ele comprou cerveja? (Tradução nossa)⁶⁴

Em (99), as duas orações possuem a mesma força ilocucionária, no caso declarativa. Já em (100), cada uma delas possui seu próprio valor ilocucionário (declarativo e interrogativo, respectivamente). Assim, o exemplo (99) é um caso de cossubordinação e (100), de coordenação (Hengeveld, 2022). Hengeveld (2022) tenta mostrar que a cossubordinação de orações se aplica a todas as camadas do Nível Representacional do modelo: a Propriedade Lexical, a Propriedade Configuracional, o Estado de Coisas, o Episódio e o Conteúdo Proposicional.

Como é possível notar, essa nova proposta acerca desse fenômeno se assemelha à concepção de cossubordinação da RRG, já que o que está também envolvido aqui é a dependência de operadores gramaticais entre as unidades hierárquicas da estrutura complexa. Mas é preciso ter em mente que, dada a natureza funcional (semântica e pragmática) da estrutura em camadas em que atuam os operadores e modificadores na GDF, o processo de cossubordinação no modelo é necessariamente explicado pelos níveis da Formulação e não no da Codificação Morfossintática — o que pode ser problemático

⁶³ Max went to the store and bought some beer.

⁶⁴ Max went to the store, but did he buy some beer?

para um modelo modular que postula primitivos independentes para cada um dos seus níveis de representação. Se a cossubordinação é uma das formas de organização da Expressão Linguística, uma camada do Nível Morfossintático, tal como proposto em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015), é esse nível da gramática que deve fornecer critérios para a caracterização do processo.⁶⁵

Descendo na hierarquia do Nível Morfossintático, chega-se à camada da Oração (CI). Na GDF, a Oração diz respeito a uma combinação, em sequência, de palavras, sintagmas e outras Orações (encaixadas) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 310). É nessa camada do Nível Morfossintático que se considera a ordem de constituintes e os processos de subordinação, este último de interesse deste trabalho. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 361) afirmam que uma questão fundamental é saber como as línguas organizam suas orações subordinadas tendo em vista a diversidade de padrões morfossintáticos disponíveis para esses processos. Na GDF, propõe-se que essa escolha é determinada por fatores de ordem Interpessoal (pragmática) e Representacional (semântica), que faz com o modelo retome várias das unidades do Nível Interpessoal e do Nível Representacional ao tratar da complementação oracional.

Na proposta de tratamento da subordinação no modelo, assume-se que as camadas hierárquicas da GDF podem ser representadas como argumentos de uma Propriedade lexical (f) (predicado) (Hengeveld, 1990, p. 14). Isso faz com que a GDF classifique as construções subordinadas em termos dos tipos de camadas que lhes são subjacentes (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 362). No modelo, são as seguintes camadas semânticas que podem ocorrer em construções subordinadas:⁶⁶

⁶⁵ Essa discussão será retomada na análise da construção investigada. A hipótese subjacente a ela é a de que o processo de cossubordinação em determinados usos de *(ser) capaz de/que* será captado como um fato sintático apenas no modelo da RRG e não do GDF. As razões para isso ficarão mais claras no capítulo referente às análises.

⁶⁶ A representação somente mostra as camadas representacionais, uma vez que é o nível da teoria que desempenha o papel central neste trabalho. Mas é importante esclarecer que entidades representadas nas camadas do Nível Interpessoal também podem figurar no *slot* de argumento.

(101) Camadas semânticas subjacentes a orações subordinadas

$$\begin{aligned}
 &(\pi p_1: (\pi ep_1: (\pi e_1: (\pi f_1: [(f_2) (x_1)] (f_1): \sigma (f_1)) (e_1): \sigma (e_1)) (ep_1): \sigma (ep_1)) (p_1): \sigma (p_1)) \\
 &(\pi ep_1: (\pi e_1: (\pi f_1: [(f_2) (x_1)] (f_1): \sigma (f_1)) (e_1): \sigma (e_1)) (ep_1): \sigma (ep_1)) \\
 &(\pi e_1: (\pi f_1: [(f_2) (x_1)] (f_1): \sigma (f_1)) (e_1): \sigma (e_1)) \\
 &(\pi f_1: [(f_2) (x_1)] (f_1): \sigma (f_1))
 \end{aligned}$$

A formalização em (101) mostra que as camadas representacionais subjacentes às Orações subordinadas são o Conteúdo Proposicional (p), o Episódio (ep), o Estado de Coisas (e) e a Propriedade Configuracional (f). O que determina qual dessas camadas pode representar entidades na posição de argumento é precisamente a semântica do predicado da matriz na estrutura de complementação (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 362). No caso das estruturas adverbiais, é a função semântica ou conjunção lexical que determinará a escolha da camada. Em um modelo como a GDF, essas determinações ocorrem porque predicados que tomam complementos oracionais (*Complement-taking predicates*) podem expressar funções e significados similares aos modificadores ou operadores. A seguinte tabela ilustra alguns domínios semânticos expressos pelos predicados que tomam complementos oracionais:

Quadro 8 - Classificação das orações subordinadas

Tipo de oração	Função/significado do predicado
(p)	Atitude proposicional, inferência, etc.
(ep)	Situar um episódio com relação a outro
(e)	Percepção direta, Volição, etc;
(f ^c)	Aspecto, modalidade orientada para o participante

Fonte — adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008)

Os predicados que tomam complementos oracionais podem servir de meio de expressão de domínios semânticos similares aos modificadores e operadores (Hengeveld; Mackenzie, 2008), que têm escopo sobre as várias camadas da hierarquia proposta pela GDF. É exatamente esse aspecto que permite identificar que tipo de entidade semântica subjaz aos complementos do predicado.

Dessa forma, predicados que designam atitudes proposicionais tomam, por exemplo, Conteúdos Proposicionais como complementos, como em:

- (102) Somos muito evoluídos e competitivos. Acredito *que o André vai aumentar a qualidade*. (esbocandoideias.com)

Predicados que localizam (situam) uma situação com relação a outras tomam Episódios como argumentos, como, por exemplo:

- (103) Alguns não conseguiram porque a intensidade de fogo era muita, muita. Aconteceu *que o ar-condicionado pegou fogo*, daí foi gerando um curto-circuito em todos os ar-condicionados, pegando tudo. (veja.abril.com.br/)

Propriedades lexicais que designam percepção direta, por sua vez, tomam Estados de Coisas como complementos. É o que se observa no exemplo abaixo:

- (104) A artista é natural de Itaquaquecetuba. A vi cantar em um bar [...] (palopnews.com)

E, por fim, predicados que expressam noções aspectuais qualitativas, por exemplo, tomam Propriedades Configuracionais como complementos, como em:

- (105) Por volta de os 25 anos, Carolina Apple começou a *ter várias palpitações*. (www.otempo.com.br)

A diferença nos tipos de camadas subjacentes aos complementos desses predicados decorre do fato de que cada um desses significados expressos por eles está alojado em camadas particulares da estrutura representacional da GDF, como já dito.

Esse modo de tratar a complementação de predicados tem sido chamado por alguns autores de abordagem estratificada para a complementação (*layered approach to complementation*) (Hengeveld, 1990, p. 15). É precisamente dessa estratificação que se pode fazer um conjunto de predições acerca da forma e do comportamento dos complementos. Segundo Hengeveld e Mackenzie, (2008, p. 363), uma vez que cada camada possui seu próprio conjunto de operadores gramaticais e modificadores lexicais, é possível prever quais desses elementos podem ser expressos nas construções subordinadas. Um empreendimento investigativo dessa predição pode ser visto em Hengeveld et al (2007), em que os autores predizem que tipos valores modais podem ser expressos em orações completivas — sejam eles expressos por operadores gramaticais ou

modificadores lexicais —, tendo em vista a camada semântica envolvida no contexto do complemento oracional.

Por exemplo, a inserção de um elemento atuante na camada da proposição no complemento oracional do exemplo em (104), que é fruto de uma percepção direta do falante, resultaria em agramaticalidade ou em dificuldade de aceitabilidade, uma vez que esse domínio semântico é hierarquicamente inferior ao domínio proposicional.

Abaixo da camada da Oração, localiza-se a camada do Sintagma (Xp), que na GDF pode, potencialmente, ser constituído de uma sequência de Palavras, outros Sintagmas e Orações (encaixadas). No modelo, os núcleos do Sintagmas são sempre elementos lexicais. Assim, a GDF distingue o Sintagma Verbal (Vp), o Sintagma Nominal (Np), o Sintagma Adjetival (Adjp), o Sintagma Adverbial (Advp) e o Sintagma Adposicional (Adp) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 376). Nesse momento, é importante destacar que a GDF entende o Sintagma Verbal como constituído de apenas o seu núcleo verbal.

A última camada do Nível Morfossintático é a camada da Palavra (Xw), que consiste de uma combinação em sequência de Morfemas, outras Palavras, Sintagmas e Orações (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 400).

2.3 Predições dos modelos de estruturas em camadas

Com base nos modelos teóricos adotados neste trabalho, é possível elaborar um conjunto predições. Um dos princípios desses modelos teóricos é a postulação de que a estrutura hierárquica se ‘manifesta’ especialmente nos processos de junção de orações (sentenças complexas), seja em termos do tipo de camada (sintática) que se ‘junta’ como uma unidade matriz e uma dependente na sentença complexa (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 442), seja em termos do tipo de camada (semântica ou pragmática) que subjaz às unidades dependentes (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 363).

Considerando-se os princípios de organização das sentenças complexas na RRG (esboçados acima), espera-se que a construção figure em diferentes níveis de juntura/nexo, considerando-se que seus diferentes significados modais se associam a diferentes camadas sintáticas da estrutura hierárquica da oração. Tendo em vista que a modalidade de raiz (habilidade) aloja-se na camada do centro da estrutura hierárquica da oração proposta pela RRG, a construção *(ser) capaz de/que*, quando expressa esse tipo de

valor modal, licenciará a junção de nível central na estrutura complexa. E, tendo em vista que o *status* se aloja na camada da oração, isto é, ocupa uma posição sintática mais alta que a modalidade de raiz, a construção *(ser) capaz de/que*, quando expressa esse valor modal, licenciará a junção de nível oracional. Assim, os diferentes níveis de junção sintática em que a construção figura será decorrente de seus diferentes valores modais. Na RRG, essa correlação entre semântica e sintaxe nos usos da construção pode ser justificada assumindo-se que a construção *(ser) capaz de/que* ocupa diferentes posições na Hierarquia das Relações Interoracionais.

E, também, considerando-se os princípios de organização das construções subordinadas na GDF (também esboçados acima), é esperado que a expressão modal analisada tenha diferentes tipos de camadas subjacentes aos complementos, levando em consideração os seus diferentes significados modais, que se alojam em diferentes camadas representacionais. Como já dito, a GDF assume que os predicados que tomam complementos oracionais (*Complement-taking predicates*) podem denotar os mesmos domínios semânticos que os operadores gramaticais e modificadores lexicais e é justamente isso que implicará a construção investigada aqui tomar diferentes ordens de entidades como seus complementos. E, dado esses diferentes tipos de complementos, espera-se encontrar divergências na sua expressão morfossintática, tendo em vista a generalização segundo a qual, quanto mais baixa é a camada subjacente a uma Oração Subordinada, é mais provável que ela seja expressa por uma construção não finita no Nível Morfossintático (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 366).

É o que pretendemos verificar na análise das ocorrências de *(ser) capaz de/que*.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos do trabalho, como a constituição do *corpus*, os critérios de análise e as justificativas para a seleção de cada um deles, assentadas no seu potencial explicativo.

3.1 Constituição do *corpus*

Para análise da construção *(ser) capaz de/que*, foram extraídas ocorrências do banco de dados *Web/Dialects*, integrante do *Corpus do Português*⁶⁷ (Davis; Ferreira, 2006; 2016). Esse banco de dados é constituído por 1 bilhão de palavras, advindas de páginas de internet de quatro países da lusofonia (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Na análise proposta nesta dissertação, os dados foram extraídos exclusivamente de páginas da internet do Brasil.

Foram encontradas 62916 ocorrências de *ser capaz de*, 551 ocorrências de *ser capaz que* e 37 ocorrências de *capaz que*. Para análise foram coletadas 100 ocorrências dos dois padrões mais frequentes e todas as 37 ocorrências do padrão *capaz que* disponíveis no *corpus* que tivessem complementos oracionais explícitos, perfazendo um total de 237 ocorrências.⁶⁸ Esse ajuste na busca foi necessário, tendo em vista que a análise pretendida neste trabalho é de cunho qualitativo e que o padrão *ser capaz de* é extremamente mais frequente do que o padrão *(ser) capaz que*. Para a coleta dos dados, buscou-se por linhas de concordância a partir dos comandos *capaz de* e *capaz que* na barra de busca do *Corpus*. Essa estratégia de busca não só viabilizou o equilíbrio da amostragem como também permitiu encontrar variedade de flexões da cópula que figura na construção.

⁶⁷ Esse *corpus* pode ser acessado em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

⁶⁸ Há, ainda, um outro padrão da construção que não foi contemplado na amostragem selecionada. Trata-se do padrão “capaz de” em início de frase, indicando uma avaliação de possibilidade, como em “Este caso parece complicado, nunca ouvir falar de assentar “72 orixás”. **Capaz de** nem existir aqui no Brasil culto a essa quantidade de orixás.” (ocandoble.wordpress.com). Embora bastante frequente no texto falado, não houve ocorrências significativas no *corpus* que permitissem uma análise fundamentada.

3.2 Critérios de análise

A utilização simultânea de dois modelos teóricos com concepções diferentes de estruturas hierárquicas das categorias léxico-gramaticais impõe alguns desafios metodológicos, sobretudo na seleção de critérios de análise que abarquem ambas as propostas e que favoreçam uma comparação entre as análises. Tendo essa complexidade em vista, a presente proposta operará tanto com um critério comum às duas propostas, relacionado ao domínio semântico expresso pela construção modal, como com critérios que serão tratados no âmbito de cada modelo, tendo em vista as suas diferentes concepções acerca da natureza das unidades hierárquicas.

3.2.1 Critério comum aos dois modelos

- a) **Domínio semântico da modalidade**⁶⁹ (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41; Hengeveld, 2004, p. 1193; Hattner; Hengeveld, 2016, p. 2-4):

Este critério busca identificar o valor modal expresso pela estrutura investigada. A despeito da diferente terminologia, os domínios semânticos básicos expressos por *(ser)capaz de/que* são os mesmos para os dois modelos. Por meio desse critério, pretende-se verificar se a ocorrência é uma expressão de **modalidade capacitativa/habilidade** ou **epistêmica/status**, como ocorre em (106) e (107), ou se ela é polissêmica, como em (108):

- (106) Quando nos deparamos com uma situação de perigo, medo ou até mesmo quando realizamos algum tipo de atividade física, é liberada em nosso organismo uma grande quantidade de adrenalina. Para quem não sabe, esse hormônio é **capaz** de alterar as nossas condições físicas e também psicológicas. (007blog.net)
- (107) **É capaz** que elas fiquem tão infelizes que resolvam buscar uma vida melhor e paz em outros lugares. (apenas1.wordpress.com)

⁶⁹ Embora os valores semânticos de capacidade/habilidade e de *status*/epistêmico sejam correspondentes, a nomenclatura adotada por cada modelo será mantida neste Capítulo e na primeira parte da análise, no Capítulo IV, para ajudar a identificar o modelo teórico que está sendo utilizado. Apenas na comparação dos resultados obtidos é que se fará a fusão desses termos.

- (108) O geminiano é **capaz de** parar o sexo com você, só para ver o novo clip da Amy Winehouse e depois volta com o mesmo fogo de antes, enquanto você está ainda enxugando as lágrimas. (100freskura.wordpress.com)

No exemplo em (106), a construção expressa capacidade (em termos da GDF) ou habilidade (em termos da RRG) referente ao participante do evento descrito na sentença. O valor modal, nesse caso, é relacional, uma vez que o que se avalia é a capacidade de uma entidade para se envolver em uma situação descrita por um predicado (Hengeveld, 2004, p. 1192). Em (107), por sua vez, o predicado modal adjetival qualifica como possível a situação denotada pela oração subjetiva. Codifica, portanto, modalidade epistêmica (em termos da GDF) ou *status* (em termos da RRG). Note-se que, nesse caso, a construção pode ser parafraseada por “é possível”, uma estrutura claramente epistêmica: *é possível que elas fiquem tão infelizes que resolvam buscar uma vida melhor e paz em outros lugares*. Na ocorrência (108), por outro lado, a construção tanto poderia receber uma leitura capacitativa (*o geminiano tem a capacidade de parar o sexo...*) quanto uma leitura de possibilidade (*é possível que geminiano pare o sexo...*). Na primeira leitura, a construção expressa habilidade ou modalidade capacitativa e, na segunda, modalidade epistêmica ou *status*, considerando-se os modelos da GDF e da RRG, respectivamente.

O que se espera desse critério é, de fato, captar a natureza polissêmica de (*ser*) *capaz de/que* no campo semântico da modalidade, um dos objetivos específicos desta dissertação.

3.2.2 Critérios tratados na RRG

- a) **Camada sintática sob incidência da avaliação modal — escopo** (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41):

Como dito no Capítulo II, as unidades que podem estar sob o escopo das qualificações modais são unidades de estatuto diferente nos modelos adotados nesta dissertação — o que justifica que elas sejam utilizadas como critérios separados.

Este critério busca identificar o escopo do modal na Estrutura da Oração em Camadas como proposta pela RRG. Como foi explicitado no Capítulo II, os modais tanto podem incidir sobre a camada do **centro**, camada que diz respeito às relações entre núcleo (NÚC) e seus argumentos, ou sobre a camada da **oração**, camada mais alta que abrange o centro e a periferia. Casos da construção modificando o centro e a oração podem vistos nos exemplos (109) e (110) abaixo, respectivamente:

(109) Ele era **capaz de** viajar à incrível velocidade de 22. (50anosdetextos.com.br)

(110) **É capaz que** os manifestantes que certamente farão o maior barulho pelas ruas de Madrid durante a parada do dia 12/10 lembrem bem ao resto do mundo tudo o que está no parágrafo acima. (coisaparecida.com)

Na ocorrência em (109), um centro — constituído pelo predicado e seu argumento — é avaliado pela construção modal *é capaz de*. Nesse caso, a construção adjetival avalia a relação entre *ele* e o predicado *viajar*. Em (110), por outro lado, a construção qualifica uma *oração* como um todo: *é capaz que*, nesse caso, qualifica a oração *os manifestantes que certamente farão o maior barulho pelas ruas de Madrid durante a parada do dia 12/10 lembrem bem ao resto do mundo tudo o que está no parágrafo acima*. Em suma: no primeiro caso, a construção atua na projeção do núcleo e seus argumentos e, no segundo, na projeção da oração.

O que esse critério pode revelar sobre a construção investigada é o seu escopo, definido a partir de critérios sintáticos na RRG. Espera-se que esse critério ajude a explicar os diferentes níveis de junção sintática da estrutura complexa, como ficará claro nas análises.

b) Tipo de junção/nexo da estrutura complexa que a construção licencia (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 441; Van Valin, 2023, p. 69; Ohori, 2023):

Esse parâmetro busca determinar o tipo de **junção** e de **nexo** das ocorrências de *(ser) capaz de/que* analisadas, especificamente se se trata de uma junção de nível central do tipo cossubordinada, como em (111), ou de junção de nível central subordinada, como em (112).

(111) Falha Geral — Este é um sinal emitido em caso de problema grave, sendo que a BIOS não **foi capaz de** identificá-lo. (007blog.net)

(112) **É capaz que** os dois amanheçam estatelados na Paulista. (apocalipsemotorizado.net)

Como visto no Capítulo II, a junção central cossubordinada é constituída por dois centros que, obrigatoriamente, compartilham um argumento. É um tipo de junção-nexo que envolve controle. Além disso, se houver expressão de operador no nível da junção, ele também será obrigatoriamente compartilhado. Em (111), há junção central do tipo cossubordinada. É central porque há a junção de dois centros — *a bios não ser capaz de identificá-lo* — formando, assim, a oração como um todo. Essa junção é central porque

possui algumas características típica desse tipo: o compartilhamento de argumento entre os centros e o fato de o segundo predicado ser transitivo (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 444-446). E é cossubordinada tanto porque o compartilhamento de argumento é obrigatório — envolve controle — quanto porque, se houve expressão de operador central na oração matriz, ele deverá ser compartilhando com a não matriz.

A juntura oracional subordinada, por sua vez, é constituída por duas orações cada qual podendo conter seus próprios operadores oracionais, além do fato de não haver compartilhamento necessário de participantes. Em (112), é uma oração toda (*que os dois amanheçam estatelados na Paulista*) que é ligada à matriz *é capaz*. Note-se, que diferentemente de (112), a unidade sintática não matriz já possui a sua própria expressão de tempo (presente na morfologia verbal do verbo *amanhecer*), um operador de nível oracional. Além disso, trata-se de uma juntura do tipo subordinada porque a unidade não matriz (ou dependente) exerce a função de argumento central, nesse caso sujeito (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 453).

É preciso ter em mente que, no âmbito da Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais (*Interclausal Syntactic Relations Hierarchy*) da RRG, a juntura central é mais integrada sintaticamente do que juntura oracional (Ohori, 2023, p. 544). Convém lembrar que, na Estrutura da Oração em Camadas — LSC, o centro é uma camada inferior à camada da oração.

A importância desse parâmetro decorre do fato de que, por meio dele, espera-se correlacionar os diferentes significados modais de *(ser) capaz de/que* com as diferentes formas de organização da estrutura complexa em que figura, sustentando a hipótese de que essa diferença de forma ocorre em função da semântica do predicado modal. Para tanto, essa correlação será tratada considerando-se a Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy*) do modelo, que justapõe as hierárquicas semânticas e sintáticas, predizendo estas por aquelas.

c) Presença de auxiliar modal na unidade matriz (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455; Ohori, 2023, p. 536):

Este critério busca verificar a presença de operador gramatical de modalidade *ter que* e *dever* que tem escopo sobre o centro na unidade matriz das ocorrências, o que será relevante para a identificação do tipo de nexos. É o que se vê em (113) e em (114).

- (113) Para estar feliz eu acho que você não só tem que fazer algo que lhe agrade, mas também que você admire. Você tem que ser capaz de dizer, no final, uau, isso é bem legal. (001gatos.org)
- (114) No contexto clínico o fonoaudiólogo deve ser capaz de motivar a criança de forma adequada à realidade e às possibilidades da mesma, levando em conta os diferentes tipos de discurso escrito e organizando-os dos mais simples aos mais complexos. (alb.com.br)

Ficou explícito, no capítulo II desta dissertação, que o que caracteriza o processo de cossubordinação é o fato de haver compartilhamento de operador gramatical, no sentido de que a unidade não matriz depende da matriz para a expressão de, pelo menos, um operador no nível da junção. E, segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 455), o que é crucial nesse tipo de nexos é que esse compartilhamento é obrigatório na construção. Observando-se as ocorrências (113-114), percebe-se que os auxiliares *ter que* e *deve* têm escopo sobre os dois centros da junção: *tem que*, em (113), não só descreve o participante *você* como sendo obrigado a *ser capaz*, mas também a *dizer uau*. Da mesma forma, *deve*, em (114), marca a obrigação de *o fonoaudiólogo ser capaz* e também de *motivar a criança de forma adequada à realidade e às possibilidades da mesma*.⁷⁰

Assim, espera-se que este critério permita associar certos usos de *(ser) capaz de/que* à presença da junção central cossubordinada, daí a relevância desse critério.

d) Tempo verbal da cópula:

Esse critério objetiva identificar o tempo verbal denotado pela cópula suporte que ocorre nas ocorrências da construção *(ser) capaz de/que*. Os tempos sob análise são os tempos do indicativo, e podem assim ser ilustrados:

- (115) E o tempo é **capaz de** dar nomes à todas as coisas. (001pontodevista.zip.net)
- (116) Comi muito pouco hoje, é **capaz que** eu desmaie. (smilewait.com.br)
- (117) Ele **foi capaz de** traduzir essa experiência em termos que foram compreendidos pelos outros. (aabr.com.br)
- (118) Caim **era capaz de** resistir à tentação. (apazdosenhor.org.br)

⁷⁰ Um caso de compartilhamento de modalidade deontica analisado por Van Valin e LaPolla (1997, p. 460) é *John must try to Wash the car* 'John deve tentar lavar o carro'. Segundo os autores, o modal *must* 'deve', um operador central, tem escopo sobre os dois centros: *John*, nesse caso, é obrigado a *tentar lavar o carro*, não somente a *tentar*.

- (119) Ao tomar consciência do seu valor, você **será capaz de** ir em frente com muita força, coragem e confiança. (ad-mensagensdeamor.blogspot.com) – futuro do presente
- (120) Quem odeia tem dentro de seu ódio o crime de assassinato em potencial, pois **seria capaz de** matar se o pudesse. (24.229.2.221) – futuro do pretérito
- (121) [...] pensei que, se eu **fora capaz de** (começar a) aprender a calar-me (coisa que continuo a aprender todos os dias), certamente aquele aprendiz teria o direito de o descobrir também por si mesmo (a-partir-pedra.blogspot.com/) – pretérito-mais-que-perfeito

O que espera desse parâmetro é verificar se haverá alguma correlação, ou restrição, entre os tempos expressos pelas flexões da cópula suporte e os valores modais da construção (*ser*) *capaz de/que*. Como se pode observar nas ocorrências acima, os tempos encontrados na amostragem selecionada foram o presente do indicativo, como em (115-116), o pretérito perfeito do indicativo, como em (117), o pretérito imperfeito do indicativo, como em (118), o futuro do presente, como em (119), o futuro do pretérito, como em (120), e o pretérito mais-que-perfeito, como em (121).

e) Tempo verbal das orações em posição de complemento da construção:

Esse critério busca identificar os tipos de tempos verbais relevantes das orações em posição de complemento da construção, como em (122) a (125):

- (122) É importante lembrar que não existem olhos idênticos, e é muito **capaz que** você tenha dois tipos de formato. (atmosferaglamour.com) - Presente do subjuntivo
- (123) No final das contas, **capaz que vai ter** gente sim que vai usar o benefício para o bem. (acidblacknerd.wordpress.com) – Futuro do presente
- (124) A performance em Sepang, aliás, foi excelente, e não fosse um problema em as voltas iniciais, bem **capaz que conseguiu** algo melhor que o sexto lugar. (victormartins.warmup.com.br) - Pretérito imperfeito do subjuntivo
- (125) O mundo nunca está satisfeito. Mas sobre o caso de o post: é racismo, puro e gritante! E eu não sei o que faria também, é de aquelas coisas que a gente fica tão em choque que acaba não dizendo nada. **Capaz que**, se a Cecília falasse algo, a mulher ainda diria que não, não é racismo. (escrevalolaescreva.blogspot.com) – Futuro do pretérito

Como é possível perceber, a construção investigada pode se combinar com subordinadas em diferentes tempos verbais: em (122), tem-se a expressão do presente do subjuntivo codificado na morfologia da forma verbal *tenha*. Em (123), há a expressão

do futuro do presente por meio da perífrase *vai ter*. No dado em (124), por sua vez, vê-se o pretérito imperfeito do subjuntivo codificado na forma verbal *conseguisse*. Na ocorrência apresentada como (125), há presença do futuro do pretérito, expresso na forma verbal *diria*.

O recurso a esse critério decorre do fato de que o *tempo* é uma categoria bastante relevante nos modelos estratificados propostos pela RRG e pela GDF, sobretudo quando se trata de junção oracional. É por meio da expressão de tempo que se pode atestar qual é a camada envolvida no complemento oracional, uma vez que, nesses modelos, a expressão (gramatical) de tempo pertence a camadas específicas da oração (Ohuri, 2023, p. 533; Van Valin, 2005, p. 9; Hengeveld, 2011, p. 582).⁷¹

Assim, esse parâmetro deverá auxiliar na identificação do tipo de camada envolvida no processo de junção oracional.

3.2.3 Critérios tratados na GDF

Para análise das ocorrências pelo viés da Gramática Discursivo-Funcional, os seguintes critérios foram selecionados:

a) Alvo da avaliação modal (camada semântica sob incidência do modal/escopo) (Hengeveld, 2004, p. 1192-1193; Hattner; Hengeveld, 2016, p. 3-5):

Este critério busca identificar o tipo de alvo da expressão (*ser*) *capaz de/que*. Por meio dele, é possível verificar se a construção incide sobre um **participante**, como em (126), um **evento**, como em (127), sobre um **episódio**, como em (128), ou sobre uma **proposição**, como (129).

(126) Se me disserem: restam-lhe vinte anos de vida, o que quer fazer com as 24 horas de cada um dos dias que vai viver? Eu responderia: dê-me duas horas de vida produtiva e 22 horas de sonho, com a condição de que eu **seja capaz de** me lembrar deles — pois o sonho só existe pela memória que o cultiva. (35.mostra.org)

(127) De acordo com a tradição de o Candomblé, o banho **é capaz de** limpar o corpo e espantar o mau olhado. (testeweb.ocatequista.com.br)

(128) Nas milongas, **é capaz que** você encontre na pista os dançarinos que você veria em um palco de um show de tango (buenosairesparachicas.com)

(129) Eu acho que ele fez isso para evitar algo pior, no caso, prisão. **Capaz que** tenha algo mais cabeludo para aparecer aí. (victormartins.warmup.com.br)

Como se pode observar, em (126) a avaliação recai sobre o participante expresso pelo NP pronominal *eu*. Nesse caso, a construção avalia a capacidade desse participante em particular em termos de seu envolvimento no evento descrito na oração em posição de complemento. Em (127), o evento *o banho* é avaliado como uma condição habilitadora da ocorrência de *limpar o corpo e espantar o mau olhado*. No exemplo apresentado em (128), por sua vez, o Episódio descrito pela oração subordinada (*you encontrar na pista os dançarinos que você veria de um show de tango*)⁷² é avaliado objetivamente pelo falante como possível. Diferentemente do caso anterior, a potencialidade do evento já não depende de circunstâncias, mas do conhecimento sobre o mundo. Essa entidade avaliada é um Episódio porque pode-se identificar nela uma marca de tempo absoluto na forma verbal *encontre*, nomeadamente o tempo presente do subjuntivo. E, finalmente, em (129), a construção tem escopo sobre uma proposição (*ter algo mais cabeludo para aparecer aí*). Esse caso é orientado para a proposição porque o julgamento expresso na construção (*ser*) *capaz de/que* reflete um comprometimento do falante diante do conteúdo apresentado (nesse caso, a construção seria parafraseável por *tenho certeza que*).

Conforme exposto no Capítulo II, as unidades hierárquicas que podem estar sob o escopo das distinções modais são unidades com estatuto semântico. Assim, esse critério permite identificar o tipo de entidade ontológica/semântica sobre a qual incide a construção (*ser*) *capaz de/que*, uma vez que, nos termos de Hengeveld (2004, p. 1192), tal parâmetro lida com o alvo da avaliação modal. No modelo atual da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), cada uma dessas orientações aloja-se nas camadas do Nível Representacional (Hattner; Hengeveld, 2016). Esse critério deverá, portanto, mostrar como a distribuição hierárquica das modalidades pode explicar as diferentes expressões da estrutura complexa em que (*ser*) *de/que* figura.

b) Presença de auxiliar modal na Oração matriz:

Este critério busca verificar a presença de operador gramatical modalidade deôntica (*ter que* e *dever*) expresso na Oração matriz, como em (130) e em (131).

⁷² Lembre-se de que, como dito no Capítulo II, o Episódio pode ser formado por apenas um evento.

- (130) Alguém tem que ser capaz de fazê-la descer do salto alto. (applemania.info)
- (131) O médico neonatologista deve ser capaz de realizar atendimento ao recém-nascido em unidades de terapia intensiva neonatal. (blog.euvoupassar.com.br)

Observando essas ocorrências, em (130), o auxiliar modal *ter que* expressa o que na GDF se chama de modalidade deôntica orientada para o participante. Nesse caso, o marcador caracteriza o participante (*alguém*) como sendo o obrigado a *ser capaz de fazê-la descer do salto alto*. Da mesma forma, o auxiliar *dever*, em (131), é meio de expressão da modalidade deôntica orientada para o participante, uma vez que denota a obrigação de um participante (nesse caso, *o médico*) a ser envolvido em um evento (*ser capaz de realizar atendimento ao recém-nascido em unidades de terapia intensiva neonatal*).

Em ambos os casos, nota-se que os auxiliares deônticos têm escopo sobre a modalidade facultativa, que é expressa pela construção investigada. No contexto da GDF, o que esse critério pode oferecer é uma caracterização semântica mais ampla dos contextos em que ocorre a construção (*ser*) *capaz de/que*.

c) **Tempo verbal da cópula:**

Assim como proposto nos parâmetros relativos à RRG, esse critério busca identificar o tempo verbal denotado pela cópula suporte presente na Oração matriz. Os tempos sob análise são os tempos do indicativo, que podem assim ser ilustrados:

- (132) Fico me perguntando o que a nossa cabeça **é capaz de** produzir, imaginar e acreditar. (2001video.empresarial.ws) - Presente do indicativo
- (133) Viveu sem preconceito, sem discriminar ninguém. Olhando sua lista de amigos, tinha os mais excluídos da sociedade. **Foi capaz de** se arriscar e salvar uma mulher adúltera. (102fmnatal.com.br) – Pretérito perfeito do indicativo
- (134) Se cantasse para mim, então, pegava, levava para casa e fazia a janta. Digo mais: se fosse contemporânea dele em Harvard, **era até capaz de** dar uma rasteira em Michelle depois daqueles discursos inflamados no campus, assim eliminava de vez a concorrência. (501pranaopegar.tumblr.com/) – Pretérito imperfeito do indicativo
- (135) Só Deus **será capaz de** impedir que a gente faça este país ocupar o lugar de destaque que ele nunca deveria ter deixado de ocupar. (adoradores.forumfacil.net) – Futuro do presente
- (136) Descobri nesta madrugada essa vertente ou expoente através do livro de Christine Valters Paintner, chamado *Eyes of the Heart: Photography as a Christian*

Contemplative Practice. Eu certamente não **seria capaz de** explicar o que seria isso ao certo. (adcummulus.blogspot.com) – Futuro do pretérito

d) Tempo verbal das orações em posição de complemento da construção:

Esse parâmetro busca identificar os tipos de tempos verbais relevantes sob análise das Orações em posição de complemento da construção, como se pode ver em (137), (138) e (139):

- (137) É importante lembrar que não existem olhos idênticos, e é muito **capaz que** você tenha dois tipos de formato. (atmosferaglamour.com) – Presente do subjuntivo
- (138) A performance em Sepang, aliás, foi excelente, e não fosse um problema em as voltas iniciais, bem **capaz que conseguiu** algo melhor que o sexto lugar. (victormartins.warmup.com.br) – Pretérito imperfeito do subjuntivo
- (139) O mundo nunca está satisfeito. Mas sobre o caso de o post: é racismo, puro e gritante! E eu não sei o que faria também, é de aquelas coisas que a gente fica tão em choque que acaba não dizendo nada. **Capaz que**, se a Cecília falasse algo, a mulher ainda diria que não, não é racismo. (escrevalolaescreva.blogspot.com) – Futuro do pretérito

Como é possível observar acima, a construção investigada pode se combinar com diferentes tempos verbais: em (137), há o tempo presente do subjuntivo codificado na forma verbal *tenha*. Em (138), tem-se a o pretérito imperfeito do subjuntivo codificado na forma verbal *conseguisse*. E, finalmente, na ocorrência apresentada como (139), há presença do futuro do pretérito, expresso na forma verbal *diria*.

É por meio da expressão de tempo que se pode atestar qual é a camada envolvida no complemento oracional, uma vez que, na GDF, a expressão de tempo pertence a camadas específicas da oração (Hengeveld, 2011, p. 582), estando o tempo relativo alojado na camada do Estado de Coisas e tempo absoluto, na camada do Episódio, tal como visto no Capítulo II. Sendo assim, a identificação do tempo verbal das orações em posição de complemento da construção também auxilia na identificação do tipo de camada envolvida no processo de junção oracional, aspecto que interessa a este trabalho.

e) Forma da Palavra Verbal (Vw) dentro o Sintagma Verbal (Vp) na Oração subordinada (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015):

Esse parâmetro é derivado no Nível Morfossintático da GDF, isto é, de um dos seus níveis de representação responsáveis pela codificação das distinções pragmáticas e

semânticas, como ficou claro no Capítulo II. Com esse critério, busca-se verificar se as Orações encaixadas pela construção analisada são constituídas por Sintagmas Verbais (Vp) formados por Palavras Verbais (Vw) **não finitas**, como em (140), ou por Palavras Verbais **finitas**, como (141):

(140) Acho o noivo de a Rose um boboca não tinha nada que falar aquela besteira Deus é poderoso e é **capaz de fazer** tudo. (50anosdetextos.com.br)

(141) Então se chamar alguém de cachorro sem dono, é **capaz que fiquem** com pena da pessoa. (blogdaboitempo.com.br/)

O que se espera desse critério é poder correlacionar os diferentes tipos de formatos de expressão das Orações subordinadas aos diferentes valores modais expressos da construção. Em termos de GDF, o que se almeja é relacionar a distinções do Nível Representacional a essas diferenças no Nível Morfossintático.

Com esses critérios descritos acima, passa-se, no próximo capítulo, à análise da construção modal (*ser*) *capaz de/que* baseada nos modelos da Gramática de Papel e Referência e da Gramática Discursivo-Funcional.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO MODAL (*SER*) *CAPAZ DE/QUE*

Neste capítulo, apresenta-se a análise da construção (*ser*) *capaz de/que* enquanto meio de expressão de modalidade em português. A apresentação inicia-se pela análise da estrutura segundo a RRG, seguida da análise segundo a GDF. Depois das análises segundo cada modelo, apresenta-se um resumo comparativo dos resultados obtidos.

4.1 Análise segundo a RRG

Na busca da caracterização da diversidade de usos da estrutura (*ser*) *capaz de/que*, a análise da acomodação dessa expressão modal no modelo hierárquico da RRG começa pela identificação dos seus valores semânticos. As ocorrências analisadas são, em termos do modelo, tanto meio de expressão de modalidade de raiz (habilidade), como em (142), quanto de *status* (modalidade epistêmica), como em (143):

- (142) Ao tomar consciência do seu valor, você **será capaz de** ir em frente com muita força, coragem e confiança. (ad-mensagensdeamor.blogspot.com)
- (143) Se você nunca usou um aplicativo de este tipo, **é bem capaz que** o problema se resolva logo de cara (artigos.softonic.com.br).

Em (142), por meio da estrutura *ser capaz de*, atribui-se ao participante expresso pelo sujeito *você* a habilidade de realizar o evento denotado pelo verbo *ir*, presente na oração em posição de complemento. Na ocorrência apresentada em (143), por sua vez, a construção modal qualifica a proposição expressa na completiva (*o problema se resolver logo*) como possível/provável.

Correlacionados a esses significados modais, identificaram-se, nas ocorrências analisadas, alguns padrões estruturais, a saber: *ser capaz de*; *ser capaz que* e *capaz que*. A distribuição desses valores segundo esses padrões é a seguinte:

Tabela 1 - Distribuição de valores na RRG

Padrão estrutural	Valor modal	Ocorrências
Ser capaz de	Raiz (Habilidade)	97
Ser capaz de	<i>Status</i> (possibilidade)	3
Ser capaz que	<i>Status</i> (possibilidade)	100
Capaz que	<i>Status</i> (possibilidade)	37
	TOTAL	237

Fonte — Elaborado pelo autor

Nota-se que os valores modais expressos pela construção se associam a diferentes tipos de padrões estruturais⁷³ — *ser capaz de* associa-se preferencialmente à habilidade (modalidade de raiz) e *(ser) capaz que*, ao *status*. Cada um desses padrões estruturais é analisado separadamente nas subseções seguintes.

4.1.1 Padrão *ser capaz de*

Como visto na tabela 1, o padrão *ser capaz de* da construção pode ter duas leituras, nomeadamente uma leitura de raiz e uma de *status*. Para a análise desse padrão da construção como meio de expressão da modalidade de raiz segundo a RRG, considere-se a seguinte ocorrência:

- (144) Com autoconfiança e espírito aberto, você **será capaz de** reunir pessoas que farão a diferença para você e sua empresa. (102fmnatal.com.br)

Em (144), a construção expressa a capacidade/habilidade do participante codificado pelo NP sujeito de se envolver no evento denotado pelo verbo da oração em posição de complemento.

Buscando caracterizar esse uso da construção *ser capaz de* segundo a RRG, analisa-se o escopo da construção, isto é, a camada da oração sob o âmbito de incidência da construção investigada, se o *centro* ou a *oração* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 47). No modelo hierárquico proposto pela Estrutura da Oração em Camadas, a expressão de habilidade aloja-se na camada do *centro* (Van Valin, 2005, p. 9; Peterson, 2023, p. 202). Assim, é coerente com a RRG propor que o padrão *ser capaz de*, tal como exemplificado

⁷³ Os diferentes padrões estruturais nos quais o adjetivo *capaz* figura também são reconhecidos por outros trabalhos, como Rodrigues e Lunguinho (2019).

na ocorrência (144), ao expressar habilidade referente ao participante do evento, modifica a camada do *centro* da LSC, na medida em que a estrutura atua justamente na relação entre um argumento central (o NP *você*) e o predicado contido no núcleo da oração (o verbo *reunir*), aspecto que, segundo Van Valin (2005, p. 9) e Peterson (2023, p. 202), caracteriza os elementos de nível central.

Um outro critério relativo à RRG busca determinar o tipo de junção-nexo das ocorrências da construção. É, pois, o parâmetro que lida com a estrutura da sentença complexa licenciada pela construção. Segundo esse critério, a análise das ocorrências coletadas revela que *ser capaz de*, quando expressa modalidade de raiz, figura em uma junção de nível central. Além disso, o critério também revela que se trata de um nexos de cossubordinação. A junção central, na RRG, consiste de uma única oração formada por mais de um centro (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 448). Esse critério pode ser defendido considerando-se a seguinte ocorrência:

(145) Falha Geral —Este é um sinal emitido em caso de problema grave, sendo que a BIOS não **foi capaz de** identificá-lo. (007blog.net)

A construção em (145), estruturalmente semelhante à configuração da ocorrência (144), expressa modalidade de raiz (nesse caso, habilidade). Da mesma forma que em (144), o referente codificado pelo NP sujeito é avaliado em termos de sua aptidão para realizar a ação descrita pelo núcleo da unidade dependente (*identificar*) da estrutura complexa. Observando-se (145), observa-se que há o compartilhamento semântico de argumento entre os predicados da estrutura complexa: o NP *a BIOS* é tanto argumento do predicado modal adjetival *capaz* quanto argumento do predicado da unidade dependente *identificar*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 444), o compartilhamento de argumentos é característico da junção central. Além disso, nesses casos o compartilhamento de participantes é obrigatório na construção:

(145') A BIOS_i não **foi capaz de** [—_j* identificá-lo] (Adaptado de Van Valin, 2005, p. 95)

Como mostram os índices subscritos, a não identidade dos sujeitos implica a não aceitabilidade da sentença. Sendo, então, de caráter obrigatório, esse compartilhamento sustenta que essa junção central é também cossubordinada, uma vez que, segundo Van Valin (2023, p. 73), esse tipo de construção envolve obrigatoriamente um controlador. Conforme visto na seção dedicada à apresentação da RRG no capítulo II desta dissertação, nesses tipos de construções, o constituinte que ocupa a posição de sujeito da unidade

matriz pode ser categorizado como um constituinte que ocupa a chamada posição sintática privilegiada (Van Valin, 2005, p. 94). Há, aí, o que a RRG chama de controlador (*controller*), que, nesse caso, é o NP *a BIOS*, e o pivô (*pivot*) da construção gramatical, que é o NP sujeito de *identificar* omitido, que é correferencial com *a BIOS*. Convém lembrar que as noções de controlador e pivô são as noções pelas quais o modelo da RRG entende as relações gramaticais. Segundo Van Valin (2005, p. 95), o controlador pode disparar a concordância verbal e suprir a interpretação do argumento omitido da unidade dependente e o pivô tipicamente (embora não exclusivamente) é esse argumento omitido.

A presença de operador gramatical na oração matriz é outro critério utilizado para caracterizar o uso de *ser capaz de* como elemento que figura em junção central do tipo cossubordinada. A ideia subjacente a esse critério é a de que, se houver operador gramatical no nível da junção (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455), ele obrigatoriamente deverá ser compartilhando entre os centros (eventos) da estrutura complexa. De acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 455), a dependência de operador é uma das características basilares do nexo de cossubordinação. Isso não só é possível como também é atestado entre os dados os analisados:

(146) Você tem que ser capaz de lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara. (ataquetotal.com.br)

(147) É a vida mesma do céu e da verdadeira igreja, então a pessoa que tem caridade deve ser capaz de fazer coisas, aqui na terra, que outras pessoas não podem fazer. (24.229.2.221)

Em (146), há a presença de um auxiliar modal deôntico *ter que* na unidade matriz — e nota-se que, em termos da RRG, ele tem escopo sobre os dois centros da junção: o participante *você* não só é obrigado *a ser capaz* como também é obrigado *a lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara*. Da mesma forma, o auxiliar *dever*, em (147), também qualifica os dois centros da junção: o referente expresso pelo NP *a pessoa que tem caridade* é caracterizado como sendo obrigado *a ser capaz e a fazer coisas*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 460), essa característica decorre do fato de que um operador modal pode modificar uma sequência de centros, desde que envolvam um mesmo participante.

Outro critério proposto para analisar os diferentes valores da construção (*ser*) *capaz de/que* segundo a RRG é a análise dos tempos verbais das orações em posição de complemento. As ocorrências analisadas mostram, no entanto, que o padrão *ser capaz de*

combina-se com verbos não flexionados (formas infinitivas) e, como se verá na subseção seguinte, esse é um comportamento que evidencia uma grande diferença entre os usos com semântica modal de raiz (habilidade) e seus usos com semântica de *status* (modalidade epistêmica).

Por fim, também foi proposto o critério que buscou identificar os tempos verbais da cópula suporte das orações matriz. A análise desse parâmetro mostrou que, no padrão *ser capaz de*, a cópula suporte pode vir flexionada nos seguintes tempos, todos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

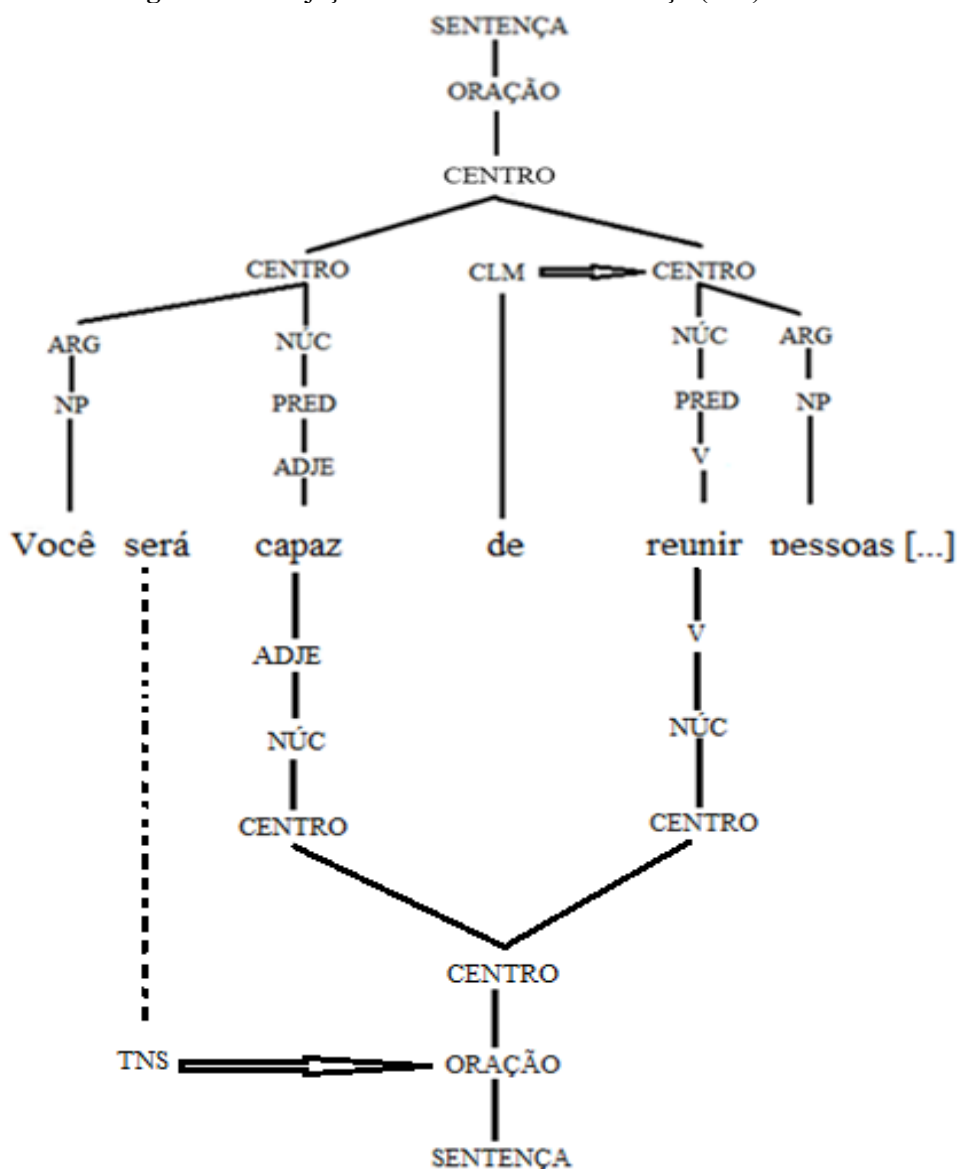
Os seguintes exemplos ilustram essas configurações:

- (148) A partir de os 16 meses, o bebê já **é capaz de** caminhar e de se manter de pé em segurança. (aconversacompais.blogspot.com)
- (149) A ciência de os homens ainda não foi capaz de descobrir a utilidade específica de cada uma de essas variedades de antenas, mas os cientistas se maravilham extasiados ante o fenômeno. O engenho humano jamais **foi capaz de** desenvolver antenas com essa sensibilidade. (ateu.wordpress.com)
- (150) Ele se machucou gravemente, mas ainda **era capaz de** andar. (antigoegito.org)
- (151) Se você acredita em simplicidade, você **será capaz de** transformar seu trabalho complexo em um método compreensível e repetidamente aplicável. (aisapereira.blogspot.com)
- (152) Afinal, Lennon **foi capaz de** escrever "Run for your life", presente no disco Rubber Soul, de 1965. (blogconvergencia.org)

Isso mostra que a construção *ser capaz de*, quando expressa modalidade de raiz (habilidade), apresenta variabilidade nos tempos expressos na cópula suporte da oração matriz. Como logo se verá, o mesmo não ocorre quando a construção é meio de expressão de *status*, o que revela características distintas dos seus usos modais.

Tendo em vista as características destacadas acima, este trabalho propõe a seguinte projeção de constituintes para a construção nesses usos:

Figura 12 - Projeção de constituinte da sentença (144)



Fonte - Elaboração própria

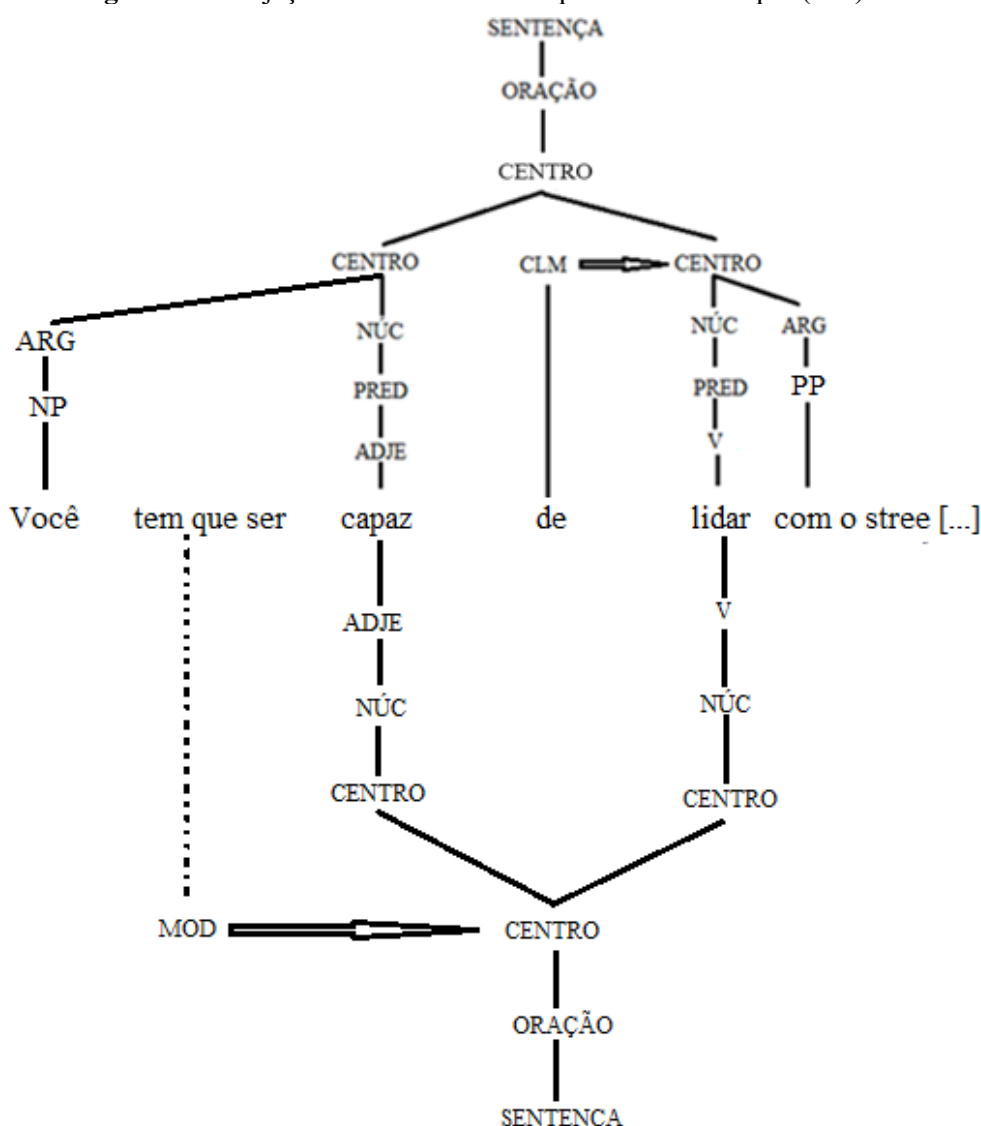
Esta representação suscita algumas observações importantes: o adjetivo modal ocupa, sintaticamente, o nóculo do núcleo (NUC) (que contém o predicado — PRED) da unidade matriz. Isso mostra que, em termos de RRG, *capaz* pode ser tratado como um morfema lexical, por possuir seu próprio nóculo na projeção da Estrutura da Oração em Camadas. A leitura modal de raiz é licenciada nesses casos porque esse predicado está modificando, em termos de habilidade/capacidade, a relação entre um argumento central e um núcleo. Observe-se, novamente, que esse argumento, que está expresso na unidade matriz, é semanticamente o mesmo argumento não expresso de *reunir*, como já dito.

Acrescente-se ainda o fato de a formalização mostrar que há, na estrutura hierárquica da oração, dois nóculos centrais. Esse aspecto demonstra o nível de juntura

em que figura a construção. Além disso, nota-se, no diagrama, que tais nódulos são dominados por um nó central superordenado, isto é, mais alto na hierarquia. Isso, de acordo com Van Valin (2005, p. 203), reflete o fato de que a expressão de operador gramatical, se houver, será compartilhada entre eles. Por fim, na projeção de operadores há a expressão da cópula, que codifica a categoria de tempo.

A título de ilustração, uma sentença como (145), em que há um caso de compartilhamento obrigatório de operador gramatical no nível da juntura, pode ser assim representada:

Figura 13 - Projeção de constituintes e operador do exemplo (146)



Fonte — Elaboração própria

Conforme se observa na figura 13, o auxiliar *ter que*, por ser um item gramatical da língua, é representado na projeção de operadores da Estrutura da Oração em Camadas.

Na projeção, o operador é anexado ao nóculo central superordenado, que domina outros dois nóculos centrais, representação que capta o fato de que o escopo do operador incide sobre os dois centros da juntura.

O padrão *ser capaz de* da construção pode também receber uma leitura de *status* (modalidade epistêmica) na RRG, como dito no início desta subseção. É o que mostra a seguinte ocorrência:

- (153) O encontro entre Rita e Madalena é **capaz de** abrir portas internas e externas, o que vai dar ao filme uma beleza fotográfica e emocional realmente muito tocantes. (2001video.empresarial.ws)

Para essa ocorrência, paráfrases possíveis seriam *é possível/provável que o encontro entre Rita e Madalena abra portas internas e externas* ou *o encontro entre Rita e Madalena tem a capacidade de abrir portar internas e externas*. Assim, na ocorrência as duas leituras são possíveis.

A leitura da construção *ser capaz de* como meio de expressão de *status* poderia trazer um complicador para a análise, uma vez que ela figura em contexto estruturalmente semelhante aos seus valores modais capacitativos. Observa-se, no entanto, que a construção, nesses casos, pode estar envolvida em um processo de alçamento. Essa é uma indicação de Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 556), citado no Capítulo II, como se discute a seguir.

Observando-se a ocorrência (153) pelo prisma não derivacional da RRG, pode-se apontar que, em casos como esses, há uma espécie de descompasso entre aspectos sintáticas e semânticos. Como já dito no início desta subseção, é possível atribuir, ao lado da leitura capacitativa, uma leitura de *status* à ocorrência. Também foi observado que, no exemplo, há uma estrutura sintática semelhante aos casos tipicamente capacitativos da construção, o que indica que se trata de uma juntura de nível central. É precisamente nesses aspectos que reside o descompasso entre sintaxe e semântica nesses possíveis casos: uma combinação de *status* com a juntura de nível central.

Na perspectiva do modelo, esse descompasso entre sintaxe e semântica ocorre nessa configuração porque um argumento *semântico* da oração dependente é expresso como argumento *sintático*⁷⁴ na unidade matriz (Van Valin, 2005, p. 96). Especificamente em (153), o NP *o encontro entre Rita e Madalena* é, semanticamente, argumento do verbo

⁷⁴ Lembrar que a RRG distingue argumento sintático de argumento semântico.

abrir, mas não do predicado *capaz*. Essa consideração leva a postular que, nesses casos, a construção é um predicado de apenas um argumento oracional:

(153') **É capaz que** o encontro entre Rita e Madalena abra porta externas e internas.

Como é possível perceber, a paráfrase sem o constituinte 'alçado' tem a mesma leitura de (153), se se considera uma leitura de *status* para essa ocorrência. Assim, a significação de *status* é a mesma nas versões com (e sem) alçamento. Isso não ocorre quando se considera um caso inequivocamente capacitativo da construção. Para ilustrar esse fato, considere-se a ocorrência (106), repetida aqui como (154):

(154) Só Jesus **é capaz de** realizar este impossível. (blog.cancaonova.com/)

(154') **É capaz que** só Jesus realize este impossível.

Nota-se que, diferentemente do que ocorre em (153-153'), o significado de habilidade/capacidade da construção em (154) não se mantém em (154') — o que refuta a ideia de que os casos de expressão de modalidade de raiz da construção também poderiam ser considerados casos de alçamento.

Em suma: nesses casos, apesar de organizar uma juntura de nível central, a construção *ser capaz de* pode ser meio de expressão de *status* (modalidade epistêmica). Entretanto, é preciso esclarecer que a estrutura sintática de (153) é semelhante à da construção com valor habilitativo somente em termos de juntura. Uma vez que o argumento não é semanticamente compartilhado pelos dois predicados da estrutura complexa, a presença de operador compartilhado no nível da juntura central é, em princípio, barrada pela construção (Van Valin, 2005):

(153'') O encontro entre Rita e Madalena *deve ser capaz de* abrir portas [...]

A inserção do auxiliar *dever* não modifica deoticamente os dois centros da estrutura, como ocorre nos casos tipicamente capacitativos (*o encontro entre Rita e Madalena é obrigado a ser capaz de abrir as portas/o encontro entre Rita e Madalena tem a obrigação de ser capaz de abrir portas*). A inserção do auxiliar modal *dever* no contexto parece preferir uma leitura de *status* e não de modalidade de raiz. Uma outra razão para essa impossibilidade é o fato de os domínios do *status* e da modalidade deontica estarem associados a diferentes camadas da estrutura hierárquica da oração. A Estrutura da Oração em Camadas da RRG prediz que o *status* tem escopo sobre a

modalidade deôntica, de modo que uma situação em que um marcador de raiz tenha escopo sobre um marcador de *status* violaria o princípio hierárquico. Não sendo possível, portanto, o compartilhamento de operador do nível de juntura (operador central),⁷⁵ o nexo da estrutura é de coordenação.

É preciso esclarecer que o modelo da RRG faz uma importante distinção entre expedientes puramente formais e os tipos de juntura e nexos, de modo que se distingue, por exemplo, coordenação (um tipo de nexo) de conjunção (um recurso formal disponível para algumas línguas (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 460). Um dos exemplos analisados por Van Valin (2005, p. 252) é *Mary seems to know the answer*. Nesse exemplo, não há conjunção, mas há coordenação, uma vez que a expressão de operador central é barrada na construção, tal como ocorre em (153''). Por outro lado, o modelo também prevê casos nos quais pode haver a presença de conjunção e um nexo não coordenado. É o que mostram Van Valin e LaPolla (1997, p. 460) ao analisarem *Carlos must Wash the car and clean his room* como um caso de cossubordinação, apesar de haver conjunção.

Vê-se que a semântica modal também tem impacto na determinação do nexo, mas esse ponto carece ainda de mais reflexões, que não serão feitas aqui, tendo em vista as limitações deste estudo.

4.1.2 Padrão *ser capaz que*

Para a análise do padrão *ser capaz que*, considerem-se agora as seguintes ocorrências:

(155) A mídia o perseguirá enlouquecidamente, ele não terá privacidade e é bem **capaz que** ele acabe “morrendo na cruz” como Jesus. (abr-casa.com.br)

Conforme o critério do domínio semântico da modalidade, em (155), o padrão *ser capaz que* serve à expressão de *status*, situando a proposição expressa pela oração subjetiva dentro do domínio da possibilidade/probabilidade (*é possível/provável que ele acabe morrendo na cruz*), o que é característico desse domínio semântico. Como se vê, não se trata mais de habilidade referente a um participante codificado por um NP sujeito, como no caso anterior, mas da expressão de valores ligados ao domínio epistêmico.

⁷⁵ Segundo Van Valin (2005), isso não é possível porque a relação entre um SN sujeito e um predicado só pode ser modificada pela modalidade de raiz se esse NP for argumento semântico desse predicado.

A análise do critério relativo à camada da oração sob o seu âmbito de incidência revela que é a oração como um todo que está sendo modificada pela construção (*que ele acabe morrendo na cruz*). Observa-se que essa oração contém sua própria expressão de tempo e aspecto e seus próprios argumentos centrais, o que a difere substancialmente dos casos anteriores. Além disso, nota-se uma diferença fundamental entre (144) e (155): (144) configura-se como uma construção pessoal, e (155), como impessoal.

Como já dito, um dos critérios estabelecidos a partir do modelo hierárquico da RRG busca determinar o tipo de junção-nexo da construção, caracterizando, pois, a estrutura complexa na qual figura a construção investigada. A análise desse critério mostra que esse padrão licencia uma junção de nível oracional e do tipo subordinada, diferentemente do padrão anterior. Para defender essa posição, considere-se a seguinte ocorrência:

(156) É importante lembrar que não existem olhos idênticos, e é muito **capaz que** você tenha dois tipos de formato. (atmosferaglamour.com)

No exemplo (156), a construção expressa *status* (possibilidade/probabilidade) e figura em uma junção oracional subordinada, isto é, uma junção relacionada a uma camada mais alta da oração. Como dito no Capítulo II, a subordinação de nível oracional ocorre quando uma oração como um todo é encaixada em posição de argumento de um núcleo de um centro, por exemplo (Ohori, 2023, p. 532).⁷⁶ Com efeito, isso é o que se vê nesse padrão da construção. Em casos como (156), a oração *que você tenha dois tipos de formato* é encaixada como argumento central (sujeito) do predicado *capaz*. Note-se que, diferentemente do que ocorre na modalidade de raiz, a unidade sintática sob o escopo da construção é uma oração-QU (uma *that-clause*), o que mostra uma menor integração entre as unidades da estrutura complexa. É esse tipo de oração que, tipicamente, expressa uma construção subordinada, segundo a RRG (Van Valin; LaPolla, 1997).

Um dos critérios adotados que reforça essa posição diz respeito às formas de tempos verbais presentes nas orações em posição de complemento da construção. Segundo esse critério, o padrão *ser capaz que*, diferentemente de *ser capaz de*, pode se combinar com os seguintes tempos: presente, futuro do presente e futuro do pretérito do

⁷⁶ Esse tipo de combinação (uma oração como um todo funcionando como um argumento de um centro) é tratada por Van Valin e LaPolla (1997) e Van Valin (2005) como um tipo de junção assimétrica, na qual uma unidade maior (uma oração) se junta a uma unidade menor (um centro).

indicativo e presente e pretérito perfeito do subjuntivo. É o que mostram as seguintes ocorrências:

- (157) [...] é bem **capaz que** eles já fazem um número de cópias já estabelecendo que irão sujar a cidade no dia das eleições. (vivoverde.com.br)
- (158) Mas não contaria muito com isto — já que os novos avanços tecnológicos que recapacitariam os homens estão chegando ao mesmo tempo que eles sofreram os maus tratos femininos por mais de três décadas. E é bem **capaz que** eles **estarão** com um péssimo humor. (canal.bufalo.info)
- (159) A história que eu vou contar é real. Juro, sem nenhuma virgula de ficção, embora, como se passou há mais de 20 anos, é **capaz que** minha memória tenha distorcido alguma coisa. (www.caldinas.com.br)
- (160) É **capaz que** sua parceira queira fazer isso com outros caras e isso não tem problema. (artedonamoro.com)
- (161) Todo o projeto bem administrado precisa de um orçamento. Todo orçamento precisa de uma entrada regular. É bem **capaz que** se Sansão estivesse vivo na época de Jeremias, ele poderia tê-lo tirado da cisterna sozinho, mas ele estava morto há séculos (friendsoflabieno.org/)

Um aspecto interessante a ser apontado é o fato de que o padrão *ser capaz de* da construção (que expressa modalidade de raiz) está limitado à combinação com a forma infinitiva. Esse comportamento é predito pela estrutura da oração em camadas do modelo, dado que, conforme mostrado acima, a unidade da estrutura em camadas expressa na unidade dependente nesses casos é a camada do centro, camada que não possui *tempo* como um dos seus operadores básicos, conforme enunciado no Quadro 2 do Capítulo II. É precisamente isso que justifica a construção ser não finita, uma vez que, em línguas como o português, o tempo é gramaticalmente marcado pelas flexões modo-temporais dos verbos.

Por outro lado, no padrão *ser capaz que* (forma de expressão de *status* no modelo), a combinatória com tempos verbais gramaticalmente expressos é possível — esse comportamento também é adequadamente explicado pela estrutura da oração em camadas: uma vez que é a oração que está envolvida nessa juntura, espera-se que a expressão de operador temporal seja possível (Ohuri, 2023, p. 533), uma vez que tal operador só tem alcance sobre essa camada no modelo da RRG. E o fato de ser possível a expressão de tempo verbal nesses contextos fornece uma prova inequívoca de que a unidade encaixada pelo predicado modal é de fato uma oração como um todo na concepção da teoria — o que determina uma outra estrutura sintática (ser uma construção

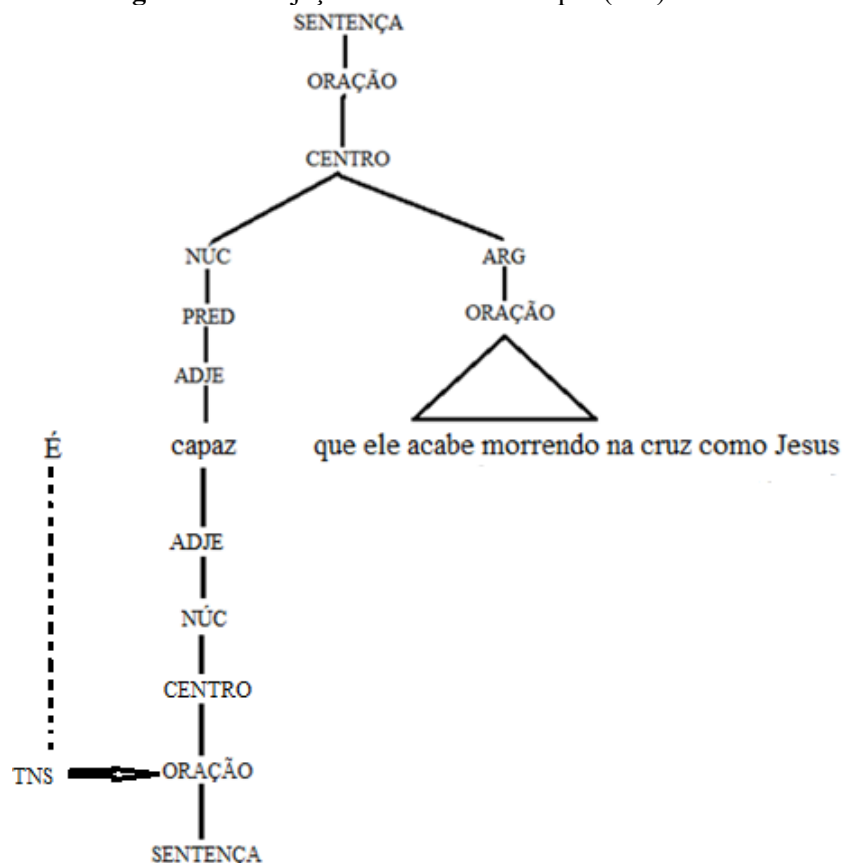
finita introduzida pela complementizador *que*). Como dizem Van Valin e LaPolla (1997, p. 457), é possível que uma unidade dependente desse tipo seja pelo menos flexionada no que diz respeito a um dos operadores relevantes no nível de junção.

Essa diferença evidencia uma expectativa decorrente de qualquer modelo gramatical estratificado, que é a de que as diferentes categorias qualificacionais podem interagir diferentemente, a depender de suas relações hierárquicas. No caso aqui discutido, a presença, ou ausência, de operador temporal é previsível dependendo do valor modal expresso pela construção, que se associa a camadas específicas da oração.

Por fim, a análise do critério referente aos tempos expressos na cópula suporte revela que o padrão *ser capaz que*, nas ocorrências analisadas, apresenta a cópula somente no tempo presente do indicativo. Isso mostra que o valor modal de *status* da construção apresenta restrições nesse aspecto que a sua expressão de modalidade de raiz não apresenta. Essa constatação nos dados analisados confirma os achados gerais dos estudos sobre modalidade segundo os quais a modalidade epistêmica está mais amparada temporalmente no aqui e no agora.

Considerando-se essas observações — especialmente o fato de que a camada encaixada na posição de argumento da construção é a da oração, a seguinte projeção de constituintes pode ser proposta:

Figura 14 - Projeção da LSC do exemplo (155)



Fonte — Elaboração própria

Assim como na representação anterior, o que esta formalização mostra é que, em termos de sua projeção sintática, *capaz* é anexado no nóculo do núcleo (NUC) da Estrutura da Oração em Camadas por ser um predicado lexical. Mas, diferentemente do seu uso habilitativo (de raiz), a unidade que ocupa o espaço de unidade dependente é de outra natureza hierárquica, nomeadamente a oração. Observe-se que a cópula, por ser um elemento gramatical, é representada na projeção de operadores, nesse caso como um operador temporal.

4.1.3. Padrão *capaz que*

Para considerar o padrão *capaz que* da construção, observe-se a seguinte ocorrência:

(162) Nós não concordamos o tempo todo e se na mesma cidade estivéssemos, **capaz que** eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse. (miltonribeiro.sul21.com.br)⁷⁷

No que se refere ao domínio semântico da modalidade, o padrão *capaz que* denota a categoria de *status*, assim como o padrão anterior. Especificamente, a construção, em (162), qualifica a proposição expressa na oração subjetiva no âmbito do domínio da possibilidade/probabilidade, razão pela qual pode ser parafraseada em termos de: *é possível/provável que eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse*.

E, semelhantemente ao que ocorre com o padrão *ser capaz que*, a unidade da Estrutura da Oração em Camadas é a oração. Note-se que o conteúdo da oração *que eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse*, com seus participantes e sua referência temporal próprios, que é avaliada por recurso à construção.

Como se sabe, um dos critérios advindos do modelo gramatical da RRG busca identificar o tipo de junção-nexo dos contextos de ocorrência da construção. A análise do parâmetro releva que, assim como *ser capaz que*, *capaz que* também organiza uma junção de nível oracional e do tipo subordinada. Uma ocorrência como (160) configura uma junção oracional subordinada porque é uma oração como um todo — *que eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse* — que ocupa, na projeção sintática, a posição de argumento central do núcleo (NUC) que contém o predicado *capaz*. E, como é possível observar, tal argumento é uma oração-QU (equivalente a uma *that-clause*), um recurso sintático típico de subordinação (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 464), como expresso acima.

O que também pode evidenciar esse nível de junção são as possibilidades de expressão de tempo gramatical na oração dependente. A análise dos tempos verbais mostra que esse padrão encaixa orações com os seguintes tempos: presente e pretérito imperfeito subjuntivo, presente, futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo. As ocorrências abaixo exemplificam esses diferentes tempos:

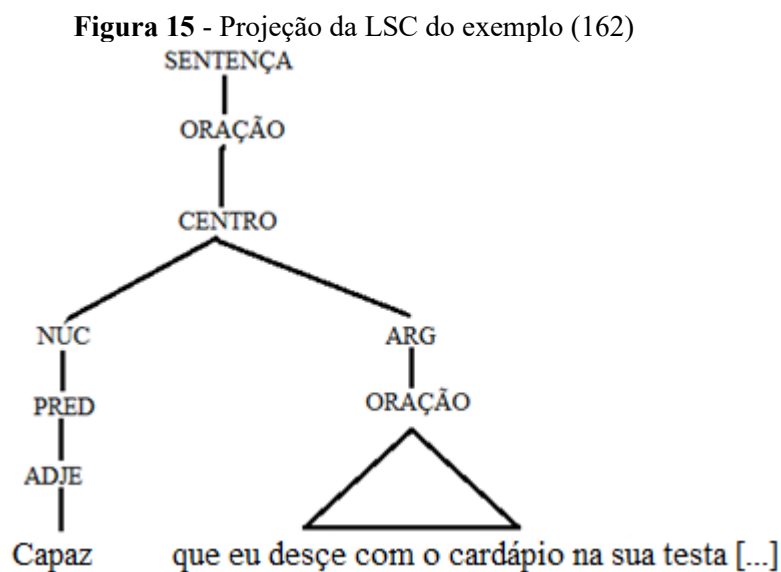
(163) **Capaz que** você estude de manhã e não ter tempo de ler. (papodehomem.com.br)

⁷⁷ Esses exemplos, nos quais a construção figura sem a expressão da cópula, podem ser tratados como casos de semi-insubordinação (Van Linden; Van de Velde, 2014, 231-232).

- (164) A performance em Sepang, aliás, foi excelente, e não fosse um problema nas voltas iniciais, bem **capaz que** conseguisse algo melhor que o sexto lugar (victormartins.warmup.com.br)⁷⁸
- (165) *Don't get cocky kid!* **Capaz que** tem a mesma quantidade de *pokemons* e *digimons*, acho difícil saber o nome de todos. (www.animeq.com.br/)
- (166) Com o Pippen marcando, isso é pontos pra cacete!! Do jeito que ele era aficionado por treino, bem **capaz que** desenvolveria outro estilo de jogo na NBA (jumperbrasil.com/)

Como dito na subseção anterior, esse comportamento pode ser explicado pelo nível de junção em que figura a construção: tendo em vista que é uma oração como um todo envolvida no processo de junção, espera-se que a expressão gramatical de tempo seja possível (Ohori, 2023).

Levando em consideração esse comportamento da construção, e principalmente a unidade hierárquica que figura na posição de seu complemento, a seguinte projeção sintática é proposta para o padrão *capaz que*:



Fonte — Elaboração pelo autor

4.1.4 Resumo do comportamento da construção (ser) capaz de/que segundo a RRG

Como se pode depreender das subseções anteriores deste capítulo, a construção (ser) capaz de/que pode ser meio de expressão de modalidade de raiz (no caso,

⁷⁸ Ocorrência oferecida no Capítulo III, mas repetida aqui por ser única encontrada nas ocorrências analisadas.

habilidade/capacidade) e *status* (no caso, modalidade epistêmica) segundo a RRG. Além disso, os critérios de análise adotados revelam que a construção pode figurar em diferentes níveis de juntura-nexos, mostrando a variabilidade também na expressão da estrutura complexa. Associando cada padrão da construção a cada significado modal, pode-se cruzar os seus diferentes valores modais com os diferentes tipos de juntura-nexo:

Quadro 9 - Combinatória dos valores modais da construção com os níveis de juntura

	Níveis de juntura		
Valor modal	Juntura nuclear	Juntura central	Juntura oracional
Habilidade	-	+	-
<i>Status</i>	-	+	+

Fonte - Elaborado pelo autor

Quadro 10 - Combinatória dos valores modais da construção com os tipos de nexos

	Tipos de nexos		
Valor modal	Cossubordinação	Subordinação	Coordenação
Habilidade	+	-	-
<i>Status</i>	-	+	+

Fonte — Elaboração própria

Os quadros 8 e 9 mostram que os diferentes significados modais de *(ser) capaz de/que* se correlacionam com diferentes níveis de juntura e tipos de nexos, o que pode ser explicado considerando-se a Estrutura da Oração em Camadas. É importante lembrar que as diferentes categorias modais modificam camadas específicas da estrutura em camadas, conforme Van Valin (2023, p. 33).

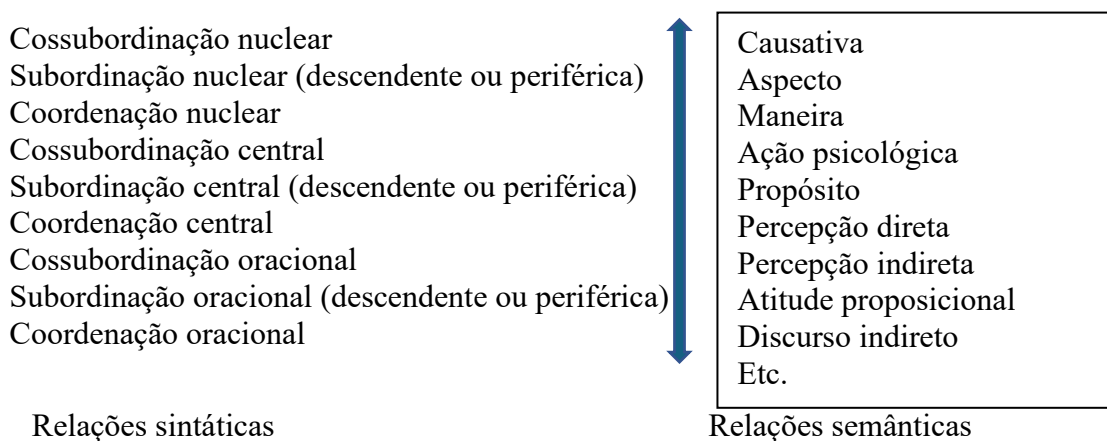
Convém lembrar que a predição feita com base na estrutura em camadas proposta pela RRG foi a de que, a depender do valor da construção, diferentes níveis de juntura sintática poderiam ocorrer. Como foi explicado no Capítulo II, no modelo, as unidades que organizam as estruturas complexas são as próprias camadas da LSC. Considerando-se que a modalidade raiz (no caso, a habilidade) aloja-se na camada do *centro*, é cabível esperar que, quando um predicado que organiza uma estrutura complexa for meio de expressão desse tipo de modalidade, a juntura dessa estrutura seja de nível central. Por outro lado, quando um predicado desse tipo expressa *status*, é esperado que a juntura seja oracional, já que o *status* está na camada da *oração*. Essa proposição, em um modelo

como o da RRG, pode ser comprovada considerando-se que a construção estudada, conforme as tabelas acima: *ser capaz de*, em seu valor de habilidade, figura em contexto de junção central, como previsto. Por outro lado, *ser capaz que* e *capaz que*, quando expressa *status*, figura em contexto de junção oracional.

Esses resultados esboçados nos parágrafos acima mostram aspectos interessantes acerca da semântica (modal) e da sintaxe da construção (*ser*) *capaz de/que*. Especificamente, os resultados mostram que há uma correlação entre os diferentes significados modais da construção (habilidade e *status*) e o tipo de estrutura complexa em que ela figura, isto é, o tipo de junção que o predicado licencia.

Na teoria da RRG, essa correlação pode ser modelada considerando-se a Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy* — IRH) (Van Valin; Wilkins, 1993, p. 514), já explicitada no capítulo II. Para fins de conveniência, a IRH da RRG é retomada, a fim de sustentar a argumentação que se fará:

Figura 16 - Hierarquia das Relações Interoracionais



Fonte — Van Valin (1997); Van Valin (2005)

Como previsto pelo Capítulo II desta dissertação, é precisamente na IRH que as relações semânticas estabelecidas entre as unidades da sentença complexa são correlacionadas com os tipos sintáticos (nível de junção e tipo de nexos) (Van Valin; Wilkins, 1993). O ponto chave para explicar a correlação entre sintaxe e semântica nesses casos é, de acordo com Van Valin e Wilkins (1993, p. 533), determinar quais relações semânticas (localizadas à direita da figura) são relevantes para o predicado analisado. Como é possível notar, na hierarquia das relações semânticas não há campos dos significados específicos às modalidades (habilidade, por exemplo). Mas é possível

postular que os significados modais expressos pela construção *(ser) capaz de/que* ocupam, de alguma maneira, diferentes pontos dessa hierarquia.

Uma possível candidata ao ponto referente à construção *(ser) capaz de/que* em seu uso de raiz é a relação semântica de ação psicológica (*psych-action*) da escala da figura 15. De acordo com Van Valin e Wikins (1993, p. 516), esse tipo de relação semântica envolve algum tipo de disposição do participante argumental do predicado para se engajar em um evento, que é codificado pelo seu complemento oracional. Assim, esse participante também deve ser argumento do predicado da unidade dependente, de modo que os dois predicados compartilham, obrigatoriamente, participantes. Decorre dessa caracterização que esse tipo de relação semântica pode requerer uma junção central cossubordinada. E, com efeito, dizem os autores que o tipo sintático não marcado associado à ação psicológica é a junção central cossubordinada.

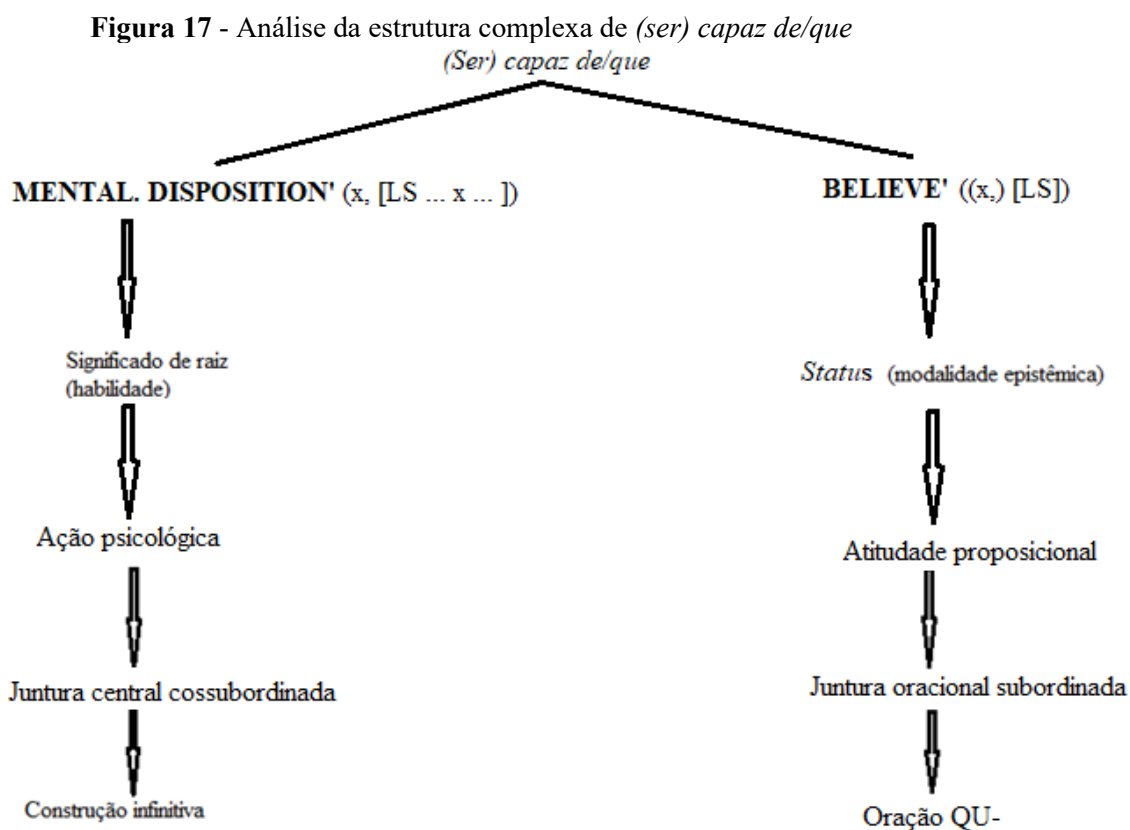
Com base nessa discussão acima, poder-se-ia defender que, na hierarquia semântica, a expressão do significado modal de raiz (no caso, a habilidade/capacidade) da construção *ser capaz de* se localiza mais ou menos no ponto destinado à ação psicológica da figura 16 acima, que, em termos de IRH, pode ser correlacionada com a junção central cossubordinada.

É preciso esclarecer que este trabalho não está propondo alocar o padrão de raiz da construção especificamente na relação semântica de ação psicológica, uma vez que essa solução seria arbitrária. A razão para isso é que esse tipo de relação semântica não corresponde necessariamente a um campo semântico modal de raiz, campo semântico este que tanto poderia se relacionar à uma disposição mental quanto à uma disposição física (Bybee, 1988, p. 256). E o que está na base da definição da ação psicológica é a consideração da disposição mental somente (Van Valin, 2005, p. 206), algo que, em tese pelo menos, estaria em conflito com o significado modal de raiz em termos de aptidão física. Assim, uma solução menos arbitrária seria postular, na IRH, uma relação semântica específica à modalidade raiz para esses casos serem contemplados.

Por outro lado, uma boa candidata ao ponto referente aos padrões *ser capaz que/capaz que* ao expressar *status* parece ser a relação de atitude proposicional (*propositional attitude*) da hierarquia, dado que se localiza-se em um ponto superior com relação à anterior. Além disso, algumas relações proposicionais podem envolver predicados de um lugar, tal como *ser verdade* (Van Valin, 2005, p. 208), aspecto que se assemelha à construção quando é meio de expressão de *status*. Por essas razões, alocar o significado de *status* da construção na relação semântica de atitude proposicional da IRH

não gera um problema, como ocorreria com a alocação do significado de raiz na relação semântica de ação psicológica. Ocupando, pois, um outro ponto na hierarquia das relações semânticas, a construção licencia um outro tipo de junção sintática mais alta, como a junção oracional subordinada.

Com base nessas considerações, pode-se esquematizar a análise da organização da estrutura complexa da construção a partir da seguinte figura, que é inspirada em considerações de Van Valin (2005, p. 211):



Fonte — Elaboração do autor, baseado em Van Valin (2005, p. 211)

Desse esquema emergem alguns comentários importantes: no topo, há a construção investigada. Descendo na representação, chega-se à estrutura lógica (LS) decomposta, que é estabelecida em função das relações semânticas da construção. Nesse caso, duas relações da IRH foram propostas para *(ser) capaz de/que*, nomeadamente a relação de ação psicológica e a de atitude proposicional.⁷⁹ Como se pode perceber, a depender do significado, ter-se-á diferentes estruturas lógicas. Abaixo das estruturas,

⁷⁹ Cada uma dessas relações semânticas é associada a uma determinada estrutura lógica, conforme Van Valin (2005): **MENTAL.DISPOSITION'** (x, [LS . . . x . . .]) para a ação psicológica e **BELIEVE'** ((x,) [LS]) para a atitude proposicional.

localizam-se as diferentes leituras (e interpretações modais) da construção, que são seguidas das relações semânticas da IRH associadas a elas. Descendo ainda mais na figura, tem-se as categorias sintáticas de ligação de orações (níveis de juntura e tipos de nexos). E, finalmente, chega-se aos tipos de complementos morfossintáticos que são específicos a cada língua. No caso do português, os tipos relevantes para o caso analisado neste trabalho são as construções infinitivas e as orações QU-. De ponto de vista tipológico, no entanto, esses mecanismos morfossintáticos podem variar translinguisticamente.

Esse modo de tratar a construção, que é baseado no *framework* da RRG, implica defender que os diferentes níveis de juntura sintática — dos quais decorrem diferentes tipos de complementos oracionais em termos morfossintáticos — são derivados da semântica da construção (Van Valin; Wilkins, 1993; Van Valin, 2005). Há, nesses casos, uma relação icônica entre sintaxe e semântica, no sentido de que, quanto mais coesas são as proposições expressas pelas unidades da estrutura complexa em termos semânticos, mais integradas elas são na hierarquia sintática. Nota-se, então, que o modelo viabiliza um mapeamento direto entre as propriedades semânticas e sintáticas da construção investigada.

Essas determinações hierárquicas concernentes às unidades das estruturas complexas licenciadas por predicados implicam também em diferentes hierarquizações entre diferentes fatores. Segundo Van Valin (2005, p. 211), uma aproximação inicial pode ser formulada em termos da seguinte forma:

- (167) **Hierarquia temporal:** fases de um único evento > eventos simultâneos > eventos em sequência > não especificado
- (168) **Hierarquia causal:** física > verbal > subespecificado > inferido
- (169) **Disposição mental do participante:** intenção > percepção > crença > conhecimento
- (170) **Hierarquia da necessidade de participante compartilhado:** Sim > Não (Van Valin, 2005, p. 211).

Relativamente aos usos modais da construção (*ser*) *capaz de/que*, as hierarquias mais salientes são, com efeito, a temporal e a da necessidade de participante compartilhado. Como visto nas análises propostas acima, a construção modal estudada, quando expressa modalidade de raiz, mostra combinatória com construção infinitiva, de modo que a referência temporal da oração em posição de complemento é dependente da

matriz. Por outro lado, quando é meio de expressão de *status* (superior na hierarquia), exibe combinatória com diferentes matizes temporais expressos na completiva. Com relação aos participantes, a construção requer compartilhamento semântico de argumento em seu significado de raiz, diferentemente do que ocorre em sua expressão de *status*.

Por fim, é preciso pontuar que a relação icônica entre sintaxe e semântica somente é captada nos casos mais típicos da construção, nos quais o valor modal de raiz figura em uma juntura de nível central e *status*, em uma juntura oracional, como mostra análise apresentada na figura 17 acima. No âmbito da RRG, esse tipo de correlação direta é o que é mais provável de ocorrer translinguisticamente. No entanto, a análise mostrou que o *status* também pode figurar em uma juntura de nível central, o que relevou um descompasso entre forma e significado. Na RRG, um cenário em que uma relação semântica hierarquicamente mais alta se combina com uma juntura sintática mais baixa é o menos provável de acontecer, segundo Ohori (2023, p. 546).

4.2 Análise segundo a GDF

Assim como no modelo da RRG, a discussão da acomodação da construção no modelo estratificado da GDF feita neste trabalho começa pela caracterização geral dos seus significados modais. Pelo prisma da teoria, as ocorrências analisadas são instâncias de diferentes valores, como ilustram as seguintes ocorrências: modalidade facultativa orientada para o participante (171), modalidade facultativa orientada para o evento (172), modalidade epistêmica orientada para o episódio (173) e, por fim, modalidade epistêmica orientada para a proposição (174).

- (171) Ele, e somente Ele, é **capaz de** ouvir as necessidades de a raça humana. (admaringa.com.br)
- (172) Nem mesmo a busca espiritual é **capaz de** atenuar a busca mundana do consumo. (afischer.blog.uol.com.br)
- (173) Se você nunca usou um aplicativo de este tipo, é bem **capaz que** o problema se resolva logo de cara. (artigos.softonic.com.br)
- (174) Olha, não dá para prever o que vai acontecer, mas acho que seu caso não é tão terrível assim. Se preencherem direitinho o formulário prévio com todas as informações certinhas, e forem bem vestidos e calmos no dia, **capaz que** nem questionem muito sobre a parte financeira. (flashesdeviagem.com.br)

Na ocorrência apresentada em (171), *é capaz de* expressa a capacidade do participante *ele* de se envolver no evento denotado pelo predicado *ouvir*, que está presente na Oração subordinada. Em (172), um evento é avaliado em termos de sua viabilidade pela construção: *a busca espiritual* habilita a ocorrência de *atenuar a busca mundana*. No dado apresentando em (173), por sua vez, *é capaz que* qualifica a situação descrita na completiva como possível/provável. E, em (174), *capaz que* marca a avaliação do falante sobre o valor de verdade da proposição encaixada. A tabela abaixo mostra a distribuição desses valores juntamente com os diferentes padrões formais:

Tabela 2 - Distribuição de valores na GDF

Padrão	Valor modal	Ocorrências
Ser capaz de	Facultativa orientada para o participante	92
	Facultativa orientada para o evento	05
	Epistêmica orientada para o episódio	03
Ser capaz que	Epistêmica orientada para o episódio	100
Capaz que	Epistêmica orientada para a proposição	37
	TOTAL	237

Fonte — Elaborado pelo autor

Assim como visto nas subseções dedicadas à análise segundo a RRG, nota-se os que diferentes padrões sintáticos da construção (*ser*) *capaz de/que* podem ser associados a diferentes domínios modais: o domínio facultativo é exclusivamente associado ao padrão *ser capaz de*, enquanto o domínio epistêmico é o valor exclusivo do padrão *ser capaz que*, embora também ocorra em menor frequência com os outros dois padrões. Cada um desses padrões estruturais é analisado separadamente nas subseções seguintes.

4.2.1 Padrão *ser capaz de*

O padrão *ser capaz de* pode tanto ser meio de expressão do domínio facultativo quando do domínio epistêmico. Para começar a análise desse padrão segundo a GDF, considere-se a seguinte ocorrência:

- (175) Outra dica é o tipo da base: opte pela versão *oil-free*, livre de óleo, para evitar a aparência de pele oleosa. 3º: Lábios grudentos. Nem o moço mais apaixonado do mundo **é capaz de** relevar uma boca melecada. (102fmnatal.com.br)

Segundo a GDF (Hengeveld, 2004, p. 1193; Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 212; Hattner; Hengeveld, 2016, p. 2), o domínio modal facultativo diz respeito às habilidades/capacidades intrínsecas ou adquiridas. Com efeito, em (175), o padrão *ser capaz de* expressa uma avaliação de habilidade adquirida (*ser capaz de relevar uma boca melecada*). Considerando-se ainda o parâmetro de alvo (escopo) da avaliação modal, a GDF identifica o tipo de entidade semântica sobre o qual a construção faz a avaliação (Hengeveld, 2004, p. 1192-1193), isto é, se a avaliação recai sobre um Participante, um Evento, ou Episódio ou uma Proposição. Por esse critério, o padrão *ser capaz de*, em ocorrências como (175), pode ser meio de expressão de modalidade facultativa orientada para o participante. Em termos específicos, em (175) *ser capaz de* caracteriza um participante (nesse caso, *o moço mais apaixonado do mundo*) como tendo habilidade de se engajar no Estado de Coisas descrito pela propriedade lexical *relevar*, o que configura o subtipo “modalidade facultativa orientada para o participante”. Note-se que, nesses casos, a possibilidade de ocorrência da situação descrita pelo predicado depende das capacidades/habilidades do participante. No nível representacional da GDF, uma ocorrência como (175) pode assim representada:

(175') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (x_i: —moço mais apaixonado do mundo— (x_i)_A (f^c_j: [(f_k: relevar_V (f_k)) (x_i)_A (x_j: —boca toda melecada (x_j))] (f^c_j))_U] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

Há alguns comentários que precisam ser feitos sobre essa representação. Há, aí, a formalização de um Conteúdo Proposicional (p_i), que é nucleado configuracionalmente pelo Episódio (ep_i), o qual, por seu turno, tem como núcleo o Estado de Coisas (e_i). (e_i) designa um evento cujo núcleo é a Propriedade Configuracional (f^c_i). É essa camada que estabelece as relações entre uma Propriedade Lexical (predicado) e seus argumentos em termos de moldes de predicação (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 181). No âmbito desse molde, o adjetivo *capaz* é analisado como uma Propriedade Lexical Adjetival (f_i), que estabelece relações entre (x_i) e (f^c_j), seus argumentos. Observe-se que, sendo um predicado lexical, isto é, uma Propriedade (f), *capaz*, em termos de representação semântica, ocupa o *slot* de núcleo de um molde de predicação de dois lugares.

Ainda de acordo com o critério relativo ao alvo da avaliação modal, o padrão *ser capaz de* também pode ser meio de expressão da modalidade facultativa orientada para o evento. Segundo a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 176), essa modalidade

caracteriza eventos em termos de condições, sejam elas físicas ou circunstanciais, que habilitam a sua ocorrência. Ilustra esse valor de *ser capaz de* a seguinte ocorrência:

- (176) Um estudo publicado recentemente no periódico *Human and Clinical Nutrition* ainda mostrou que o consumo de frutas ricas em vitamina C durante seis semanas **é capaz de** melhorar consideravelmente o humor das pessoas. (102fmnatal.com.b)

Nesse caso, a ocorrência do evento (*o consumo de frutas ricas em vitamina C durante seis semanas*) está sendo avaliada como uma condição habilitadora da realização do evento *melhorar o humor das pessoas*).

Uma ocorrência tal como (176) poderia ser assim formalizada no nível semântico da GDF:

- (176') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (e_j: —o consumo de frutas ricas em vitamina C durante seis semanas— (e_j))_A (e_k: (f^c_j: [(f_k: melhorar_V (f_k)) (e_j))_A (f_i: —o humor das pessoas— (f_i))] (f^c_j)) (e_k))_U] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

Outro parâmetro de análise das ocorrências foi a presença de operador gramatical dêontico na Oração matriz. A expressão desse tipo de operador pode ser vista na ocorrência abaixo:

- (177) Você tem que **ser capaz de** lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara. (ataquetotal.com.br)

Em (177), a construção auxiliar *ter que é*, na GDF, meio de expressão de modalidade orientada para o participante. No modelo, esse subtipo modal diz respeito à obrigação ou à permissão de um participante no que se refere ao seu envolvimento em um evento (Hengeveld, 2004, p 1194.; Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 213; Hattner; Hengeveld, 2016, p. 3). Na ocorrência em (177), o significado do auxiliar caracteriza *você* como tendo obrigação de envolver no evento *ser capaz de lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara*. Vê-se, então, que o auxiliar dêontico tem escopo sobre a modalidade facultativa, que é expressa pelo padrão *ser capaz de*. Essa análise, na GDF, caracteriza um dos contextos semânticos em que a construção investigada aqui pode figurar.

Outro critério considerado foram os tempos expressos pela cópula suporte. A análise desse parâmetro mostrou que, no padrão *ser capaz de* nos dados analisados, a

cópula pode ser configurada nos seguintes tempos, todos do indicativo: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente e pretérito-mais-que-perfeito.

- (179) Quando os pais fazem tudo por o filho, mesmo aquilo que ele é **capaz de** fazer, estão prejudicando essa autoestima. (amaivos.uol.com.br)
- (180) Edgar é também um estatístico e integrava uma sociedade de pesquisa na Universidade de Cambridge, onde era patrocinado pelo Ministro da Defesa para analisar a rendição e os pontos cruciais dos campos de batalha. Ele **foi capaz de** confirmar que a nossa tese a respeito da morte de Sequenre Tao. (a-partir-pedra.blogspot.com)
- (181) Este banco é nosso, criem vocês suas próprias normas, salvem aos que necessitam. E façam isso logo. A vida de outros depende hoje de vocês. Minha mãe já não **era capaz de** saber o que estava acontecendo. (controversia.com.br)
- (182) Quando se consome porções apropriadas de esses alimentos, o corpo **será capaz de** usar os nutrientes em a hora. (beefpoint.com.br)
- (183) Enquanto Elizabeth deixava seu corpo político falar mais alto, sua prima era o "eu" individual, aventureira e apaixonada. Entretanto, Mary Stuart **fora capaz de** dar à coroa um herdeiro. (causasperdidas.literatortura.com)

Esse resultado revela que a construção, em sua expressão do domínio facultativo na GDF, pode ter a sua cópula em tempos verbais variados. Esse comportamento evidencia uma diferença desses usos com relação aos usos epistêmicos, como logo se verá abaixo.

Um último critério a ser considerado na análise do padrão *ser capaz de* é a forma da Palavra Verbal das Orações subordinadas, um critério específico da GDF. Segundo esse parâmetro, o padrão *ser capaz de* encaixa Orações (Cl) com Sintagmas Verbais (Vp) constituídos de Palavras Verbais (Vw) não finitas. No Nível Morfossintático, uma ocorrência como (175), que expressa modalidade facultativa orientada para o participante, pode ser assim representada:

(175'') (Le_i: (Cl_i: (Np_i: — o moço mais apaixonado do mundo— (Np_i))_{Subj} (Vp_i: (^fVw: é (Vw_i)) (Vp_i)) (Adj_p: (Aw_i: capaz (Aw_i)) (Adj_p)) (Gw_i de (Gw_i)) (Cl_j: (Vp_j: (^{non-}^fVw_j: relevar (Vw_j)) (Vp_j)) (Np_j: — uma boca melecada— (Np_j))_{Obj} (Cl_j)) (Cl_i)) (Le_i))

Em (175''), em termos morfossintáticos, há uma Expressão Linguística (Le_i) constituída por uma Oração (Cl_i). Essa Oração é formada pelos seguintes constituintes: um Sintagma Nominal (Np_i), um Sintagma Verbal (Vp_i), um Sintagma Adjetival (Adj_p),

uma Palavra Gramatical (Gw_i) e por uma Oração (encaixada) (Cl_j). E, dentro de (Cl_j), há um Sintagma Verbal (Vp_j) que possui uma Palavra Verbal não finita ($^{non-f}Vw_j$) e outro Sintagma Nominal (Np_j).

Na representação morfossintática acima, no âmbito da Oração (Cl_i), há outra Oração (Cl_j), isto é, há uma Oração que é constituinte de outra. Esse tipo de configuração caracteriza, na GDF, o processo de *subordinação*, que ocorre, segundo o modelo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 352), na camada da Oração, diferentemente dos processos de cossubordinação, coordenação e equiordenação, que ocorrem na camada da Expressão Linguística. Como afirma Keizer (2015, p. 182), para se qualificar uma unidade como pertencente à (Le), é preciso que ela não faça parte de outra unidade, fato que não ocorre no caso acima. Não fica tão explícito, no entanto, em que termos uma unidade pode, ou não, fazer parte de outra unidade: se em termos morfossintáticos, semânticos ou pragmáticos. Como se verá, no momento da comparação dos resultados obtidos pelos dois modelos, as distinções entre os processos de organização da Expressão Linguística (cossubordinação, por exemplo) e o processo de subordinação (da camada da Oração) têm suas bases nos níveis da formulação da GDF e não no seu Nível Morfossintático.

Como mencionado no início desta subseção, o padrão *ser capaz de* também pode expressar o domínio epistêmico. Considere-se a seguinte ocorrência:

(183) A pachorra das pessoas naturalmente boas é **capaz de** se tornar excessivamente teimosa e renitente. (24.229.2.221)

Segundo o domínio semântico da modalidade (Hengeveld, 2004, p. 1193), nota-se o padrão *ser capaz de*, diferentemente do que se viu em subseções anteriores, é meio de expressão de modalidade epistêmica, qualificando um evento como possível/provável (*é possível/provável que a pachorra das naturalmente boas se torne teimosa*). Quanto ao seu escopo, a construção é orientada para o Episódio, dado que o contexto em que ocorre a construção pode ser questionado (Hengeveld, 1988, p. 236; Olbertz; Hattner, 2018, p. 139):

- (183') a. a pachorra das pessoas naturalmente boas é capaz de se tornar excessivamente teimosa e renitente?
b. Quando a pachorra das pessoas naturalmente boas será capaz de se tornar excessivamente teimosa e renitente?

Apesar desse comportamento semântico, o exemplo se assemelha estruturalmente aos dados facultativos da construção. Esses fatos sugerem que há uma tensão entre níveis de representação gramatical, nomeadamente entre semântica e morfossintaxe. Na GDF, as tensões entre os níveis podem, em alguns casos, caracterizar os processos de alçamento (*raising*) (Velasco, 2013, p. 264).

Em consonância com a proposta de Velasco (2013), defende-se aqui que tanto as construções canônicas como suas variantes com constituinte alçado possuem as mesmas representações semânticas, uma vez que veiculam o mesmo significado representacional: uma situação avaliada objetivamente do ponto de vista epistêmico. Dessa forma, uma ocorrência tal como (182) tem, no Nível Representacional, a mesma representação semântica da construção em sua configuração tipicamente epistêmica (descrita nas subseções abaixo), que possui outro padrão morfossintático.

Uma questão que emerge é acerca do que pode desencadear essa diferença na codificação morfossintática. Não sendo motivada pela semântica, o candidato mais plausível é o Nível Interpessoal do modelo. Segundo Velasco (2013, p. 271):

A motivação das estruturas de alçamento residiria, portanto, no conflito entre o estatuto pragmaticamente ativo/dado de um referente e sua localização dentro de um domínio encaixado, que não contribui muito para a coesão do discurso e a continuidade referencial. (Tradução nossa)⁸⁰

Diante dessa situação, a língua, segundo o autor, cria mecanismos para alocar referentes em posições pragmaticamente menos conflitantes. Assim, vê-se que a complexidade desses casos necessariamente conduz a uma análise que considere a interface entre pragmática, semântica e morfossintaxe.

A título de formalização e análise na GDF, o caso como (182), que configura uma construção de alçamento, pode ter as tensões entres os níveis assim representadas:

- (184) a. IL [(SA)_{TOP} (SA)^N (SA)_{FOC}]
 b. RL (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_i: capaz (f_i)) (ep_i: —a pachorra das pessoas naturalmente boas se tornas excessivamente teimosa e renitente—(ep_i))_U] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))]

⁸⁰ No original: The motivation of raising structures would thus lie in a conflict between the pragmatically active/given status of a referent and its location within an embedded domain, which does not contribute much to discourse cohesion and referential continuity.

- c. ML (Le_i: (Cl_i: (Np_i: —a pachorra das pessoas naturalmente boas— (Np_i))_{Subj} (Vp_i: (^fVw: é (Vw_i)) (Vp_i)) (Adj_p_i: (Aw_i: capaz (Aw_i)) (Adj_p_i)) (Gw_i de (Gw_i)) (Cl_j: (Gw_j: se (Gw_i)) (Vp_j: (^{non-f}Vw_j: tornar (Vw_j)) (Vp_j)) (Adj_p_j: — excessivamente teimosa e renitente— (Adj_p_j))_{Obj} (Cl_j)) (Cl_i)) (Le_i))

No Nível Interpessoal, o estatuto ativo do referente *a pachorra das pessoas naturalmente boas* conduz à seleção de um molde de conteúdo apropriado, nomeadamente um molde que Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 101) de categorial, que é orientado para o tópico. No Nível Representacional, tem-se a seleção dos lexemas apropriados e, uma vez que o Propriedade Adjetival *capaz* configura um molde de um lugar, cria-se, de acordo com Velasco (2013), um conflito entre os aspectos pragmáticos do enunciado e as propriedades semânticas do predicado. É precisamente essa situação conflituosa que faz com que a codificação morfossintática expresse o Sujeito da Oração encaixada na Oração Matriz, como mostra (184a-c).

4.2.2 Padrão *ser capaz que*

Para iniciar as considerações acerca do padrão *ser capaz que* da construção, observe-se a seguinte ocorrência:

- (185) **É bem capaz que**, em muito breve, ambos cartolas apareçam em público trocando juras de amor. (albertomurray.wordpress.com)

Analisando a ocorrência pelo critério relativo ao domínio semântico da modalidade (Hengeveld, 2004, p. 1193), o padrão *ser capaz que* pode ser meio de expressão de modalidade epistêmica. Na GDF, esse domínio modal diz respeito ao que se sabe sobre o mundo real. É um domínio modal relacionado à expressão de possibilidades, probabilidades e certezas. Especificamente no caso de (164), *é capaz que* qualifica um evento (*os cartolas aparecerem em público trocando juras de amor*) como possível/provável pelo predicado matriz *capaz*. Diferentemente das ocorrências anteriores, a fonte da modalização feita aqui não reside nas capacidades/habilidades de um participante e nem nas circunstâncias de um evento, mas no próprio conhecimento do falante. Percebe-se que, nesse contexto, o padrão da construção pode ser perfeitamente parafraseado em termo de *é possível/provável que, em muito breve, ambos cartolas apareçam em público trocando juras de amor*.

De acordo com o critério do escopo semântico, isto é, o alvo da avaliação modal (Hengeveld, 2004, p. 1192), o padrão *ser capaz que* da construção pode ser meio de expressão de modalidade epistêmica orientada para o episódio (Hengeveld, 2011). O evento expresso pela Oração subordinada de (184) é um Episódio, dado que possui a sua própria codificação de tempo absoluto (presente na desinência modo-temporal do verbo da Oração encaixada), um operador gramatical pertencente a essa camada, conforme visto no Capítulo II. Então, o evento presente na completiva tem sua própria referência temporal independentemente da Oração matriz (Grandez-Avila, 2010, p. 28).

Assim configurado, esse padrão da construção caracteriza o estatuto de realidade de um (conjunto de)⁸¹ evento(s) localizado(s) em tempo absoluto, expressando, assim, o que a GDF chama de modalidade epistêmica objetiva (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 3).

O caráter objetivo da avaliação modal feito na ocorrência pode ainda ser defendido considerando-se a proposta de Olbertz e Hattner (2018, p. 132), que mostram, no contexto da Gramática Discursivo-Funcional, que a distinção entre modalidade epistêmica subjetiva e objetiva pode ser linguisticamente relevante ao revisarem uma série de testes empreendidos por Hengeveld (1988, p. 236-237) que atestam a subjetividade/objetividade da avaliação epistêmica.

Um dos testes revisados pelas autoras é o teste do questionamento, que reside em questionar o contexto de ocorrência do modalizador pelo tempo (e pelo espaço) (Olbertz; Hattner, 2018, p. 139). De acordo com elas, se o questionamento pelo tempo (e pelo espaço) resultar em sentenças gramaticais ou aceitáveis, o modal epistêmico será objetivo porque tempo (e espaço) relaciona-se a eventos (categorias de segunda ordem) e não a proposições (categorias de terceira ordem), que fogem do alcance do espaço e do tempo.

Aplicando o texto ao contexto da ocorrência da construção *é capaz que* acima, chega-se ao seguinte resultado:

(185') 'Quando' é **capaz que** ambos os cartolas apareçam em público?
'Onde' é **capaz que** ambos os cartolas apareçam em público?

O teste aplicado ao exemplo (185) resulta em sentenças gramaticais, o que atesta que o escopo do predicado modal é de fato um Episódio.

Outro critério de análise proposto foi a identificação dos tempos verbais presentes nas Orações em posição de complemento da construção. A consideração do

⁸¹ Lembrar que, na GDF, um Episódio pode consistir de um único evento.

critério mostra que o padrão *ser capaz que* encaixa Orações com os seguintes tempos: presente, futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo e pretérito perfeito, imperfeito e presente do subjuntivo:

- (186) Se uma pessoa adulta não consegue usá-la, **é bem capaz que** uma criança também não consiga. (4a-2011-02.bligoo.com.br)
- (187) **É bem capaz que** o nome da criança tenha sido escolhido com base na filosofia ocultista. (danizado.blogspot.com)
- (188) O premiado Brad Meltzer e de Dwayne McDuffie. Comentários no Facebook Comentários: **É capaz que** alocam o Ivan Reis para desenhar (o que vai ser ótimo). (terrazero.com.br)
- (189) Somados todos os elementos apresentados até agora, **é capaz que** até com atores medianos tivéssemos um resultado final satisfatório. (cineclick.com.br)
- (190) O Irfernape e o Feraligatr dando ataques em seus jogos e em $X=and=Y$. **É bem capaz que** eles terão Mega Evoluções. (poke-blast-news.net)
- (191) Todo o projeto bem administrado precisa de um orçamento. Todo orçamento precisa de uma entrada regular. **É bem capaz que** se Sansão estivesse vivo na época de Jeremias, ele poderia tê-lo tirado da cisterna sozinho, mas ele estava morto há séculos (friendsoflabieno.org/)

Tal comportamento evidencia uma grande diferença entre o padrão *ser capaz de*, que tipicamente expressa do domínio facultativo, e o padrão *ser capaz que*, que é restrito ao domínio epistêmico. Como visto nas análises acima, o padrão *ser capaz de* encaixa orações cujas formas verbais são infinitivas, diferentemente de *ser capaz que*. Essa diferença, sem dúvida, caracteriza esses diferentes usos da construção.

A análise do tempo expresso nas orações completivas também revela uma distinção entre a modalidade epistêmica objetiva e subjetiva expressa pela construção. Como logo se verá, a modalidade epistêmica subjetiva apresenta combinatória com outras matizes temporais. Essa diferença indica que as categorias de modalidade e tempo podem interagir, e essa é uma implicação natural de um modelo como o da GDF, que aloca essas categorias em camadas diferentes (Hengeveld, 2011, p. 582), revelando uma relação hierárquica entre elas. A relação hierarquia entre essas categorias é viabilizada na GDF porque, no modelo, os dois tipos de modalidade epistêmica (objetiva e subjetiva) atuam em camadas diferentes, algo não previsto pela RRG.

O parâmetro que buscou identificar o tempo verbal da cópula suporte revelou que a construção apresenta esse elemento funcional somente no presente do indicativo no padrão *ser capaz que*, diferentemente do *ser capaz de*, em que há variabilidade dos tempos expressos pela cópula. Isso mostra que, diferentemente dos seus usos facultativos, os usos epistêmicos da construção apresentam restrição ao tempo presente. Como comentado na análise baseada na RRG, esse resultado apenas corrobora achados segundos os quais a modalidade epistêmica ampara-se no aqui e no agora.

Com base nas considerações dessa subseção, propõe-se a seguinte representação semântica para (185):

(185') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (pres ep_j: (e_j: — ambos cartolas apareçam em público trocando juras de amor— (e_j)) (ep_j))_U] (f^c_i)) (e_i)) (p_i))

Uma diferença fundamental, captada pela formalização dos usos facultativos — que se relacionam às camadas da Propriedade Configuracional (fc) e do Estado de Coisas (e) — e dos usos epistêmicos da construção (*ser*) *capaz de/que* é o tipo de Propriedade Configuracional organizada pelo predicado adjetival modal *capaz*. Nos valores facultativos (capacitativos), a Propriedade Adjetival (f_i)_{ADJ} pode ser núcleo de um molde de predicação de dois lugares e, nos usos epistêmicos, apenas de um lugar.

Por fim, outro critério utilizado identifica as formas das Palavras Verbais que constituem o VP da Oração encaixada, critério derivado no Nível Morfossintático da GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015). A análise desse critério mostra que o padrão *ser capaz que* subordina Orações cujo Sintagma Verbal é formado por Palavras Verbais não finitas, diferentemente do que se viu na subseção anterior. Uma ocorrência como (185) pode ser assim representada morfossintaticamente:

(185'') (Le_i: (Cl_i: (Vp_i: (Vw_i: é (Vw_i)) (Vp_i)) (Adj_p_i: (Adj_w_i: capaz (Adj_w_i)) (Adj_p_i)) (Cl_j: (Gw_i que (Gw_i)) (Np_i: —ambos os cartolas— (Np_i)) (Vp_j: (^{non-finite} Vw_j: apareçam— Vw_j)) (Vp_j)) (Adp_i: —em público— (Adp_i)) (Cl_j)) (Cl_i)) (Le_i))

Em (185''), há a representação de uma Expressão Linguística (Le_i), que é constituída por uma Oração (Cl_i). E essa Oração, por sua vez, é constituída por outros sintagmas: Sintagma Verbal (Vp_i), Sintagma Adjetival (Adj_p_i) e outra Oração (encaixada) (Cl_j). Atente-se para a Oração (Cl_j), que, na formalização, localiza-se no âmbito da Oração (Cl_i). Há, assim, no padrão da construção analisado na subseção anterior, uma Oração dentro de outra, caracterizando, novamente, um caso de *subordinação* na GDF. Esse

ponto será melhor explanado no momento em que esta dissertação comparar os resultados obtidos por meio dos dois modelos.

4.2.3 Padrão capaz que

Para começar a análise do padrão *capaz que*, considere-se a ocorrência abaixo:

- (192) Se Jesus aparecesse hoje, **capaz que** ele ainda fosse crucificado novamente por essa corja. (blog.opovo.com.br)

Segundo o domínio da modalidade (Hengeveld, 2004), o padrão *capaz que* codifica a modalidade epistêmica. Marca, então, uma avaliação com base no conhecimento. A análise do alvo, isto é, a entidade semântica sobre a qual recai a modalização, mostra que esse padrão é orientado para proposição. Em (192), *capaz que* expressa o comprometimento do falante com a proposição apresentada na completiva, tendo o significado de *talvez* (*Se Jesus aparecesse hoje, talvez ele ainda fosse crucificado novamente por essa corja*).

Uma prova inequívoca de que, em certos usos, o padrão *capaz que* modifica proposições é o fato de que ele pode encaixar o que a Gramática Discursivo-Funcional chama de Conteúdos pro-Proposicional (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 153), que são expressos pelos elementos “sim” e “não” em certos contextos. É que se vê em:

- (193) Ao assunto. Fiquei sabendo ontem que o blog ‘Um que tenha’, fonte onde bebo raras águas nos últimos tempos, corre o risco de ser tirado do ar por infração à tal Lei do Direito Autoral. **Capaz que sim, capaz que não**, mas tudo começou quando a gravadora Biscoito Fino (não confundir com Idelber, o Grande) pediu (digamos assim, vá lá) a exclusão dos links que remetiam a obras de artistas que representa. (brancoleone.wordpress.com)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 146), o que o falante faz, em um caso como esse, é assinalar um valor de verdade positivo ou negativo sobre o conteúdo apresentado anteriormente (tipicamente em uma questão). Em (193), *capaz que sim* e *capaz que não* atribui, respectivamente, um valor de verdade positivo e negativo à proposição apresentada previamente (*o blog ‘Um que tenha’ correr o risco de ser tirado do ar por infração à tal Lei do Direito Autoral*). A esse respeito, Grández-Avila (2010, p. 30) também identifica um uso semelhante como esse no seu cognato em espanhol.

Em relação à análise dos tempos verbais presentes nas Orações completivas do padrão *capaz que*, observou-se a ocorrência dos seguintes tempos: presente e pretérito imperfeito e perfeito do subjuntivo, presente e futuro do pretérito do indicativo.

- (194) Até mesmo os poucos autores brasileiros são desconhecidos do público em geral. **Capaz que** as livrarias conheçam mais o nome de Iain Banks do que Jorge Luiz Calife. (momentumsaga.com)
- (195) Não me convenceram, e parece ser furada pela seguinte frase: Da pra ganhar dinheiro sem mesmo vender, somente arrumando outros vendedores... Parecem estar desesperados mesmo! **Capaz que** eles tão desesperados! (industriadacepcao.wordpress.com)
- (196) Cristiane, também tinha um casulo de esses aqui em os meus temperos em vasos, mas ele sumiu. **Capaz que** já tenha criado asas e voado e eu nem vi. (deverdecasa.com)
- (197) A performance em Sepang, aliás, foi excelente, e não fosse um problema nas voltas iniciais, bem **capaz que** conseguisse algo melhor que o sexto lugar (victormartins.warmup.com.br)
- (198) Se o governo de a França, fosse uma monarquia e fizesse o que o governo republicano-esquerdista fez, que foi aumentar a idade de aposentadoria, **capaz que** já teriam deposto o rei há muito tempo e com o auxílio dos esquerdistas, que ficariam indignados, mas fariam a mesma coisa ou até pior depois. (blogdomrx.blogspot.com)

Considerando o que foi dito acima, propõe-se a seguinte representação semântica para o exemplo (192)

- (192') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (fut p_j: (ep_j: —ele ainda fosse crucificado novamente por essa corja— (ep_j)) (p_j))_U] (f^c_i)) (e_i)) (p_i))

Uma ocorrência como (193), na qual a construção encaixa um Conteúdo Proposicional, poderia ser assim representada na estrutura em camadas do Nível Representacional da GDF:

- (193') (p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (p_j: sim/não (p_j))]) (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))

4.2.4 Resumo do comportamento da construção (*ser*) *capaz de/que* segundo a GDF

Observando-se as representações oferecidas em (175'), (176'), (185'') e (193') acima, nota-se um aspecto fundamental para a diferenciação, em termos representacionais, dos diferentes usos da construção na GDF. Na estrutura semântica do

modelo, o adjetivo modal *capaz* ocupa sempre o núcleo de uma Propriedade Configuracional (f^c), camada que diz respeito aos moldes de predicação relevantes em uma língua, em termos de valência quantitativa e qualitativa. Em seus usos facultativos, as ocorrências analisadas mostram que a construção licencia uma Propriedade Configuracional de dois lugares e, nos usos epistêmicos, de um lugar somente. Mas, se esse predicado é, gramaticalmente, sempre núcleo de uma predicação, como os seus diferentes valores modais podem ser formalmente captados? A resposta para esse questionamento reside nas diferentes representações dos diferentes argumentos (complementos) do predicado modal, que tem de ser diferentes a depender do valor modal expresso por ele. Nas representações dos exemplos oferecidas aqui, a construção toma diferentes tipos de unidades semânticas (diferentes tipos de camadas) como seus argumentos, nomeadamente Propriedade Configuracional (f^c), Estado de Coisas (e), Episódio (ep) e Conteúdo Proposicional (p). É assim que se pode identificar a atuação da construção na estrutura em camadas proposta pela GDF. Para oferecer uma visão mais geral, considere-se o seguinte quadro resumitivo:

Quadro 11 - Atuação da construção na estrutura em camadas da GDF

Valor modal	Representação na estrutura em camadas
<p>Modalidade facultativa orientada para o participante:</p> <p>Ex.: Nem o moço mais apaixonado do mundo é capaz de relevar uma boca melecada</p>	<p>(p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (x_i: —moço mais apaixonado do mundo— (x_i))_A (f^c_j: [(f_k: relevar_V (f_k)) (x_i)_A (x_j: —boca toda melecada— (x_j))_U (f^c_j))] (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))</p>
<p>Modalidade facultativa orientada para o evento:</p> <p>Ex.: Um estudo publicado recentemente no periódico <i>Human and Clinical Nutrition</i> ainda mostrou que o consumo de frutas ricas em vitamina C durante seis semanas é capaz de melhorar consideravelmente o humor das pessoas. (102fmnatal.com.b)</p>	<p>(p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (e_j: —o consumo de frutas ricas em vitamina C durante seis semanas— (e_j))_A (e_k: (f^c_j: [(f_k: melhorar_V (f_k)) (e_j)_A (f_i: —o humor das pessoas— (f_i))] (f^c_j))] (e_k))_U (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))</p>
<p>Modalidade epistêmica objetiva:</p> <p>Ex.: É bem capaz que, em muito breve, ambos cartolas apareçam em público trocando juras de amor</p>	<p>(p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (pres ep_j: (e_j: — ambos cartolas apareçam em público trocando juras de amor— (e_j)) (ep_j))_U (f^c_i)) (e_i)) (p_i))</p>
<p>Modalidade epistêmica objetiva:</p> <p>Ex.: Ao assunto. Fiquei sabendo ontem que o blog ‘Um que tenha’, fonte onde bebo raras águas nos últimos tempos, corre o risco de ser tirado do ar por infração à tal Lei do Direito Autoral. Capaz que sim, capaz que não [...]</p>	<p>(p_i: (ep_i: (e_i: (f^c_i: [(f_j: capaz_{ADJ} (f_j)) (p_j: sim/não (p_j))_U (f^c_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))</p>

Fonte - Elaboração própria

Esses encaixamentos não são aleatórios, mas determinados pela semântica do predicado da matriz. Segundo a GDF, predicados que tomam complementos oracionais podem expressar os mesmos domínios semânticos que os modificadores e operadores (Hengeveld; Mackenzie, 2008) e é precisamente isso que viabiliza a classificação dos seus argumentos oracionais, uma vez que cada um dos seus significados é associado a uma camada específica. No caso da construção *(ser) capaz de/que*, os domínios semânticos relativos às diferentes unidades são os seus diferentes valores modais: a modalidade facultativa orientada para o participante aloja-se na camada da Propriedade Configuracional; a modalidade facultativa orientada para o evento aloja-se na camada do Estado de Coisas; a modalidade epistêmica orientada para o episódio aloja-se na camada do Episódio; e, por fim, a modalidade epistêmica orientada para a proposição aloja-se na camada do Conteúdo Proposicional (Hattner; Hengeveld, 2016). Assim, ter diferentes ordens de complementos é uma implicação do modelo da GDF. Essa implicação do modelo tem sido explorada na análise de outros predicados que também tomam complementos oracionais (Hengeveld et al, 2019).

Essas considerações acerca dos tipos de complementos da construção são importantes aqui não só porque ela implica a ocorrência, ou não, de outras categorias qualificacionais nas Orações encaixadas, mas também impacta a sua expressão formal no Nível Morfossintático. Foi justamente o que se demonstrou nas análises. Conforme o quadro 10 acima, nos domínios facultativos, a construção toma Propriedades Configuracionais e Estados de Coisas como argumentos e, nos domínios epistêmicos, Episódios e Conteúdos Proposicionais.

Considerando-se que, na GDF, há diferentes categorias temporais, nomeadamente *o tempo relativo* e *o tempo absoluto* (Hengeveld, 2011, p. 582-583), cada qual atuando em sua própria camada, observa-se que as marcas flexionais dos verbos da Orações encaixadas envolvem as noções de passado, presente e futuro, noções relacionadas ao tempo independente, isto é, tempo absoluto, um operador da camada do episódio. Assim, a expressão desse operador no âmbito da Oração encaixada só se dá quando a construção, no âmbito da matriz, é meio de expressão de valores modais alojados em camadas acima do Estado de Coisas, isto é, nos valores epistêmicos.

4.3 Uma comparação entre as análises propostas em cada modelo

Como visto nas subseções anteriores deste capítulo, tanto o modelo da Gramática de Papel e Referência (Van Valin, 1993; Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 2005) quanto o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015) viabilizam análises e descrições de aspectos semânticos e sintáticos da construção *(ser) capaz de/que*.

A pressuposição, assumida por esses modelos gramaticais, de que as categorias qualificacionais de TAME se distribuem hierarquicamente em camadas (Hengeveld, 2011, p. 582; p. 1; Van Valin, 2005, p. 9), permite a elaboração de previsões coerentes acerca do comportamento da construção que uma abordagem não estratificada não permitiria.

Apesar dessa convergência entre as teorias da RRG e da GDF, há, conforme apontado no capítulo II, diferenças fundamentais entre elas, nomeadamente em termos de suas arquiteturas, dos seus objetos básicos de análises e em termos de que estatuto teórico-metodológico cada um desses modelos dá às camadas que podem estar sob o escopo dos modais. Essas diferenças mostram que esses modelos gramaticais assumem pontos de vistas bastante diferentes no que concerne à centralidade da sintaxe e da semântica. Não é por acaso, portanto, que, enquanto a GDF assume-se como um modelo gramatical do Ato Discursivo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 4), a RRG assume-se como um modelo sintático que busca entender a estrutura da oração (Van Valin, 1993). É considerando essa diferença entre os modelos que se empreende, nas próximas subseções, uma comparação geral entre as análises.

4.3.1 Valores modais da construção

Os aspectos semânticos centrais explorados neste trabalho foram os valores modais expressos pela construção *(ser) capaz de/que*. Na perspectiva da RRG e na perspectiva da GDF, diferentes valores modais puderam ser identificados. Para facilitar a comparação da tipologia das modalidades nos dois modelos, a identificação dos tipos modais foi padronizada, como apontado no Capítulo I: a modalidade capacitativa será utilizada para se referir tanto à modalidade de raiz (habilidade) da RRG quanto à modalidade facultativa da GDF, e a modalidade epistêmica será utilizada tanto para se

referir à modalidade *status* da RRG quanto à modalidade epistêmica, da GDF. O quadro abaixo resume esses valores, associando-os a cada camada do modelo:

Quadro 12 - Equivalência dos valores modais da construção *(ser) capaz de/que* e camada de atuação conforme a RRG e GDF

MODELO	MODALIDADE	CAMADA
RRG	Capacitativa	Centro
	Epistêmica	Oração
GDF	Capacitativa	Propriedade configuracional
		Estado-de-coisas
	Epistêmica	Episódio
		Conteúdo proposicional

Fonte — Elaboração própria

Observa-se no quadro que, em termos dos domínios semânticos pelos quais a avaliação modal é feita, ambos os modelos identificam igualmente os domínios semânticos expressos pela construção *(ser) capaz de/que*: a modalidade capacitativa e a modalidade epistêmica.

A divergência, no entanto, é encontrada quando se considera o escopo dessas avaliações modais, isto é, as unidades sobre as quais esses domínios modais podem incidir. O modelo da RRG assume que a modalidade capacitativa modifica apenas a relação entre um participante e um evento. O modelo da GDF, por outro lado, assume que esse tipo de domínio modal tanto pode avaliar a capacidade de um participante de se envolver em um evento quanto pode avaliar, em termos de condições viabilizadoras, um evento como um todo, sem necessariamente considerar as habilidades ou aptidões de um participante em particular (Hattner; Hengeveld, 2016, p. 2-3). Essa diferença decorre da natureza das camadas propostas pelos modelos, sintática na RRG e semântica na GDF, e da quantidade de camadas. Como é amplamente sabido, tanto a GF quanto a GDF inspiraram-se na estrutura hierárquica da oração proposta pela RRG, mas a GDF expandiu as camadas semânticas identificadas no Nível Representacional, o que permitiu uma análise mais apurada da categoria da modalidade.

Conforme o quadro acima, a modalidade capacitativa, na GDF, pode modificar duas camadas, diferentemente do que é postulado pela RRG, em que esse tipo modal incide apenas sobre a camada do centro. A modalidade epistêmica, por sua vez, incide apenas sobre a camada da oração na RRG, enquanto a GDF, por seu turno, reconhece a

existência de dois tipos de modalidade epistêmica (a objetiva e a subjetiva), cada qual atuando em sua camada específica (Olbertz; Hattner, 2018).

Não fica claro em que medida a distinção entre objetividade e subjetividade na modalidade epistêmica seria abrangida pela RRG. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 41), essa categoria *status* “inclui a modalidade epistêmica, a negação externa e as categorias como *realis* e *irrealis*” (tradução nossa).⁸² Aparentemente, os autores distinguem a modalidade epistêmica subjetiva e uma categoria relacionada à avaliação objetiva (que estaria ligada à distinção *realis* versus *irrealis*). Eles, no entanto, não oferecem mais comentários a respeito, o que dificulta a apreensão dessa distinção no modelo. Essa não distinção explícita é também detectada em contribuições mais recentes no contexto da teoria (Van Valin, 2023; Vázquez Laslop, 2009; Van Valin, 2005). E, mesmo que essa distinção fosse clara no modelo, o fato de a modalidade epistêmica ser uma categoria pertencente a apenas à camada da oração inviabilizaria um tratamento em termos de escopo entre ela outras categorias, como a categoria de tempo. Como demonstrou nas análises, o modelo da GDF permitiu captar interações complexas entre os subtipos modais epistêmicos e o tempo e isso foi especialmente viabilizado porque a teoria distribui essas categorias em diferentes camadas hierárquicas. Portanto, o modelo da GDF oferece previsões bastante eficientes nesse campo, se comparado ao modelo da RRG.

4.3.2 Organização da estrutura complexa

O aspecto sintático central analisado neste estudo foi a variabilidade nos processos de organização da estrutura complexa em que figura a construção modal (*ser*) *capaz de/que*. Por assumirem pontos de vistas distintos, os modelos oferecem resultados bastante divergentes no que refere à organização sintática da sentença complexa organizada pelo predicado modal.

Os resultados obtidos pela RRG mostram que a construção (*ser*) *capaz de/que* pode figurar em diferentes níveis de junção sintática e em diferentes tipos de nexos, nomeadamente a junção de nível central e oracional e nexos dos tipos cossubordinação, subordinação e coordenação. A GDF, por sua vez, permitiu, por meio dos seus primitivos do Nível Morfossintático, captar diferentes codificações das Orações subordinadas

⁸² No original: includes epistemic modality, external negation and categories like *realis* and *irrealis*.

encaixadas pela construção, em termos de finitude e não/finitude. A análise revelou que essas Orações organizam o processo de subordinação.

Como se pode notar, a RRG oferece uma caracterização mais detalhada da construção complexa em que *(ser) capaz de/que* figura: diferentemente da GDF, que identifica somente a subordinação, o modelo identifica, na construção, três tipos de processos sintáticos, porque a RRG propõe dois parâmetros teóricos para análise distintas: um advindo da Teoria da Juntura e outro da Teoria dos Nexos.

Uma vez que o estatuto das camadas hierárquicas nas quais se alojam as modalidades é sintático na RRG, o modelo pode assumir coerentemente que as unidades que ‘juntam’ nos processos de articulação oracional são as próprias unidades da Estrutura da Oração em Camadas (LSC), o que viabiliza que se trate, em termos do modelo, em níveis de juntura. É verdade que, na GDF, a estrutura em camadas possui importante papel nos processos de subordinação, mas isso se dá em termos de que tipos de unidades (semânticas ou pragmáticas) podem estar subjacentes aos complementos oracionais, razão pela qual a formalização dessas diferentes unidades é feita no Nível Representacional e não no Morfossintático.

Essa diferença também pode ser explicada pelas diferenças nas próprias arquiteturas desses modelos gramaticais. A GDF é um modelo modular (Velasco, 2017), o que faz com que assumam um compromisso em oferecer representações separadas (e independentes) em cada nível. O modelo da RRG, por sua vez, é um modelo que, em princípio, não assume um compromisso em postular primitivos separados e independentes para cada nível gramatical (Newmeyer, 1998, p. 25). É isso que faculta ao modelo, por exemplo, postular critérios semânticos para identificar aspectos da estruturação sintática das sentenças complexas, como a dependência de operador gramatical enquanto critério definidor do nexo de cossubordinação, algo que, em tese, estaria em conflito com a arquitetura rigidamente modular da GDF.

A esse respeito, é interessante a observação de Butler (2007, p. 253) segundo a qual o modelo da G(D)F não só não comporta espaço para o processo cossubordinação como também é incapaz ter o nível de elegância da Teoria da Juntura e dos Nexos da RRG. Por outro lado, o modelo da RRG, por estar arquitetado em torno de um número de camadas e categorias gramaticais mais reduzido, é também incapaz de captar interações hierárquicas mais complexas entre diversas categorias, tais como ilocução, modalidade, evidencialidade e tempo como o faz a GDF, uma vez que, no modelo da RRG, essas

categorias alocam-se em apenas uma de suas camadas, diferentemente do que propõem Hengeveld e Mackenzie (2008).

É verdade que a RRG reconhece que pode haver relações de escopo entre categorias qualificacionais dentro de uma mesma camada. No âmbito dos operadores da camada oração, Van Valin e LaPolla (1997, p. 46) afirmam que as relações de escopo seriam: força ilocucionária > evidencialidade > tempo/*status*. No entanto, como os próprios autores mencionam, não há, por exemplo, uma relação de escopo universal entre tempo e modalidade, o que faz com o que o modelo os trate como aproximadamente equivalentes em termos do âmbito de incidência, o que, segundo a GDF, não seria verdade. Como diz Butler (2007, p. 264), a “RRG poderia se beneficiar de uma maior atenção à estratificação dos operadores proposta na GDF”.⁸³

Ainda assim, do que foi exposto acima, percebe-se que cada modelo oferece *insights* valiosos que, somados, ajudam a melhor caracterizar o comportamento da construção *(ser)capaz de/que*.

⁸³ No original: RRG could benefit from closer attention to the stratification of operators proposed in FDG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigou-se a estrutura *(ser) capaz de/que* com o objetivo de descrever os seus diferentes valores modais e a variabilidade de expressão da estrutura complexa na qual figura. O exame mostrou que essa estrutura expressa, no português, diferentes valores modais e que decorrem desses diferentes valores diferentes configurações formais.

Para cumprir as tarefas desta pesquisa, utilizaram-se dois modelos teóricos que concebem as categorias léxico-gramaticais como organizadas hierarquicamente em camadas, quais sejam: a Gramática de Papel e Referência (Van Valin; LaPolla 1997; Van Valin, 2023) e a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015). O recurso a esses dois modelos subsidiou uma descrição e análise hierarquizadas da estrutura investigada, uma vez que, em ambos os modelos, as diferentes categorias modais pertencem a diferentes camadas, de modo que isso teve impacto na expressão dos diferentes complementos de *(ser) capaz de/que*.

As diferenças que existem entre os dois modelos teóricos, conforme apontado no capítulo II, permitiram revelar aspectos diversos da modalidade expressa pela construção *(ser) capaz de/que*. O caráter sintático da estrutura em camadas da RRG permite correlacionar, de forma coerente, os diferentes valores (habilidade e *status*) a diferenças sintáticas na organização da estrutura complexa em termos de níveis de juntura (integração) e tipos de nexos.

O caráter semântico da estrutura em camadas do Nível Representacional da GDF, por outro lado, permite uma caracterização dos valores modais mais precisa da construção, como o reconhecimento do valor modal facultativo e orientado para o evento e dois diferentes tipos de modalidade epistêmica. Essas diferenças semânticas puderam ser também correlacionadas ao comportamento da construção no Nível Morfossintático do modelo, em termos da codificação da Oração subordinada.

Assim, o ganho maior de se ter usado os dois modelos de análise foi ampliar a visão sobre o objeto. A Gramática de Papel e Referência, com a sua teoria da Juntura e do Nexos, viabilizou a identificação de fatos sobre a estrutura complexa organizada pela construção. A Gramática Discursivo-Funcional, partindo de outro ponto de vista, identificou uma variedade bastante robusta de valores modais e sua interação com a categoria de tempo.

Assim, pode-se afirmar que o recurso aos dois modelos teóricos viabilizou uma análise complementar, que resultou em uma caracterização formal da estrutura complexa licenciada por *(ser) capaz de/que* e em uma refinada descrição semântica dessa estrutura.

Apesar da diferença de concepção da estrutura hierárquica da oração, as predições de ambos os modelos são confirmadas na análise da modalidade expressa pela construção — o que reforça a adequação de uma concepção estratificada para a descrição dessa categoria qualificacional.

Espera-se, por fim, que a análise feita nesta pesquisa a partir de duas perspectivas teóricas possa contribuir para os estudos sobre a categoria de modalidade na língua portuguesa e que também possa servir de impulso para que outros trabalhos lancem mão de variados modelos teóricos para se investigar um mesmo fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BASSI, Alessandra; GÖRSKI, Edair Maria. A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM: uma abordagem baseada no uso. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), [S.L.], v. 58, n. 3, p. 593-622, jul. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4>.
- BASTOS, S. D. G.; GALVÃO, V. C. C.; GONÇALVES, S. C. L.; HATTNER, M. M. D.; HENGEVELD, K.; SOUSA, G. C. de; VENDRAME, V. The expressibility of modality in representational complement clauses in Brazilian Portuguese. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 2, 2009.
- BENTLEY, D., MAIRAL, R., NAKAMURA, W., VAN VALIN, R. (eds.). **Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar**. Cambridge University Press, 2023.
- BUTLER, Christopher S. **Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories** (Studies in Language Companion Series 63 and 64). Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 2003.
- BYBEE, Joan L.; PAGLIUCA, W., PERKINS, R. Back to the future. *In*: Elizabeth C. TRAUGOTT & Bernd Heine (eds.), **Approaches to grammaticalization**, Vol. II, 17–58. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- BYBEE, Joan L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the language of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, Joan. **Morphology**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo. **A note on mood, modality, tense and aspect affixes in Turkish**. *In*: Eser Erguvanli Taylan (ed.), *The Verb in Turkish*, 47–59. Amsterdam: Benjamins, 2001.
- CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures**, vol. 4. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- COATES, J. **The expression of Rot and Epistemic Possibility in English**. *In*: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p.55-66, 1995.
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge University Press, 1976.

FILLMORE, Ch., 1968. **The case for case**. In: BACH, E.; HARMS, R.T. (Eds.), *Universals in Linguistic Theory*. Holt, Rinehart and Winston Inc., New York, p. 1–88.

GRÁNDEZ-ÁVILA, Magaly. **A functional approach to the subjectification of facultative meaning: The case of capaz in American Spanish**. MA thesis, University of Amsterdam, 2010.

HATTNER, Marize M. Dall'Aglio. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 98-111, set. 2018.

HATTNER, Marize M. Dall'Aglio. The interaction between tense and evidentials of event perception and deduction in Brazilian Native languages. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (Ed.) **Casebook in Functional Discourse Grammar**. 1^a ed. Amsterdam: John Benjamins, p. 39-66, 2013.

HATTNER, Marize M. Dall'Aglio; HENGEVELD, Kees. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 15, p.1-14, 12 jan. 2016.

HATTNER, Marize Mattos Dall'aglio. Evidential subtypes and tense systems in Brazilian Native Languages. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 159-186, mar. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445018333951224671>.

HEINE, B. **Agent-Oriented vs. Epistemic Modality: Some Observations on German Modals**. In: BYBEE, J. & FLEICHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. p.67-106.

HENGEVELD, K. **A hierarchical approach to grammaticalization**. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (eds.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017.

HENGEVELD, K. **Illocution, Mood and Modality**. In: BOOIJ, G., LEHMANN, C., MUGDAN, J. (eds). *Morphology. A handbook on Inflection and Word Formation*, v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004 p. 1190-1201.

HENGEVELD, K. **The grammaticalization of tense and aspect**. In: Bernd Heine & Heiko Narrog eds, *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 580-594.

HENGEVELD, K. **The hierarchical structure of utterances.** *In:* NUYTS, j., BOLKESTEIN, M., VET, C. Layers and levels of representation in language theory : a functional view, Amsterdam, John Benjamins, 1990, p. 1-25.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar.** A typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. **A functional perspective on the grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality.** *In:* HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (eds.). The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality and Evidentiality from a Functional Perspective. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017.

JOHNSON, M. **A new approach to Clause Structure in Role and Reference Grammar.** DWPIL, 1987.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in functional discourse grammar. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.

KING, A.R. **Review of Bybee.** *In:* FLEISCHMAN, S. (Ed.), Modality in grammar and discourse (Typological Studies in Language 32). Sprach typologie und Universalienforschung 50/2, 1997, p. 362–364.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford University Press, 1987.

LEWIS, Geoffrey L. **Turkish Grammar.** Oxford: Clarendon Press, 1967.

LIN, Chien-hung; CHANG, Jung-hsing. Modality in Taiwan Sign language. *In:* NAKAMURA, Wataru. **New Perspectives in Role and Reference Grammar.** Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2011. p. 246-263.

LYONS, J. **Semantics**, vol. 1. Cambridge University Press, Cambridge, 1977.

MAGALHÃES, Marina. **Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá.** (Família tupí-guaraní). Tese de doutorado em Linguística, Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

MATTHEWS, George Hubert. **Hidatsa Syntax.** The Hague: Mouton, 1965.

MORA-BUSTOS, Armando. Epistemic adverbs and mood alternation. *In:* GUERRERO, Lillíán; CERDA, Sérgio Ibáñez; BELLORO, Valeria. **Studies in Role**

and Reference Grammar. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 425- 445, 1997.

NARROG, Heiko. **Modality in Japanese: The layered structure of the clause and hierarchies of functional categories.** Amsterdam & New York: John Benjamins, 2009.

NARROG, Heiko. Modality, mood, and change of modal meanings – a new perspective. **Cognitive Linguistics** 16(4), 677–731, 2005.

NARROG, Heiko. **Modality, subjectivity, and semantic change: A cross-linguistic perspective.** Oxford. Oxford University Press, 2012.

NARROG, Heiko. On defining modality again. **Language Sciences** 27 (2), 165–192, 2005.

NEVES, Maria Helena de M. H. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 115-145, 2000.

NEVES, Maria Helena de M. **Texto e Gramática.** São Paulo: Editora Contexto, 2018.

NUYTS, J. Analyses of the Modal Meanings. *In*: NUYTS, J.; VAN AUWERA, V. D. **The oxford handbook of mood and modality.** Oxford: Oxford University Press, 2016.

NUYTS, J. Epistemic Modal Adverbs and Adjectives and the Layered Representation of Conceptual and Linguistic Structure. **Linguistics**, v.31, p.933- 69, 1993.

NUYTS, J.; AUWERA, V. D. **The oxford handbook of mood and modality.** Oxford: Oxford University Press, 2016.

OHORI, Toshio. The Structure and Semantics of Complex Sentences. *In*: BENTLEY, D., MAIRAL, R., NAKAMURA, W., VAN VALIN, R. (eds.). **Cambridge Handbook od Role and Reference Grammar.** Cambridge University Press, 2023, p. 525-556.

OLBERTZ, Hella; GASPARINI-BASTOS, Sandra. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions. *In*: J. Lachlan Mackenzie & Hella Olbertz (eds), **Casebook in Functional Discourse Grammar.** 277-300. (Studies in Language Companion Series 137). Amsterdam: John Benjamins, 2013.

OLBERTZ, Hella; HATTNER, Marize M. Dall’Aglío. On objective and subjective epistemic modality again: evidence from Portuguese and Spanish modal auxiliaries *In*: Evelien Keizer & Hella Olbertz (eds), **Recent Developments in Functional Discourse Grammar.** 131-168. (Studies in Language Companion Series 205). Amsterdam: John Benjamins, 2018.

PALMER, F. R. A puzzle about operators: Mood and Modality: Basic Principles. In: BROWN, Keith; MILLER, Jim. **Concise encyclopedia of grammatical categories**. Amsterdam: Elsevier Science Ltd, 1999. p. 229-235.

PALMER, F.R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PETERSON, John. Lexical and Grammatical Categories in RRG. In: BENTLEY, D., MAIRAL, R., NAKAMURA, W., VAN VALIN, R. (eds.). **Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar**. Cambridge University Press, 2023, p. 181-217.

ROBERT VAN VALIN para RELIF. 2021. 1 vídeo (8min16s.). Disponível em: https://youtu.be/H0JcXf_zG-U. Acesso em: 5 maio 2024.

RODRIGUES, Patrícia; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 549, 25 fev. 2019. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.2.549-574>.

SILVA-CORVALÁN, C. **Contextual Conditions for the interpretation of poder and deber in Spanish**. In: BYBEE, J. & FLEICHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. p.67-106.

SOUZA, Cibele Naidhig de. Gramática Discursivo-Funcional, gramaticalização e modalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 25, n. 4, p. 2095, 4 ago. 2017. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.4.2095-2126>.

SWEETSER, E. E. Modality. In: **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: University Press, 1995.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig; GRITTI, Letícia Lemos; KOSLINSKI, Eliza. Algumas considerações semântico-pragmáticas sobre “capaz”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, [S.L.], v. 61, p. 1-25, 23 abr. 2019. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v61i0.8654342>.

VAN DE AUWERA, J.; PLUNGIAN, V. A. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, v. 2, n1, 1988. P. 79-124. <https://doi.org/10.1515/lity.1998.2.1.79>

VAN VALIN, Principles of Role and Reference Grammar. In: BENTLEY, D., MAIRAL, R., NAKAMURA, W., VAN VALIN, R. (eds.). **Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar**. Cambridge University Press, 2023, p. 17-180.

VAN VALIN, R. (ed.). **Advances in Role and Reference Grammar**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, R. (ed.). **Advances in Role and Reference Grammar**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 499-534.

VAN VALIN, R.; WILKINS, D. P. Predicting syntactic structure from semantics. *In*: VAN VALIN, Robert D. Jr. **Exploring the Syntax-Semantics Interface**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAN VALIN, Robert D. Jr.; LAPOLLA, Randy J. **Syntax: Structure, meaning, and function**. Cambridge: CUP, 1997.

VÁZQUEZ-LASLOP, María Eugenia. A puzzle about operators: Spanish modal verbs in present perfect. *In*: GUERRERO, Lilián; CERDA, Sérgio Ibáñez; BELLORO, Valeria. **Studies in Role and Reference Grammar**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 425- 445.

VELASCO, D. G. Raising in Functional Discourse Grammar. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (Ed.) **Casebook in Functional Discourse Grammar**. 1ª ed. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 249-275.